

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE LETRAS E LINGUÍSTICA
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS

CAROLINA FLÁVIA DE HENRIQUE

**A TRADUÇÃO DO MANUSCRITO *AGAMEMNON* E A TEORIA DO VALOR DE
FERDINAND DE SAUSSURE**

Uberlândia - MG

2026

CAROLINA FLÁVIA DE HENRIQUE

**A TRADUÇÃO DO MANUSCRITO *AGAMEMNON* E A TEORIA DO VALOR DE
FERDINAND DE SAUSSURE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia como requisito para obtenção do título de mestre em Estudos Linguísticos.

Área de concentração: Estudos em Linguística e Linguística Aplicada

Linha de Pesquisa: Linguagem, sujeito e discurso

Orientador: Profa. Dra. Eliane Silveira

Uberlândia - MG

2026

Ficha Catalográfica Online do Sistema de Bibliotecas da UFU
com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

H519 Henrique, Carolina Flavia de, 1997-
2026 A TRADUÇÃO DO MANUSCRITO AGAMEMNON E A TEORIA DO
VALOR DE FERDINAND DE SAUSSURE [recurso eletrônico] /
Carolina Flavia de Henrique. - 2026.

Orientador: Eliane Silveira.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia,
Pós-graduação em Estudos Linguísticos.
Modo de acesso: Internet.
DOI <http://doi.org/10.14393/ufu.di.2026.196>
Inclui bibliografia.
Inclui ilustrações.

1. Linguística. I. Silveira, Eliane, 1965-, (Orient.). II. Universidade
Federal de Uberlândia. Pós-graduação em Estudos Linguísticos. III.
Título.

CDU: 801

Bibliotecários responsáveis pela estrutura de acordo com o AACR2:
Gizele Cristine Nunes do Couto - CRB6/2091
Nelson Marcos Ferreira - CRB6/3074

CAROLINA FLÁVIA DE HENRIQUE

**A TRADUÇÃO DO MANUSCRITO *AGAMEMNON* E A TEORIA DO VALOR DE
FERDINAND DE SAUSSURE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia como requisito para obtenção do título de mestre em Estudos Linguísticos.

Área de concentração: Estudos em Linguística e Linguística Aplicada

Uberlândia, 25 de março de 2026.

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Eliane Silveira (UFU)
Presidente - orientadora

Profa. Dra. Stefania Montes Henriques (UFU)

Prof. Dr. Valdir do Nascimento Flores (UFRGS)

Prof. Dr. Israel de Sá (UFU)

Dra. Micaela Pafume Coelho (IFTM/MTE)

*À Elizabeth, Luiz Henrique, Arthur, Bianca, Cecília e Henrique:
o verdadeiro significado de “amor”.*

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, aos meus pais, Elizabeth e Luiz Henrique, por serem meu maior apoio e exemplo de justiça e integridade.

À minha família, *la famiglia Flavio*, por ser tão amorosa e apoiadora de sua “caçulinha”.

Ao meu afilhado e sobrinhos, Arthur, Bianca, Cecília e Henrique, que me inspiram a ser uma pessoa melhor todos os dias.

Às minhas irmãs de vida, Bárbara e Camila, por estarem ao meu lado há tantos anos.

Às amigas que a universidade nos traz e fica para a vida: Luísa e Brunna.

À Renata, obrigada por ter participado diretamente deste trabalho, ajudando-me com os textos e por ser meu “muro das lamentações” sem reclamar.

À Geovana, Rebeca e Marina, amigas encontradas, novamente, na graduação.

À Laís e Heloísa, por me abraçarem nesta jornada “maluca” da pós-graduação.

A todo o Grupo de Pesquisa Ferdinand de Saussure, especialmente aos colegas Eduardo, Leonardo, Pedro Saito, Mirlene, Camila e Ana Paula, pela troca de experiências, aprendizados e risadas às quintas-feiras.

À Luana, minha companheira nesta jornada desde o início. Obrigada por ter estado ao meu lado em todos os momentos e ter feito este processo, de alguma forma, mais leve.

À CAPES, pelo apoio financeiro que fez este projeto ser realizado.

A todo o PPGEL, do secretariado aos professores, pela paciência e aprendizado.

À minha orientadora, professora Eliane, pela paciência, ensinamentos e conselhos.

À banca, pela disponibilidade e atenção para a leitura do meu trabalho.

“Traduzir é como cruzar um rio transportando palavras, imagens, sentimentos, metáforas, ideias, histórias, culturas. Em cada margem está um povo, uma língua, uma cultura, cada qual com seu modo de ver e interpretar o mundo.”

Rainer Schulte

RESUMO

É a reflexão de Saussure sobre a língua que norteia a dissertação, a qual propõe uma investigação sobre as articulações entre a teoria do valor e os Estudos da Tradução. Para tanto, o estudo toma como base a análise do manuscrito *Eschyle. Agamemnon*, que o autor elaborou e que a Biblioteca de Genebra conserva sob a inscrição *Ms. fr. 381/3*. Ao longo das páginas do documento, a pesquisa debruça-se sobre notas e rasuras para entender o esforço de reflexão sobre o texto de partida e a passagem para o idioma de chegada. O foco recai na identificação de trechos que permitam o escrutínio sobre o funcionamento da linguagem na tradução. Busca-se observar de que maneira opções de Saussure podem indicar concepções acerca do signo e da significação. A investigação volta a atenção a anotações de leitura dos versos de Ésquilo e a casos de recusa de soluções de tradução de termo a termo, de modo a questionar se o sentido exige mais do que o isolamento de vocábulos. A partir de tais indícios, este trabalho levanta a hipótese de que, no exercício de tradução, Saussure dedica-se a pensar o valor como efeito das relações de diferença e de oposição entre os signos no interior da língua. Para testar a premissa, a dissertação indaga se a prática de traduzir teria evidenciado a ausência de equivalência de termos entre os idiomas, o que demandaria a busca por soluções de respeito ao funcionamento do idioma de destino. A pesquisa procura estabelecer pontos de diálogo entre esse aspecto e os temas que Saussure desenvolveu em aulas de universidade e que ganharam registro no livro *Curso de Linguística Geral* ([1916] 2012). Na etapa de fechamento, propõe-se uma comparação entre as notas que o manuscrito esboça e as premissas presentes no *Curso* e na edição crítica de Tullio De Mauro (1967). Diante do lapso de tempo e de formulação de ideias entre os dois momentos, o estudo constrói passos de método para demonstrar de que forma a reflexão sobre o ofício de tradução pode ter alimentado a criação de conceitos. O objetivo recai no exame da medida em que fundamentos da teoria do valor se encontravam em germe na prática tradutória, com vistas a abrir vias de diálogo entre a reflexão de linguística e as teorias de tradução.

Palavras-chave: Teoria do Valor; Saussure; Arbitrariedade; *Agamemnon*; Tradução.

RÉSUMÉ

C'est la réflexion de Saussure sur la langue qui guide ce mémoire, lequel propose une investigation sur les articulations entre la théorie de la valeur et les études de la traduction. Pour ce faire, l'étude se base sur l'analyse du manuscrit *Eschyle. Agamemnon*, que l'auteur a élaboré et que la Bibliothèque de Genève conserve sous la cote *Ms. fr. 381/3*. Tout au long des pages du document, la recherche se penche sur les notes et les ratures afin de comprendre l'effort de réflexion sur le texte de départ et le passage vers la langue d'arrivée. L'accent est mis sur l'identification des passages qui permettent d'examiner le fonctionnement du langage dans la traduction. L'objectif est d'observer de quelle manière les choix de Saussure peuvent indiquer des conceptions concernant le signe et la signification. La recherche porte son attention sur les annotations de lecture des vers d'Eschyle et sur les cas de refus de solutions de traduction mot à mot, de manière à se demander si le sens exige davantage que l'isolement des vocables. À partir de tels indices, ce travail soulève l'hypothèse que, dans l'exercice de la traduction, Saussure s'applique à penser la valeur comme un effet des relations de différence et d'opposition entre les signes à l'intérieur de la langue. Pour tester cette prémisse, le mémoire demande si la pratique de traduire aurait mis en évidence l'absence d'équivalence de termes entre les langues, ce qui exigerait la recherche de solutions respectueuses du fonctionnement de la langue cible. La recherche cherche à établir des points de dialogue entre cet aspect et les thèmes que Saussure a développés dans ses cours universitaires et qui ont été consignés dans le livre *Cours de linguistique générale* ([1916] 2012). Dans l'étape de conclusion, il est proposé une comparaison entre les notes que le manuscrit esquisse et les prémisses présentes dans le *Cours* et dans l'édition critique de Tullio De Mauro (1967). Face au laps de temps et à la formulation d'idées entre les deux moments, l'étude construit des étapes méthodologiques pour démontrer de quelle façon la réflexion sur le métier de traduction a pu nourrir la création de concepts. L'objectif consiste à examiner dans quelle mesure les fondements de la théorie de la valeur se trouvaient en germe dans la pratique traductive, en vue d'ouvrir des voies de dialogue entre la réflexion linguistique et les théories de la traduction.

Mots-clés : Théorie de la Valeur ; Saussure ; Arbitraire ; Agamemnon ; Traduction.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Comentário de tradução do segmento 529 de <i>Agamemnon</i> , f.?	63
Figura 2 - Comentário de tradução do segmento 529 de <i>Agamemnon</i> f.? (continuação)	64
Figura 3 - Comentário de tradução do segmento 529 de <i>Agamemnon</i> , f. 2	68
Figura 4 - Comentário de tradução do segmento 529 de <i>Agamemnon</i> , f. 2 (continuação)	69
Figura 5 - Comentário de tradução do segmento 529 de <i>Agamemnon</i> , f. 2 (continuação)	70
Figura 6 - Comentário de tradução do segmento 529 de <i>Agamemnon</i> , f. 3.....	72
Figura 7 - Comentário de tradução do segmento 529 de <i>Agamemnon</i> , f. 3 (continuação).....	73
Figura 8 - Comentário de tradução do segmento 529 de <i>Agamemnon</i> , f. 3 (continuação)	73
Figura 9 - Comentário de tradução do segmento 529 de <i>Agamemnon</i> , f. 4	75
Figura 10 - Comentário de tradução do segmento 529 de <i>Agamemnon</i> , f. 4 (continuação).....	76
Figura 11 - Comentário de tradução do segmento 529 de <i>Agamemnon</i> , p. 4 (continuação)....	77
Figura 12 - Comentário de tradução do segmento 529 de <i>Agamemnon</i> , p. 5.....	79
Figura 13 - Comentário de tradução do segmento 529 de <i>Agamemnon</i> , p. 5 (continuação).....	80
Figura 14 - Comentário e tradução do segmento 529 de <i>Agamemnon</i> , f. 6.....	83
Figura 15 - Tradução do segmento 529 de <i>Agamemnon</i> , f. 6.....	84
Figura 16 - Tradução do segmento 529 de <i>Agamemnon</i> , f. 6 (continuação).....	85
Figura 17 - Comentário de tradução do segmento 529 de <i>Agamemnon</i> , f.?.....	89
Figura 18 - Comentário de tradução do segmento 529 de <i>Agamemnon</i> , f.?.....	92
Figura 19 - Comentário de tradução do segmento 675 de <i>Agamemnon</i> , f. 22	94
Figura 20 - Comentário de tradução do segmento 675 de <i>Agamemnon</i> , f. 22 (continuação).....	95

LISTA DE ABREVIATURAS

CLG	Curso de Linguística Geral
ELG	Escritos de Linguística Geral
TdV	Teoria do Valor
<i>Arch.</i>	<i>Archives Ferdinand de Saussure</i>
3C	<i>Troisième Cours de Linguistique Générale</i>
BGE	Biblioteca Pública de Genebra

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	18
Capítulo 1 - Saussure, a tradução e a língua grega	20
1.1 Saussure e a língua grega	21
1.2 Saussure e a tradução de <i>Agamemnon</i>	27
1.3 Saussure e a tradução	32
Capítulo 2 – A arbitrariedade do signo e a teoria do valor	38
2.1 A arbitrariedade do signo	39
2.2 A teoria do valor	50
Capítulo 3 – O manuscrito <i>Agamemnon</i> como prática de tradução e observação do valor linguístico	60
3.1 O manuscrito <i>Agamemnon</i> como espaço de elaboração: critérios de transcrição e leitura	60
3.2 Tradução: reformulação e o valor linguístico no manuscrito <i>Agamemnon</i>	63
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	100
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	102

1 INTRODUÇÃO

A reflexão sobre o ofício de tradução ocupa um lugar de recorrência nos escritos de Ferdinand de Saussure. Ao longo de suas elaborações teóricas, o confronto entre línguas surge como ocasião para o exame das unidades, das relações entre formas e dos efeitos de sentido. Mais do que uma atividade secundária, a prática de traduzir afigura-se como espaço em que problemas de fundo do funcionamento da língua ganham relevo de observação.

Nesse sentido, neste trabalho nos debruçamos sobre o manuscrito de Ferdinand de Saussure catalogado por Rudolf Engler (1996) como *Eschyle, Agamemnon* (*Arch. de Saussure*, 381/3), datado de 1896-1897¹ e preservado na Biblioteca de Genebra (BGE) com acesso online aberto. O documento possui 69 folhas e são relativas a uma tradução feita por Saussure da peça de Ésquilo de nome *Agamemnon*. Na crítica especializada, o manuscrito já foi objeto de análise por Quijano & Montoya (2008) e Flores (2021), que exploram como a prática tradutória e pedagógica do linguista articula com suas elaborações sobre a linguística geral. O interesse pelo material nasce da possibilidade de observar Saussure no ofício de delimitação de unidades e de comparação de formas. Não destinado à publicação, as páginas manuscritas expõem hesitações e retomadas. A investigação procura acompanhar o esforço de ajuste das formas do idioma de destino às relações de sentido no texto de origem.

A hipótese de guia do trabalho assume que, no manuscrito *Agamemnon*, repousa um rudimento da noção de valor. A observação de rasuras e de escolhas de tradução levanta a indagação de se Saussure recusa o tratamento das unidades como elementos com sentido de origem. O trabalho questiona se o ato de traduzir expõe a falta de equivalência de termo a termo entre os idiomas, o que reforçaria o reconhecimento de que cada língua estabelece delimitações de fronteiras por conta própria. A premissa sugere que o confronto com o idioma estrangeiro instiga a percepção de que o sentido de uma forma resulta das relações de oposição com outras unidades na interioridade da língua. Sob esse prisma, o estudo não impõe a teoria do valor como ferramenta de execução de fora para dentro; a proposta consiste em investigar se os traços da noção de valor emergem da própria lida com as palavras na folha de papel.

O idioma grego assume papel de relevo nesse percurso. Desde os trabalhos de gramática comparada até as notas de preparação para aulas, o grego faz-se presente como idioma de trabalho a partir do qual Saussure nota as relações de diferença e formula hipóteses sobre a linguagem. No exercício com o *Agamemnon*, o problema de tradução mistura-se com o

¹ Ver Quijano & Montoya, 2008, pp. 181-182.

problema da identidade das unidades. A tentativa de verter os versos de Ésquilo opõe a resistência à busca por equivalência de garantia prévia. Esse impasse convida ao trabalho de comparação, o que pode representar, no limite, um exercício obre a natureza de relação das línguas.

Diante de tais impasses, esta dissertação propõe examinar de que modo o manuscrito abre vias de discussão para a gênese de noções de fundação do pensamento de Ferdinand de Saussure. O percurso de pesquisa orienta-se pelas seguintes perguntas de norte: i) como o ofício de tradução, nas páginas do manuscrito, oferece base de observação para a noção de valor? ii) de que forma o princípio da arbitrariedade ganha contornos de visibilidade no confronto entre formas durante o ato de traduzir? iii) em que medida as notas de *Agamemnon* permitem criar pontes entre o diálogo entre a prática de tradução e os impasses da linguística geral?

Para buscar respostas a tais perguntas, no Capítulo 1, *Saussure, a tradução e a língua grega*, explora os laços de aproximação entre as formulações do linguista e os Estudos da Tradução. Ao debruçar-se sobre as notas de *Agamemnon*, a seção propõe examinar a relevância idioma grego na formação intelectual de Saussure e o próprio ofício de traduzir não como peças de arquivo, mas como terreno de teste em que procedimentos de análise da língua ganham fixação.

O Capítulo 2, *A arbitrariedade do signo e a teoria do valor*, debruça-se sobre os conceitos a partir da leitura do Curso de Linguística Geral² e em estudos da literatura especializada. O objetivo é discutir como o vínculo entre arbitrariedade e valor põe em xeque a ideia de correspondência de constância entre os idiomas.

E por fim, o Capítulo 3, *O manuscrito Agamemnon como prática de tradução e observação do valor*, mergulha no *fac-símile* do documento. Busca-se analisar as notas de margem, as reformulações e rasuras com vistas a averiguar se a prática tradutória confere visibilidade aos deslocamentos de valor e contribui para a discussão das noções examinadas nos capítulos anteriores.

Com esse percurso, buscamos pavimentar uma leitura em que o ato de traduzir funcione em articulação com o pensamento de Saussure sobre a língua. A investigação visa indagar se a tensão de fronteira entre os idiomas constrói campo de visão para problemas de recorte de unidades, de relações de oposição entre as formas e da própria determinação do valor.

² Doravante: *CLG*.

Capítulo 1 – Saussure, a tradução e a língua grega

“[...] E é nisso que a abordagem de Saussure, que não encontra equivalente na época moderna, mais se aproxima dos comentários antigos. [...]” *Pierre-Yves Testenoire, 2010, p. 231*³

Este capítulo toma como produto de partida a presença da língua grega no percurso intelectual de Ferdinand de Saussure para interrogar o lugar que ela ocupa em sua reflexão sobre a língua e, em particular, na consideração da tradução. Perguntamo-nos aqui qual a importância do grego para o linguista, especialmente no que tange às práticas de leitura, comparação e reformulação que acompanham seu trabalho ao longo de diferentes momentos. Mais do que um simples repertório filológico, o grego aparece como um espaço de observação, a partir do qual se tornam visíveis certas operações analíticas fundamentais, cuja natureza e alcance serão examinados ao longo do capítulo.

É no confronto prolongado com o grego antigo que Saussure parece encontrar um terreno propício à observação das relações envolvidas no funcionamento da língua. Desde os escritos juvenis, passando pelos trabalhos em linguística comparada, pelos manuscritos sobre os anagramas e pelos cursos, a atenção dedicada às formas gregas permite acompanhar a recorrência de um mesmo modo de trabalho, que não se orienta pela identificação de entidades isoladas, mas por procedimentos de comparação, reajuste e deslocamento das formas no interior de conjuntos relacionais.

Nesse percurso, a tradução não aparece como atividade lateral nem como aplicação de uma reflexão linguística previamente estabilizada. A tradução de *Agamemnon* de Ésquilo, em especial, integra-se a esse mesmo gesto de trabalho. Sem visar à fixação de um texto acabado, o manuscrito tradutório constitui um espaço de elaboração no qual leitura filológica, comparação entre línguas e reformulação das formas se articulam de maneira contínua. Traduzir implica, nesse quadro, um trabalho sobre as relações que produzem o sentido, e não a simples passagem de unidades de uma língua a outra.

Ao articular, neste capítulo, a relação de Saussure com a língua grega, sua prática tradutória e as formas de recepção dessas questões na literatura especializada, busca-se evitar tanto uma apresentação fragmentária quanto uma leitura retrospectiva que projete sobre os textos saussurianos formulações teóricas consolidadas. As diferentes ocorrências em que

³ Original: “[...] *Et c’est en cela que la démarche de Saussure, qui ne trouve pas d’équivalent à l’époque moderne, se rapproche le plus des commentaires anciens.*”

Saussure se ocupa do grego são, assim, tratadas como momentos situados de elaboração, sem pressupor uma unidade teórica prévia, mas observando de que modo certos problemas são retomados, deslocados e reformulados ao longo do tempo. O percurso proposto acompanha, desse modo, a coerência interna de um modo de trabalho no qual práticas filológicas, comparativas e tradutórias convergem para um mesmo modo de pensar o funcionamento da língua. É a partir desse encadeamento que se organizam os subitens do capítulo. O exame da relação de Saussure com o grego antigo conduz à análise da tradução do *Agamemnon*; esta, por sua vez, permite situar a tradução como prática linguística e, finalmente, discutir os modos pelos quais a obra saussuriana foi mobilizada nos Estudos da Tradução. em todos os casos, o objetivo não é descrever objetos isolados, mas compreender como o confronto entre formas constitui um princípio recorrente de observação da língua.

1.1 – Saussure e a língua grega

A relação de Ferdinand de Saussure com a língua grega não se limita a um dado biográfico nem a um repertório erudito mobilizado de forma acessória. Ela se inscreve no próprio processo de formulação dos problemas que atravessam sua reflexão linguística, em diferentes momentos de seu percurso, desde os escritos juvenis até os cursos finais. Ao longo desse trajeto, o grego comparece como língua de trabalho, isto é, como um domínio a partir do qual Saussure observa diferenças, procede à delimitação de unidades e experimenta hipóteses sobre o funcionamento da língua.

Este subcapítulo examina a relação de Ferdinand de Saussure com a língua grega como um elemento constitutivo de sua reflexão linguística, tal como ela pode ser reconstruída a partir dos estudos críticos sobre sua obra. Conforme observa Joseph ([2012] 2023, pp. 219, 322-323), o contato prolongado com o grego não restringe a uma etapa inicial de formação filológica, mas atravessa diferentes momentos do percurso intelectual do autor, dos primeiros trabalhos comparatistas aos cursos finais de linguística geral. À luz dessas leituras, o grego aparece recorrentemente como um domínio privilegiado de observação, no qual se tornam visíveis operações envolvidas na organização da língua em termos de relações.

É nesse confronto contínuo com o grego que se delineia, segundo Joseph, uma concepção da língua fundada na primazia das diferenças e na articulação entre forma sonora e significação, anterior à formulação apresentada no *Curso de Linguística Geral*. Nesse percurso, a tradução não se apresenta como atividade marginal, mas integra-se ao mesmo gesto analítico que oriente o trabalho saussuriano com os dados linguísticos. Ao inscrever-se na continuidade

desse modo de observação, a prática tradutória participa da elaboração das noções centrais da reflexão saussuriana, funcionando como um espaço no qual as relações entre línguas e os deslocamentos de valor se tornam particularmente visíveis.

Para tanto, este subcapítulo apoia-se sobretudo em leituras críticas, propostas pela literatura especializada do *Essai* ([1872] 1978), ao *Mémoire* (1879) e aos cursos de linguísticas geral editados por Engler ([1968] 1989), organizadas segundo uma progressão cronológica e apenas em situações específicas em que esses materiais são mobilizados, descritos e problematizados pelos estudiosos da obra saussuriana. Esses movimentos permitem acompanhar a constituição de um modo de reflexão sobre a língua fundado em relações diferenciais, no qual o grego ocupa lugar central. Especialmente destacamos as pesquisas anagramáticas, examinadas a partir de Starobinski (1971) e Testenoire (2010), que evidenciam a continuidade da atenção às sequências fônicas nos textos antigos e as contribuições de Morpugo Davies (2004), Joseph ([2012] 2023) e Lo Piparo (2007) que permitem situar esse percurso e compreender a presença do grego como eixo de elaboração conceitual, fundamentado para a análise da tradução no subcapítulo seguinte.

Joseph ([2012] 2023) observa que Ferdinand de Saussure, no *Mémoire sur le système primitif des voyelles dans les langues indo-européennes*⁴ (1879), já opera segundo essa orientação. Ao examinar as alternâncias vocálicas a partir de dados gregos, Saussure mostra que o comportamento das vogais não se explica por propriedades isoladas, mas pelas relações que mantêm com outras formas no interior de um conjunto.

O grego desempenhou um papel decisivo no pensamento de Saussure desde muito cedo. Foi através do grego, mais do que de qualquer outra língua, que ele compreendeu que as unidades linguísticas não possuem valor em si mesmas, mas apenas através das suas relações com outras unidades. (Joseph, [2012] 2023, p. 278)

O interesse pelo grego, nesse momento, não se confunde com a descrição de uma língua particular, mas com a possibilidade de observar um modo de funcionamento no qual as diferenças são constitutivas. Essa orientação pode ser identificada, ainda que de forma provisória, em trabalhos anteriores ao *Mémoire*, entre eles o *Essai pour réduire les mots du grec, du latin et de l'allemand à un petit nombre de racines*⁵ (1872).

Joseph ([2012] 2023) observa que, no *Essai*, Ferdinand de Saussure organiza séries consonantais nas três línguas segundo critérios articulados. Desde a abertura do texto, ele

⁴ Doravante: *Mémoire*.

⁵ Doravante: *Essai*.

delimita o estatuto e sua proposta: “[...] este capítulo não tem nenhuma pretensão de criar teorias; é simplesmente um andaime provisório. [...]” (*Essai*, [1872] 1978, p. 77 – tradução nossa)⁶. Essa advertência não diminui o alcance do procedimento adotado. Ao reunir guturais, labiais e dentais, o linguista opera uma classificação na qual cada elemento só se deixa apreender por sua posição relativa no conjunto.

A transcrição do *Essai*, publicada nos *Cahiers Ferdinand de Saussure*⁷, permite acompanhar esse gesto em sua materialidade gráfica. As consoantes gregas são apresentadas antes das latinas e germânicas (K, Γ, X, Ξ; Π, B, Φ, Ψ, M; T, Δ, Θ, Z, Σ, N), orientando a comparação. Essa mesma orientação reaparece nos cursos de linguística geral lecionados pelo linguista.

O grego não é mobilizado para confirmar uma teoria já formulada, mas para tornar visíveis um modo de funcionamento que só se deixa perceber na comparação entre formas. Essa continuidade entre os escritos juvenis e os cursos finais é decisiva. No *Essai*, a classificação das consoantes e reflexão sobre a origem articulatória dos sons já indicam que a língua não se define por substâncias isoladas, mas por diferenças progressivamente instituídas. No *Troisième Cours*⁸, essa intuição é formulada de maneira conceitual quando Saussure afirma que: “[...] na língua não existem senão diferenças. Nenhuma unidade linguística pode ser definida positivamente. [...]” (3C, [1910-1911] 2005, p.36 – tradução nossa)⁹.

Testenoire (2010) insiste que a passagem de um momento a outro não implica o afastamento do grego, mas a manutenção desse domínio como espaço privilegiado de observação. A pesquisa anagramática confirma esse papel, na medida em que, ao analisar versos da *Iliada* e da *Odisseia*, Saussure não busca sentidos ocultos, mas regularidades fônicas que organizam a composição poética:

O anagrama não está, na teoria de Saussure, a serviço de uma leitura críptica da obra. Nisso, ele se distingue do uso mais frequentemente feito do anagrama tradicional e de seus avatares na Antiguidade, na Renascença – sob a influência dos métodos cabalísticos – ou hoje, com, por exemplo, os trabalhos de Françoise Bader sobre a poesia grega arcaica. Em Saussure, o anagrama não está submetido à ideia segundo a qual os textos conteriam um segredo, um sentido oculto que seria preciso desvendar. O anagrama saussuriano não

⁶ Original: “[...] Ce chapitre n’a aucune prétention de faire des théories; c’est simplement un échafaudage provisoire. [...]”

⁷ *Cahiers Ferdinand de Saussure* (1978), nº 32.

⁸ Doravante: 3C.

⁹ Original: “[...] Dans la langue il n’y a que des différences. Aucune unité linguistique ne peut être définie positivement. [...]”

entrega um sentido outro, secundário em relação ao do texto efetivo. (Testenoire, 2010, p. 222 – tradução nossa)¹⁰

Nesse quadro, as pesquisas anagramáticas ocupam um lugar preciso na continuidade do modo de trabalho de Saussure com a língua grega. O estudo de Jean Starobinski (1971), *Les mots sous les mots. Les anagrammes de Ferdinand de Saussure*, constitui uma contribuição decisiva para a compreensão dessa dimensão do pensamento saussuriano. Ao examinar os manuscritos dedicados aos anagramas na poesia indo-europeia, com atenção particular à tradição grega e latina, Starobinski mostra que essas pesquisas não representam um desvio marginal em relação à linguística geral, mas prolongam uma atenção constante às relações entre forma sonora e produção do sentido.

Sem se apresentar como uma faceta excêntrica ou como exercício meramente erudito, o trabalho sobre os anagramas evidencia a persistência de uma interrogação que atravessa toda a reflexão de Saussure: a articulação entre o plano fônico e a significação. Como observa Starobinski (1971), trata-se de uma “[...] tensão entre o sentido e o som, uma interrogação sobre as ligações profundas entre a forma fonética e a significação. [...]” (Starobinski, 1971, p. 29 – tradução nossa)¹¹. Essa tensão não se orienta pela identificação de conteúdo tomados como prévios, mas pela identificação de regularidades que organizam o material sonoro do poema, de modo comparável às restrições métricas.

Nesse sentido, Starobinski (1971) insiste em que Saussure não procura mensagens cifradas nem jogos arbitrários, mas uma imposição fônica específica, historicamente situada, cuja existência exigira confirmação externa na tradição poética antiga. Como afirma o autor: “[...] só se encontra aquilo que se procurou, e Saussure procurou uma imposição fonética acrescentada à métrica tradicional do verso [...]” (Starobinski, 1971, p. 124 – tradução nossa)¹². A pesquisa anagramática inscreve-se, assim, no mesmo gesto de observação das diferenças e das recorrências que caracteriza o trabalho de Saussure com o grego desde os escritos juvenis.

Essa leitura permite também precisar a natureza da análise saussuriana dos textos antigos. Ao examinar poemas atribuídos a autores como Homero ou Quinto Ênio, Saussure

¹⁰ Original: “[...] L’anagramme n’est pas, dans la théorie de Saussure, au service d’une lecture cryptique de l’œuvre. En cela, il se démarque de l’usage le plus souvent fait de l’anagramme traditionnelle et de ses avatars dans l’Antiquité, à la Renaissance – sous l’influence des méthodes cabalistiques – ou aujourd’hui, avec, par exemple, les travaux de Françoise Bader sur la poésie grecque archaïque¹⁴. Chez Saussure, l’anagramme n’est pas soumis à l’idée selon laquelle les textes contiendraient un secret, un sens caché qu’il s’agirait de dévoiler. L’anagramme saussurien ne livre pas un sens autre, second par rapport à celui du texte effectif.. [...]”

¹¹ Original: “[...] tension entre le sens et le son : une interrogation sur les liens profonds entre forme phonétique et signification. [...]”

¹² Original: “[...] on ne trouve que ce que l’on a cherché, et Saussure a cherché une imposition phonétique ajoutée à la métrique traditionnelle du vers. [...]”

parte da hipótese de que determinadas palavras-fonte – frequentemente associadas a nomes próprios ou divindades – reaparecem no verso sob a forma de sequências fônicas próximas, distribuídas ao longo do texto. O interesse não recai sobre o valor semântico isolado dessas ocorrências, mas sobre a maneira como ela participam da organização sonora do poema. Tal procedimento confirma a centralidade da dimensão fônica na reflexão saussuriana e reforça a recusa de uma concepção da língua como simples nomenclatura.

Anne Morpurgo Davies (2004), ao analisar a contribuição de Ferdinand de Saussure para a linguística indo-europeia, mostra que o *Mémoire sur le système primitif des voyelles dans les langues indo-européennes*, desempenha papel central no desenvolvimento da teoria laríngea e na elaboração de uma concepção da linguagem fundada na noção de forma como relação. Nesse sentido, a autora evidencia que a atenção às formas e às relações que as constituem encontra um ponto de articulação privilegiado nos trabalhos de linguística comparada. Segundo a autora:

A história posterior das realizações de Saussure é bem conhecida e tem sido frequentemente relatada. As conclusões tiveram aceitação parcial pelos contemporâneos, que, no entanto, consideravam-nas demasiadamente matemáticas e abstratas para convencerem plenamente. [...] (Morpurgo Davies, 2004, p. 21 – tradução nossa)¹³

Essa continuidade – do *Essai* ao *Mémoire*, dos manuscritos anagramáticos aos cursos – permite compreender por que o interesse de Saussure pela língua grega não se limita à filologia nem à linguística comparada. A tradução não se reduz a um exercício pedagógico nem se inscreve como derivação de uma teoria já constituída; ela participa do mesmo gesto analítico que orienta sua reflexão sobre a língua.

Lo Piparo (2007) mostra que a atenção às sequências sonoras do grego arcaico reforça a centralidade da dimensão fônica e a recusa de uma concepção da língua como nomenclatura. Essa prática converge com a reflexão terminológica desenvolvida por Saussure, tal como examinada pelo autor. Ao recuperar manuscritos nos quais Saussure experimenta os termos *sème*, *aposème* e *parasème*¹⁴, o autor aponta que a expressão verbal é pensada como uma totalidade relacional, inseparável de suas duas faces:

¹³ Original: “The later history of Saussure’s achievements is well known and has often been related. The conclusions had partial acceptance by the contemporaries who nevertheless thought that they were all too mathematical and too abstract to carry full conviction [...]”

¹⁴ *Sème*: designa o signo linguístico considerado como um todo, uma unidade abstrata e indivisível. Não é nem som nem conceito isoladamente, mas a entidade teórica que resulta da associação indissociável entre ambos. *Aposème*: corresponde ao aspecto sonoro do *sème*. É a face fônica do signo, aquilo que será posteriormente chamado de *significante*, mas pensado sempre como um recorte analítico do todo, não como elemento autônomo. *Parasème*: corresponde ao aspecto conceitual do *sème*. É a face semântica ou mental do signo, próxima ao que depois se chamará *significado*, igualmente dependente do todo-signo. (COSENZA, Giuseppe. As estratégias

[...] nela, respira-se um ar teórico que recorda os problemas enfrentados por Saussure. As correspondências são praticamente literais até mesmo nos detalhes. Por exemplo, a natureza incorpórea (decalque de *asômaton*) do significado linguístico é retomada por Saussure nos mesmos termos que os estoicos, em uma das páginas de certos manuscritos descobertos por acaso em 1996. (Lo Piparo, 2007, pp. 145-146 – tradução nossa)¹⁵

Assim, a presença do grego na reflexão saussuriana não se limita à filologia nem à erudição clássica. Ela participa da constituição de um modo de pensar a língua em que as unidades não possuem valor por si mesmas, mas apenas pelas relações que mantêm entre si. Do *Essai* ao *Troisième Cours*, passando pelo *Mémoire* e pelos manuscritos anagramáticos, o grego funciona como um domínio no qual essa concepção se deixa observar e testar.

Essa continuidade – do *Essai* o *Mémoire*, das pesquisas anagramáticas aos cursos finais – permite compreender a presença do grego na reflexão saussuriana não como um domínio especializado, mas como um meio de observação do funcionamento da língua. O trabalho com o grego antigo oferece a Saussure um conjunto de dados no qual se tornam observáveis operações de delimitação das unidades, de organização das formas e de produção do sentido por relações diferenciais. O grego funciona, assim, como língua de trabalho, a partir da qual a língua pode ser examinada em seu modo de funcionamento relacional.

É nesse quadro que a tradução pode ser situada não como atividade exterior à reflexão linguística, mas como parte do mesmo modo de observação. Traduzir implica deslocar formas entre línguas distintas e examinar as modificações que esse deslocamento produz na organização dos valores. A tradução não se funda na transferência de unidades tomadas como estáveis, mas na reorganização das relações que sustentam o valor das formas em cada língua.

A prática tradutória de Saussure, tal como se manifesta no manuscrito *Agamemnon*, inscreve-se nessa continuidade. O gesto tradutório não se apresenta como etapa posterior à análise do texto grego nem como operação subordinada a um conjunto teórico previamente constituído. Ele se desenvolve de maneira concomitante à leitura filológica e à comparação entre línguas, constituindo um espaço no qual se examinam as relações que condicionam a produção do sentido. Traduzir consiste, nesse caso, em testar deslocamentos de valor no confronto entre línguas distintas.

terminológicas de Saussure. ReVEL, edição especial, vol. 20, n. 19, 2022. Tradução de Rafael Ferreira da Silva e José Juliano Moreira dos Santos [www.revel.inf.br] - adaptado).

¹⁵ Original: “[...] On y respire un air théorique qui rappelle les problèmes affrontés par Saussure. Les correspondances sont pratiquement littérales même dans les détails. Par exemple, la nature *incorporelle* (calque de *ajswvmaton*) du signifié linguistique est reprise par Saussure dans les mêmes termes que les Stoïciens dans une des pages de certains manuscrits découverts par hasard en 1996.”

Dessa forma, a relação entre a língua grega e a tradução não se organiza por justaposição temática, mas por continuidade metodológica. O princípio que orienta o trabalho de Saussure com o grego – segundo o qual as unidades não possuem valor fora das relações que as definem – sustenta igualmente sua prática tradutória. É a partir dessa articulação que se torna possível examinar, no subcapítulo seguinte, a tradução de *Agamemnon* como parte integrante de sua reflexão sobre o funcionamento da língua.

1.2 – Saussure e a tradução de *Agamemnon*

A tradução de *Agamemnon* de Ésquilo, realizada por Ferdinand de Saussure, não constitui um episódio isolado nem um simples exercício pedagógico vinculado à sua atividade docente em Genebra. Ela se inscreve em continuidade com o trabalho desenvolvido ao longo de sua relação com a língua grega e deve ser compreendida como parte de um mesmo gesto intelectual: observar a língua por meio do confronto entre formas, examinando como o sentido se produz a partir de relações, e não de unidades tomadas isoladamente.

Este subcapítulo analisa a tradução manuscrita do *Agamemnon* como parte integrante do trabalho linguístico de Saussure, e não como uma atividade orientada à publicação ou dissociada de sua reflexão teórica. Realizada no âmbito de um curso, essa tradução configura-se como um espaço de investigação no qual se articulam leitura filológica, comparação entre línguas e reformulação tradutória. O gesto tradutório não sucede à análise do texto grego, mas se desenvolve em paralelo à avaliação das fontes, à correção de variantes e à reconstrução de passagens, evidenciando uma prática em que traduzir implica testar relações e observar deslocamentos de valor. O manuscrito revela, assim, um modo de trabalho marcado pelo caráter processual e exploratório das soluções adotadas, em consonância com outras frentes da reflexão saussuriana, e permite compreender a tradução do *Agamemnon* como um prolongamento das reflexões sobre o funcionamento da língua e sobre o valor linguístico.

Apoiamo-nos, então, em trabalhos que fundamentam a análise da tradução do *Agamemnon*. O ponto de partida é o artigo de Saussure (1881)¹⁶ sobre o nome *Agamemnōn*, que evidencia um interesse inicial pelas relações fonéticas e morfológicas do grego. O *CLG* ([1916] 2012) fornece o enquadramento conceitual a partir do qual a tradução pode ser pensada em termos de valor. Os estudos de Quijano (2008) e de Quijano & Montoya (2008) permitem compreender o manuscrito como um material de trabalho no qual tradução, filologia e reflexão linguística se articulam. Por fim, Flores (2021) reinscreve esse manuscrito no conjunto das

¹⁶ Joseph [2012] 2023 (pp. 373-386).

práticas saussurianas, destacando a tradução como parte integrante do modo de trabalho de Saussure.

As análises de Quijano & Montoya (2008) mostram que o manuscrito *Agamemnon* não corresponde a uma tradução orientada para a publicação, mas a um espaço de trabalho no qual se articulam leitura filológica, comparação linguística e reformulação tradutória. As autoras insistem no caráter processual desse material, ressaltando que o texto francês não pode ser separado das notas, rasuras e inserções que o acompanham:

[...] Primeiramente, Saussure luta com a tradução da comparação entre o óleo-vinagre e os vencedores-vencidos, à qual ele parece querer dar a estrutura de um ditado e, ao fazê-lo, nota uma especificidade da língua [...] que o leva a corrigir a cópia grega, o que, em seguida, lhe permite redigir melhor a imagem em francês. Por fim, ele revê a ordem das ideias a serem expostas aos estudantes, inscrevendo indicações metadiscursivas em suas notas, incluindo o famoso *TSVP* ['vire, por favor'] que tanto intrigou os saussurianos em certos manuscritos. (Quijano & Montoya, 2008, p. 185 – tradução nossa)¹⁷

Quijano (2008) observa que essa caracterização permite afastar a leitura segundo a qual a tradução de *Agamemnon* teria apenas uma função pedagógica. Embora o trabalho tenha sido realizado no âmbito de um curso universitário, ele mobiliza procedimentos que não se limitam à explicação didática do texto. Saussure intervém no texto grego, avalia a qualidade das cópias disponíveis, propõe correções e reconstrói passagens lacunares, o que evidencia um envolvimento direto com os problemas ligados à transmissão e à materialidade do texto antigo:

[...] O filólogo analisa a validade da própria cópia da tragédia e permite-se corrigi-la (provavelmente a cópia que Jules Nicole havia escolhido), levando em conta as possibilidades de erros dos copistas, acrescentando vírgulas e sinais de pontuação onde julgava necessário e propondo suas próprias interpretações filológicas sobre como teria sido o original (186-188). O linguista reconstrói as lacunas dos manuscritos: todas as cópias conhecidas da tragédia, ainda na atualidade, estão incompletas e várias interpretações têm sido propostas para alguns trechos. [...] (Quijano, 2008, pp. 120-121 – tradução nossa)¹⁸

¹⁷ Original: “[...] D'abord Saussure se bat avec la traduction de la comparaison entre l'huile-vinaigre et les vainqueurs-vaincus, à laquelle il semble vouloir donner la structure d'un diction et, cela faisant, il remarque une spécificité de langue [...] qui le mène à corriger la copie grecque, ce qui ensuite lui permet de mieux rédiger l'image en français. Pour finir, il revoit l'ordre des idées à exposer aux étudiants en inscrivant des indications métadiscursives sur ses notes, dont le fameux TSVP qui a tant intrigué les saussuriens dans certains manuscrits.”

¹⁸ Original: “[...] El filólogo analiza la validez de la copia misma de la tragedia y se permite corregirla (probablemente fuera la copia que había escogido Jules Nicole) tomando en cuenta las posibilidades de errores de los copistas, añadiendo comas y signos de puntuación donde e stimaba que se necesitaban y proponiendo sus propias interpretaciones filológicas sobre cómo pudo haber sido el original (186-188). El lingüista reconstruye los vacíos de los manuscritos: todas las copias que se conocen de la tragedia, aún en la actualidad, están incompletas y se han propuesto varias interpretaciones sobre algunos passajes. [...]”

Esse trabalho filológico não antecede a tradução como uma etapa autônoma; ele se desenvolve em paralelo ao gesto tradutório. Traduzir implica, nesse caso, confrontar variantes, ponderar escolhas formais e testar soluções reorganizam o conjunto das relações linguísticas. A tradução aparece, assim, como um meio de investigação, e não como simples transposição entre línguas.

Valdir Flores (2021) destaca esse aspecto ao observar que, nos manuscritos de *Agamemnon*, encontram-se não apenas versões do texto, mas um conjunto de notas preparatórias e observações que revelam uma prática tradutória inseparável da reflexão linguística:

[...] Em resumo, nesses manuscritos, pode-se encontrar um conjunto de notas preparatórias para um curso, acompanhadas de observações filológicas e pedagógicas, nas quais a tradução se articula diretamente à reflexão sobre a língua. [...] (Flores, 2021, p. 144)

O manuscrito funciona, assim, como espaço de experimentação no qual Saussure testa possibilidades, recua, reformula e compara, mantendo sempre visível o caráter provisório das soluções adotadas. Esse modo de proceder encontra eco em outras frentes de seu trabalho. Assim como nos manuscritos anagramáticos ou nos escritos juvenis, o trabalho com *Agamemnon* não visa fixar definitivamente uma forma, mas explorar as condições sob as quais certas relações se tornam pertinentes.

Saussure, no CLG, permite ler a tradução de *Agamemnon* como prolongamento de suas reflexões sobre o valor linguístico. Ao deslocar uma unidade de um conjunto de relações – o grego trágico – para outro – o francês –, o gesto tradutório torna observável que nenhuma forma conserva seu valor fora das relações que a definem. Essa constatação, implicada no próprio trabalho de tradução, converge com a formulação segundo a qual “[...] unidade linguística é uma coisa dupla, constituída da união de dois termos. [...]” (Saussure, [1916] 2012, p. 106).

O interesse de Saussure pelo *Agamemnon* não se limita, portanto, ao texto trágico enquanto obra literária. Ele se estende às formas da língua grega em seu funcionamento. Um indício disso encontra-se no estudo publicado em 1881 sobre o nome *Agamemnōn*, no qual o linguista analisa a forma do antropônimo a partir de relações fonéticas e morfológicas:

As duas últimas sílabas do nome devem ter sido primitivamente *-menmōn*; a dificuldade de articulação provocou a inversão de *n* e *m*, o que explica por que a lei fonética *nm* > *mm* não se aplica a este caso. (Saussure, 1881, p. 137 – tradução nossa)¹⁹

¹⁹ Original: “[...] Les deux dernières syllabes du nom ont dû être primitivement *-menmōn*; la difficulté de l’articulation a provoqué l’intervention de *n* et *m*, ce qui explique que la loi phonétique *nm* > *mm* ne s’y applique pas. [...]”

A observação segundo a qual as duas últimas sílabas do nome teriam sido primitivamente *-menmōn*, e de que a dificuldade articulatória teria provocado a inversão de *n* e *m*, é particularmente reveladora do modo como Saussure concebe o funcionamento da língua. Ao explicar a forma atestada a partir de um reajuste motivado por condições articulares, em lugar de trata-la como exceção arbitrária à lei fonética *nm* > *mm*, Saussure desloca a análise da regularidade mecânica para as relações efetivamente observáveis entre as formas. O que se evidencia, nesse gesto, não é a suspensão da lei, mas a necessidade de compreendê-la no interior de um sistema no qual fatores articulatórios, distribuição fônica e estabilidade das sequências intervêm na configuração das unidades. A lei fonética não opera, assim, como princípio absoluto aplicado de maneira cega, mas como regularidade cuja validade depende das condições relacionais que tornam uma forma possível e reconhecível no conjunto da língua.

A pertinência de ler o laboratório saussuriano à luz dos desafios tradutórios contemporâneos ganha contornos quando confrontamos a teoria com a práxis de quem hoje traduz o texto antigo. O diagnóstico de tradutores e helenistas, como o brasileiro Trajano Vieira, corrobora a perspectiva de que a poética esquiliana, na sua transição da matéria épica para o drama, resiste a tentativa de domesticação ou equivalência. Ao refletir sobre o seu próprio ofício, Vieira (2012) assinala que:

Diferentemente de Sófocles, cujos personagens e particularmente os coros manifestam introspecção solene, reflexão serena sobre os dissabores do destino e sobre a precariedade da experiência, Ésquilo tende ao conflito patético e contundente. Sua linguagem não traz a marca do distanciamento abstrato, mas da tensão. [...] (Vieira, 2012, p. 111)

Para o tradutor, a linguagem de *Agamemnon* caracteriza-se por uma “apresentação direta, agônica e urgente”²⁰ dos eventos. É esta tensão inerente ao original que inviabiliza a busca por correspondências lineares e que fez Saussure testar rearranjos relacionais na sintaxe francesa.

Essa dinâmica nota-se, notavelmente, na articulação das frases, que exige do tradutor um trabalho com os desvios de linearidade. Ao analisar a figura de Cassandra – passagem reconhecida pela exigência tradutória –, o tradutor brasileiro aponta que “a lógica linear é rompida por *flashes*” e que a personagem mobiliza “labirintos sintáticos, frases entrecortadas, brechas narrativas” (Vieira, 2012, p. 114). Perante uma “linguagem estilizada”, compreende-se que as rasuras nos manuscritos de Saussure²¹ não derivem apenas de hesitações pontuais na

²⁰ Vieira, 2012, p. 111.

²¹ Este ponto será analisado de forma detalhada no Capítulo 3 desta dissertação.

escolha vocabular, mas da necessidade de reorganizar uma assimetria, ajustado de forma contínua as peças de um sistema linguístico a outro.

Além dos deslocamentos sintáticos, as escolhas morfológicas da tragédias evidenciam o caráter relacional do valor linguístico. A opacidade de Agamemnon manifesta-se de modo expressivo na invenção de termos. Como destaca Vieira (2012):

[...] a complexidade de Ésquilo não se deve apenas à ausência de linearidade, ao caráter aforístico das orações, ao tom inspirado de certas constatações. Também no plano lexical, [...], o poeta exibe toda sua originalidade. [...] (Vieira, 2012, p. 114)

A hipótese de que a palavra grega corresponderia a um rótulo exato o francês ou no português brasileiro esbarra na polissemia e na composição de novos vocábulos. O ensaio de Vieira relata, como exemplo dessa peculiaridade, o jogo etimológico feito com o nome de Helena a parti do verbo *heleîn* (“deter”, “segurar”). Para acompanhar a rede de compósitos forjada no grego (*helenas*, *hélendros*, *heléptolis*), a tradução atua na base morfológica do significante, propondo formulações como “*enleia-naus*”, “*enleia-herói*” e “*enleia-pólis*”²².

Esses exemplos, oriundos da prática filológica e tradutória, ilustram que o trabalho com Ésquilo demanda intervenções de ordem organizacional. A configuração do texto, marcada pelas suas peculiaridades sintáticas e inovações lexicais, alinha-se ao que se poderá extrair da prática de Saussure: a tradução não opera transpondo significados prévios isolados, mas exige lidar com a engrenagem de um sistema no qual a língua atua por meio de relações de diferenças. O Agamemnon apresentou-se, portanto, como um espaço material profícuo para que a noção de valor linguístico, que será tratada no capítulo seguinte, fosse mobilizada e testada pelo linguista.

Conforme apresentado neste subcapítulo, a relação de Saussure com a língua grega constitui um eixo de seu modo de observação da língua, no qual as unidades são delimitadas a partir das relações que as definem. Esse modo de trabalho não se restringe à análise das formas gregas, mas se prolonga na prática tradutória. Ao traduzir, Saussure retoma, sob outra modalidade, o mesmo procedimento de confronto entre línguas, no qual se tornam observáveis deslocamentos de valor.

A análise da tradução do *Agamemnon* permitiu mostrar que o gesto tradutório não se apresenta como etapa posterior nem como exercício autônomo, mas como parte integrante desse percurso. A tradução constitui, assim, um momento intermediário entre o trabalho com o grego

²² Ver Vieira, 2012, p. 116.

e a formulação das noções que atravessam sua reflexão sobre a língua, em particular as de valor e de arbitrariedade.

É partir dessa sequência que se organiza o próximo subcapítulo – Saussure e a tradução. Nesse item, examina-se a forma pela qual autores dos Estudos da Tradução mobilizam, retomam ou problematizam essas noções saussurianas. A tradução não será considerada como derivação de uma teoria previamente constituída, mas como uma prática que torna observáveis as condições de constituição do valor linguístico no confronto entre línguas.

1.3 – Saussure e a tradução

A tradução de *Agamemnon* de Ésquilo realizada por Ferdinand de Saussure não constitui um episódio isolado nem um simples exercício pedagógico vinculado à sua atividade docente em Genebra. Ela se inscreve em continuidade com o trabalho desenvolvido ao longo de sua relação com a língua grega e deve ser compreendida como parte de um mesmo gesto intelectual: observar a língua por meio do confronto entre formas, examinando como o sentido se produz a partir de relações, e não de unidades tomadas isoladamente.

Neste subcapítulo, a tradução do *Agamemnon* é tomada como objeto de análise, não para reiterar sua inserção na reflexão saussuriana, mas para mostrar de que modo o trabalho tradutório permite observar concretamente operações analíticas que atravessam sua reflexão sobre a língua. A partir do *Curso de Linguística Geral* ([1916] 2012), em especial de sua edição crítica por De Mauro (1967), delineia-se o enquadramento conceitual que permite pensar a tradução em termos de signo, arbitrariedade e valor, bem como os problemas implicados em sua interpretação. Esse quadro é aprofundado pelas contribuições de autores que, em diferentes registros, reconhecem a centralidade da tradução nas práticas e nos desdobramentos teóricos de Saussure. Meschonnic (2010) propõe uma releitura crítica que articula tradução, linguagem e valor; Oustinoff (2011) reinscreve essas noções no campo dos Estudos da Tradução ao conceber a tradução como operação linguística; Testenoire ([2008] 2015) situa as práticas tradutórias de Saussure no conjunto de sua reflexão sobre a linguagem; e Flores (2021) explicita as implicações da teoria do valor para o pensamento da tradução. Conjuntamente, essas leituras permitem compreender a tradução não como aplicação secundária de conceitos linguísticos, mas como uma prática integrada ao processo de elaboração teórica de Saussure e decisiva para os diálogos posteriores entre linguística e Estudos da Tradução.

Ao tratar da tradução como campo de estudo, é possível observar que alguns tradutores e teóricos da tradução, em diálogo direto ou indireto com a teoria saussuriana, concebem o ato

tradutório como uma operação linguística. Nessa perspectiva, traduzir não consiste em um simples transporte de conteúdos entre línguas, mas em um gesto que incide sobre o funcionamento interno dos sistemas linguísticos e sobre as relações que os constituem. Tal abordagem mostra-se particularmente pertinente aos objetivos deste trabalho, que busca examinar de que modo a prática tradutória se articula à formulação de conceitos linguísticos, especialmente aqueles relativos ao valor e à organização relacional da língua.

No prefácio de sua edição crítica, De Mauro aborda a questão da tradução, com atenção particular à tradução italiana do *Curso*. Para o autor, traduzir Saussure não equivale a uma simples transposição lexical, mas implica interpretar um conjunto teórico denso e conceitualmente exigente. De Mauro adverte contra equivalências superficiais e insiste na necessidade de rigor terminológico, justificando suas escolhas tradutórias com base em manuscritos e em notas originais do linguista. Como observa:

[...] ademais, muito material inédito ainda não fora examinado publicamente por ninguém: cadernos de notas dos cursos de linguística histórica, cartas pessoais, manuscritos sobre os anagramas e sobre as epopeias germânicas. Estudos bastante amplos ainda precisam ser feitos para reunir e compreender os documentos disponíveis sobre a biografia e a obra científica de Ferdinand de Saussure. (De Mauro, 1967, p. XVI, tradução nossa)²³

Essa observação conduz à defesa de um aprofundamento dos estudos saussurianos para além dos limites do *Curso*, com atenção rigorosa às fontes primárias — manuscritos, cartas, cadernos de aula e textos sobre os anagramas. É nesse conjunto de documentos que se revela a complexidade da formação intelectual de Saussure e a diversidade de seus interesses científicos.

Entre essas atividades, destaca-se o envolvimento do linguista, desde o período de seus estudos em Leipzig e em Paris, com a tradução de textos da Antiguidade, especialmente em sânscrito, grego e latim. Essa prática ultrapassa o âmbito de um exercício meramente filológico e se configura como um espaço privilegiado de reflexão sobre as correspondências entre as línguas e sobre os impasses conceituais implicados no ato tradutório. Nesse sentido, pode-se levantar a hipótese de que, já nesse momento, algumas noções centrais de sua teoria — como a arbitrariedade do signo e o valor linguístico — começavam a ser esboçadas.

Testenoire ([2008] 2015) chama atenção para o fato de que trabalhos como o estudo das lendas germânicas e escandinavas ou a tradução do *Agamemnon* de Ésquilo não se orientam por um objetivo linguístico estrito, mas apresentam uma dimensão filosófica ou mitográfica:

²³ Original: “[...] De plus, une grande quantité de matériel inédit n'avait pas encore été examinée publiquement : cahiers de notes des cours de linguistique historique, lettres personnelles, manuscrits sur les anagrammes et sur les épopées germaniques. Des études très vastes restent encore à faire pour rassembler et comprendre les documents disponibles sur la biographie et l'œuvre scientifique de Ferdinand de Saussure.”

[...] assim o trabalho sobre as lendas germânicas e escandinavas (Saussure, 1986) ou sobre a tradução de *Agamenon* de Ésquilo (Saussure, 2008) apresentam uma abordagem filosófica ou mitográfica, que não corresponde ao nosso propósito [...] (Testenoire [2008] 2015, pp. 281–282)

Ainda que o autor não se detenha nesses aspectos, sua observação sugere que tais práticas tradutórias compõem um território relevante para compreender o processo de formação conceitual saussuriano.

Essa presença difusa, mas persistente, de noções saussurianas nos Estudos da Tradução torna-se particularmente visível na obra de Michaël Oustinoff. *Em Tradução: história, teorias e métodos* (2011), o autor retoma conceitos centrais de Saussure — como a definição relacional do signo e a concepção da língua como objeto autônomo — para pensar a tradução como uma “operação fundamental da linguagem” (Oustinoff, 2011, p. 23–29). Ao discutir a noção de “unidade de tradução²⁴”, proposta por Vinay & Darbelnet, Oustinoff ressalta que a delimitação dessas unidades não pode se apoiar exclusivamente em palavras isoladas:

[...] exatamente como evidencia Saussure, a ‘delimitação’ das unidades é fundamental: contrariamente à opinião corrente, ela não deveria se reduzir a fazer das ‘palavras’ unidades básicas [...] (Oustinoff, 2011, p. 26)

O autor observa, contudo, que mesmo a noção de unidade de tradução pode deixar de considerar adequadamente a concepção saussuriana de unidades linguísticas, fortemente marcada por sua dimensão diferencial. Com base nos *Escritos de Linguística Geral*, Oustinoff propõe, então, a noção de “unidade diferencial”, esclarecendo que se trata de uma formulação própria, construída a partir de Saussure:

Se a tradução é justamente uma ‘propriedade fundamental’ da linguagem, ela pode, por razões práticas, ser considerada de maneira linear [...]. Mas não se pode esquecer, contudo, que, tanto quanto a língua, a tradução também faz intervir ‘unidades diferenciais’. (Oustinoff, 2011, p. 29)

Essa leitura é reiterada quando o autor afirma:

A tradução é, em primeiro lugar, uma operação linguística [...], não a unidades de contornos definitivamente estabelecidos, mas a unidades diferenciais [...] Realmente, ela só tem validade por suas diferenças no seio do sistema da língua. (Oustinoff, 2011, p. 130)

Ainda que se estabeleça frequentemente uma contraposição entre um Saussure do *Curso* e um Saussure dos *Escritos*, a leitura proposta por Oustinoff permite compreender o pensamento

²⁴ Segundo Vinay & Darbelnet (), unidade de tradução é “O menor segmento do enunciado cuja coesão dos signos é tal que eles não devem ser traduzidos separadamente: ex.: ‘prendre son élan’ (tomar impulso), ‘de demain em huit’ (daqui a uma semana), ‘battre à coups précipités’ (bater apressadamente). [...] As UTs permitem realizar o recorte de um texto”. (Vinay & Darbelnet, 1957, p. 16 – tradução nossa).

saussuriano como orientado por uma concepção relacional da língua, segundo a qual o domínio das línguas é condição necessária, mas não suficiente, para a tradução (Oustinoff, 2011, pp. 130–131).

Outro autor fundamental nessa interlocução é Henri Meschonnic. Em *Poética do traduzir* (2010), o linguista francês reivindica explicitamente uma filiação saussuriana, ao mesmo tempo em que se distancia das leituras estruturalistas que, segundo ele, empobreceram a recepção da obra de Saussure. Como afirma: “[...] a poética é saussuriana, mas anti-estruturalista. O estruturalismo linguístico e sobretudo literário terá sido um longo contrassenso a respeito de Saussure. [...]” (Meschonnic, 2010, p. XXXII).

Para Meschonnic, a teoria de Saussure permite pensar a linguagem em sua historicidade e em seu funcionamento discursivo, recusando uma concepção da tradução reduzida à transmissão de um conteúdo estável. O autor insiste na distinção entre sistema e estrutura, afirmando: “Sistema, no sentido de Saussure, [é] um conjunto de diferenciais internos, radicalmente históricos [...]” (Meschonnic, 2010, p. XXXI).

Nessa perspectiva, ainda segundo o autor, a tradução não se orienta pelo primado do sentido, mas pelo modo de significar, inseparável do ritmo do discurso: “[...] valor do sentido de Saussure, no discurso só flui por conta do ritmo [...]. No que a aventura da tradução e a do ritmo são solidárias [...]” (Meschonnic, 2010, p. 56).

Essa leitura encontra ressonância na análise proposta por Flores (2021), que defende haver “[...] (boas) razões para fazer Saussure figurar, de maneira decisiva, no horizonte teórico da tradução. [...]” (Flores, 2021, p. 90). Conforme sublinha o autor, a teoria do valor acarreta impactos diretos para o campo tradutório, notadamente ao afastar a hipótese de uma significação universalizável. O reconhecimento que se impõe é o de que, não sendo o valor de caráter universal, a significação que emerge dessas relações furta-se igualmente a qualquer universalidade.

Essa recusa em tomar a tradução como um mero transporte de conteúdos preestabelecidos encontra ressonância na formulação de Walter Benjamin em *A tarefa do tradutor* ([1923] 2013). Logo na abertura de seu ensaio, Benjamin afasta o ato tradutório de qualquer função estritamente comunicativa, argumentando que a arte e, por extensão, a tradução – concebida não como meio, mas como forma autônoma – não se dirigem a um receptor ideal para lhe transmitir uma mensagem. Ao destituir a prática tradutória dessa finalidade transmissiva, o autor desloca o foco do “visado” (o referente, o conteúdo extralinguístico supostamente universal) para o “modo de visar”, isto é, para a maneira singular como cada língua articula seus próprios recortes:

[...] Desse modo, a finalidade da tradução consiste, por último, em expressar o mais íntimo relacionamento das línguas entre si. Ela própria não é capaz de revelar, nem é capaz de instituir essa relação oculta; pode, porém, apresentá-la, realizando-a em germe ou intensivamente. E essa apresentação de um objeto significado pela tentativa, pelo germe de sua produção, é um modo muito peculiar de apresentação, o qual dificilmente pode ser encontrado no âmbito da vida que não seja a vida da linguagem. Pois esta última conhece, nas analogias e nos signos [...]. Mas aquela relação muito íntima entre as línguas, na qual se pensou, é de uma convergência muito particular. [...] (Benjamin, [1923] 2013, p. 106)

Essa perspectiva alinha-se à leitura saussuriana desenvolvida por nós até aqui: ao evidenciar que os modos de significar não são intercambiáveis entre idiomas distintos, a conceituação de Benjamin corrobora a premissa de que a tradução não opera sobre estabilidades, mas incide diretamente sobre o valor linguístico, constituindo-se como um campo para observação da arbitrariedade e das unidades diferenciais que alicerçam a reflexão de Saussure.

Dessa forma, a tradução envolve o confronto entre conjuntos de valores linguísticos que não se sobrepõem plenamente, exigindo do tradutor uma mediação interpretativa que ultrapassa a equivalência lexical.

Como foi estabelecido no subcapítulo 1.2, a relação de Saussure com a língua grega constitui um ponto de partida para compreender seu modo de observação da língua, fundado na delimitação das unidades por relação. Neste subcapítulo foi mostrado que esse mesmo modo de trabalho se prolonga na prática tradutória, em particular na tradução do *Agamemnon*, e que a tradução não se apresenta como atividade derivada, mas como parte integrante da reflexão saussuriana sobre a linguagem.

A partir dessa análise, este subcapítulo evidenciou também a repercussão dessas noções nos Estudos da Tradução. A interlocução com De Mauro, Testenoire, Oustinoff, Meschonnic e Flores permitiu mostrar de que maneira conceitos como valor, diferença e arbitrariedade foram mobilizados para pensar problemas como equivalência, delimitação das unidades, ritmo e significância.

À luz do percurso desenvolvido ao longo do Capítulo 1 – da análise da relação de Saussure com a língua grega, passando pela tradução de *Agamemnon* e a relação do linguísta com os Estudos da Tradução – torna-se possível considerar a prática tradutória como parte integrante de sua reflexão sobre a linguagem. Esse percurso mostrou que a tradução não se apresenta como atividade marginal nem como simples derivação de um quadro teórico já constituído, mas como um lugar no qual se tornam observáveis problemas centrais relativos à delimitação das unidades e à constituição do valor linguístico.

Os indícios identificados no manuscrito *Agamemnon*, analisados por Quijano & Montoya (2008) e Flores (2021), permitem sustentar a hipótese de que algumas das noções que viriam a ser formuladas no *CLG* já se encontravam em processo de elaboração no trabalho com os textos da tradição grega. A atenção às relações entre formas, bem como os deslocamentos de valor decorrentes do confronto entre línguas, sugere que princípios como a arbitrariedade do signo e o valor linguístico não emergem apenas como construções teóricas abstratas, mas respondem a problemas colocados pela prática de análise e tradução.

É a partir desse encadeamento que se abre o Capítulo 2 – *A arbitrariedade do signo e a teoria do valor*. Nesse capítulo, essas duas noções – arbitrariedade do signo e valor – constituem o núcleo da análise e serão examinadas em seu estatuto conceitual, tal como formuladas nos textos saussurianos. O objetivo é analisar de que modo a teoria do valor e o princípio da arbitrariedade se articulam, no plano teórico, problemas já identificados no percurso analítico desenvolvido no Capítulo 1, assegurando a progressão interna do nosso trabalho entre análise empírica, recepção crítica e elaboração conceitual.

Capítulo 2 – A arbitrariedade do signo e a teoria do valor

“[...] A natureza 'sistêmica' do signo linguístico provém do arbitrário. A delimitação dos signos, liberada de qualquer motivação ligada à substância conceitual ou fônica, é confiada à delimitação dos signos por eles mesmos. [...]” Tullio de Mauro, “Notes biographiques et critiques”, 1967, pp. 365-366.²⁵

A reflexão teórica sobre a língua desenvolvida por Ferdinand de Saussure fornece ferramentas para compreender a constituição dos signos linguísticos e os problemas envolvidos na tradução. Este capítulo dedica-se à análise de duas noções centrais da teoria saussuriana — a arbitrariedade do signo e a teoria do valor —, procurando examinar de que modo tais conceitos podem dialogar com os Estudos da Tradução. Trata-se de um percurso que se inicia nas proposições teóricas presentes no *Curso de Linguística Geral* e em manuscritos, e se estende à forma como essas ideias foram reinterpretadas, problematizadas e reelaboradas por comentadores e estudiosos contemporâneos.

Para tanto, serão mobilizados, além do *Curso de Linguística Geral* (CLG) ([1916] 2012), autores centrais da fortuna crítica saussuriana. Entre eles, destacam-se Engler ([1968] 1989) e De Mauro (1967), cujas análises abordam a teoria do valor e a arbitrariedade do signo; Testenoire (2008), Normand (2009) e Silveira (2009), que desenvolvem leituras específicas da noção de valor em Saussure; Henriques (2012), que discute aspectos fundamentais da arbitrariedade do signo; Marques (2013), ao examinar a distinção entre significação e valor; e Coelho (2013), cuja investigação do manuscrito *Notas preparatórias para o terceiro curso de linguística geral* contribui para a compreensão do processo de elaboração conceitual saussuriano, com ênfase no valor linguístico. Por fim, serão considerados os trabalhos de De Campos & Seidel (2016) e de Flores (2021), que analisam a noção de valor no âmbito dos Estudos da Tradução.

A abordagem adotada busca evidenciar de que modo a relação arbitrária entre significante e significado, bem como a configuração relacional dos valores linguísticos, implica a recusa de correspondências universais entre as línguas. Em oposição à concepção da tradução como transposição direta entre unidades isoladas, propõe-se compreendê-la como uma operação que mobiliza sistemas distintos, organizados por diferenças internas. Tal perspectiva mostra-se relevante quando se considera a diversidade linguística e o modo como os signos se

²⁵ Original: “[...] La nature "systémique" du signe linguistique vient de l'arbitraire. La délimitation des signes, libérée de toute motivation liée à la substance conceptuelle ou phonique, est confiée à la délimitation des signes par eux-mêmes [...]”

estruturam e adquirem valor no interior de cada sistema. O capítulo parte, assim, da leitura do sistema linguístico saussuriano e de suas implicações para a significação, para, em seguida, articular essas noções às questões tradutórias, indicando como os princípios da arbitrariedade e do valor oferecem uma base conceitual para refletir sobre o funcionamento das línguas em tradução.

2.1 – A Arbitrariedade do signo

Acreditamos que, antes de abordar a noção teórica central deste subcapítulo — a arbitrariedade do signo — é necessário recuperar alguns conceitos fundamentais que permitem compreender a maneira como Saussure formula essa arbitrariedade. Conforme observa Testenoire, ela “[...] É o que permite que a língua funcione como um sistema de diferenças e não como uma nomenclatura de objetos. [...]” (Testenoire, 2008, p. 45). Começemos, portanto, pela noção de “sistema”. Para o linguista, a *langue* constitui um sistema de signos cujos elementos são interdependentes e cujo valor deriva das relações que mantêm entre si. No *Curso de Linguística Geral*, Saussure afirma que “a língua é um sistema onde todos os elementos se sustentam mutuamente” (CLG, [1916] 2012, p. 166). Assim, um signo só adquire valor em função do lugar que ocupa nesse conjunto relacional, e não por propriedades tomadas isoladamente.

À luz dessas considerações, é possível delinear os princípios que regem o funcionamento da língua em Saussure. O linguista concebe a língua como um conjunto articulado de unidades cujos valores se definem exclusivamente pelas relações que mantêm entre si. Nenhum signo possui valor em si mesmo ou de forma isolada; sua significação emerge da posição que ocupa no interior do sistema linguístico. Nesse sentido, termos como “livro”, “caderno”, “folha”, “manuscrito” e “texto” integram uma rede relacional na qual cada unidade se distingue das demais, não por uma ligação intrínseca com os objetos do mundo, mas pelas diferenças que estabelece em relação aos outros signos do mesmo domínio.

Essa organização relacional torna perceptível o princípio da arbitrariedade do signo, segundo o qual não existe qualquer vínculo necessário entre a materialidade do significante e o conceito a que ele se associa. O valor de um signo resulta, portanto, exclusivamente do jogo de oposições que o constitui no interior da língua. A língua opera, assim, como um sistema de valores diferenciais, cuja estrutura se sustenta na arbitrariedade do signo e na articulação interna de suas unidades, sem recorrer a fundamentos naturais ou externos ao próprio funcionamento linguístico.

O linguista apresenta uma formulação segundo a qual a arbitrariedade constitui o primeiro princípio fundamental para o estudo da língua, ao afirmar que “o laço que une o significante ao significado é arbitrário” (CLG, [1916] 2012, p. 80). Tal formulação indica que não existe qualquer vínculo natural, necessário ou motivado entre a forma do signo e o conceito a que ela se associa. A relação entre significante e significado é, portanto, imotivada, o que explica por que línguas distintas podem associar formas diferentes a conceitos considerados semelhantes.

Para abordar esse princípio, Saussure recorre à diversidade das línguas como dado empírico. Ele observa que “[...] a ideia de ‘mar’ não está ligada por relação alguma interior à sequência de sons *m-a-r*. [...]” (CLG, [1916] 2012, p. 80), o que evidencia que nenhuma propriedade intrínseca da forma sonora impõe sua ligação ao conceito. Do mesmo modo, ao comparar o francês *bœuf* e o alemão *Ochs*, Saussure mostra que signos formalmente distintos podem remeter ao mesmo conceito, reforçando que a relação entre significante e significado não se fundamenta em características naturais da forma, mas na organização própria de cada sistema linguístico. Essa diversidade não decorre de convenções arbitrárias entre falantes, mas da estrutura interna e diferencial de cada língua.

Saussure adverte que o termo “arbitrário” pode ser objeto de interpretações equivocadas. A arbitrariedade não deve ser entendida como fruto de uma escolha individual ou de um acordo deliberado entre os falantes. Ao contrário, uma vez constituído no interior de um sistema linguístico, o signo se impõe aos sujeitos, que não dispõem da liberdade de modificar a relação entre significante e significado. Assim, a arbitrariedade designa exclusivamente a ausência de vínculo natural entre as duas faces do signo, e não uma dependência de decisões conscientes ou convencionais.

Tal distinção se consolida pela comparação entre o signo linguístico e outros tipos de signos, como os símbolos. Saussure observa que o símbolo “[...] não é jamais completamente arbitrário. [...]” (CLG, [1916] 2012, p. 82), pois conserva algum grau de motivação, como no caso da balança associada à ideia de justiça. O signo linguístico, por sua vez, não apresenta esse resíduo motivacional: sua forma não mantém qualquer relação necessária com o conceito, sendo definida unicamente pelas oposições que estabelece no interior do sistema.

Antecipando objeções ao princípio, Saussure aborda fenômenos frequentemente considerados exceções à arbitrariedade, como as onomatopeias e as interjeições. Ele sustenta que tais formas não constituem exceções efetivas, pois são pouco numerosas e, sobretudo, porque sua configuração varia de uma língua a outra. Mesmo quando evocam certos ruídos, não reproduzem esses sons de maneira direta ou natural, mas apresentam formas linguísticas

distintas conforme o sistema em que se inserem. Ao mencionar diferenças como *aie*, *au* e *ai* (CLG, [1916] 2012, p. 83)²⁶, o linguista evidencia que até mesmo expressões tidas como espontâneas estão submetidas ao funcionamento diferencial da língua, confirmando que a arbitrariedade constitui um princípio geral do signo linguístico.

Segundo Saussure, a abordagem sincrônica permite apreender a língua como um conjunto de relações relativamente estáveis em um dado momento de sua existência. É nesse recorte que se torna possível apreender a interdependência entre os elementos do sistema e descrever o modo como cada unidade adquire valor em relação às demais. A partir dessa perspectiva, chega-se a um dos núcleos conceituais deste capítulo: a arbitrariedade do signo. Para Saussure, ela se manifesta na relação entre dois componentes fundamentais — o significante, entendido como imagem acústica, isto é, a forma sonora que permite identificar e distinguir uma palavra no interior da língua (como a sequência /kɐ 'za/ correspondente a “casa”), e o significado, que corresponde ao conceito associado a essa forma (por exemplo, a ideia de “habitação”). Essa relação não decorre de qualquer vínculo natural ou necessário entre forma e conceito, sendo definida como arbitrária.

A arbitrariedade do signo evidencia-se de modo particular na diversidade das línguas. Um mesmo conceito pode ser associado a formas sonoras distintas em sistemas linguísticos diferentes, sem que nenhuma delas apresente uma relação privilegiada ou necessária com o conceito. Tome-se, por exemplo, o caso do animal doméstico canino: em português, emprega-se *cachorro*; em inglês, *dog*; e em francês, *chien*. A variação formal entre essas designações mostra que não há correspondência natural entre significante e significado. Essa diversidade não resulta de escolhas deliberadas ou de convenções explícitas, mas do funcionamento interno de cada sistema linguístico, no qual os signos se definem exclusivamente pelas diferenças que mantêm entre si. Assim, a arbitrariedade do signo é situada como princípio organizacional da língua, ancorado na organização relacional de seus elementos.

A partir disso, temos a arbitrariedade como base da língua. A arbitrariedade é o que permite que a língua funcione por meio de diferenças: se a relação fosse motivada, isto é, natural, ela seria fechada e inflexível. Mas como é arbitrária, a língua pode evoluir, variar e se organizar de forma diferencial e dinâmica; ou seja, os signos linguísticos valem não por uma essência, mas por sua oposição a outros signos.

²⁶ [...] Não passam de imitação aproximativa e já meio convencional de certos ruídos. [...] O francês “o francês *aie!*” corresponde em alemão *au!* e em português *ai!* [...]” (CLG, p. 83).

A arbitrariedade também desempenha um papel fundamental na organização do sistema linguístico. É ela que assegura a autonomia da linguística como ciência, pois permite a Saussure delimitar um objeto de estudo próprio: a língua enquanto sistema de signos arbitrários, distinta da fala, concebida como realização individual.

Começamos agora, de fato, após a apresentação da língua, a partir de Saussure, a discutir a arbitrariedade do signo. Ao pensarmos na arbitrariedade e sua importância nas noções básicas de Saussure, precisamos lembrar-nos de que este princípio é o que nos permite delimitar o que é o valor do signo linguístico saussuriano. Henriques (2012) afirma que importância do arbitrário em Saussure vai “[...] além de sua natureza interna ao signo, é a sua importância para o sistema linguístico [...]” (Henriques, 2012, p. 193), isto é, a relevância da arbitrariedade construída pelo linguista transcende aos limites internos do signo linguístico, ele resvala na noção de sistema e, principalmente, no valor linguístico. Se os signos já tivessem uma relação com objetos físicos ou uma motivação que ligasse o significante ao significado, não poderíamos pensar a língua como um sistema de valores.

Henriques (2012) retoma o importante artigo de Rudolf Engler, publicado no *Cahiers Ferdinand de Saussure*, volume 19, em 1962, no qual o autor desenvolve uma análise minuciosa da arbitrariedade em Saussure, reunindo e confrontando interpretações de diversos linguistas. Na parte IV do artigo, Engler oferece uma contribuição decisiva ao identificar que, no curso ministrado por Saussure em 1910–1911, a arbitrariedade do signo é enunciada sob três perspectivas complementares. Em primeiro lugar, ela aparece como princípio semiológico, isto é, como fundamento geral de todo sistema de signos — não apenas os linguísticos — uma vez que nenhum vínculo natural conecta significante e significado. Em segundo lugar, manifesta-se como base do mecanismo sincrônico, pois é na análise da língua em um momento dado que se evidencia a ausência de motivação intrínseca entre as unidades, permitindo observar como elas se definem unicamente pelas relações que mantêm entre si. Em terceiro lugar, a arbitrariedade é formulada como correlato do princípio diferencial dos valores, significando que o valor linguístico existe apenas em virtude das diferenças internas ao sistema, e que tais diferenças só são possíveis porque o laço entre forma e conceito é arbitrário.

É nessa última dimensão que se pode situar — a correlação entre arbitrariedade e valor — que orienta a análise desenvolvida neste trabalho. Como destaca o próprio Engler ao revisitar trechos do *Curso de Linguística Geral*, “[...] os valores são relativos, por isso o vínculo é arbitrário. [...]”²⁷ (Engler, 1962, p. 29 – tradução nossa), ou seja, os valores linguísticos são

²⁷ Original: « [...] les valeurs sont relatives, voilà pourquoi le lien est arbitraire. [...] »

relativos dentro de um sistema, e essa relatividade decorre justamente da arbitrariedade que constitui o elo entre significante e significado. O fato de a palavra “bola” assumir valores distintos conforme o sistema linguístico em que se insere não altera em nada sua arbitrariedade; o mesmo se aplica às formas *ball* (inglês) ou *ballon* (francês). Assim, todas essas denominações podem adquirir valores diferentes conforme as situações de uso, pois o valor que cada uma assume depende exclusivamente das relações diferenciais que mantêm dentro do sistema do qual fazem parte.

No estudo desenvolvido por Henriques (2022), a arbitrariedade é apresentada como um elemento decisivo para a reformulação teórica proposta por Saussure. Segundo a autora, esse conceito permite deslocar o debate tradicional sobre a nomeação — historicamente centrado na relação entre palavras e objetos — para o interior do funcionamento da própria língua. Ao retomar discussões que remontam à Antiguidade, Henriques observa que a oposição entre motivação e convenção situava o arbitrário fora do signo linguístico, concebendo a língua como uma simples “nomenclatura” (Henriques, 2022, pp. 247-248).

A contribuição de Saussure consiste justamente em romper com esse enquadramento, ao demonstrar que o caráter arbitrário não se localiza na relação entre a palavra e o objeto do mundo, mas na articulação entre significante e significado (Henriques, 2022, p. 248). Essa mudança de perspectiva tem consequências diretas para a constituição da Linguística como campo científico, na medida em que redefine a língua como um sistema autônomo de valores e relações internas. É nesse sentido que Henriques identifica na noção de arbitrariedade “[...] um deslocamento teórico fundamental para a consolidação da língua como objeto específico de estudo da Linguística. [...]” (Henriques, 2022, p. 248).

Esse deslocamento assume papel central na formulação da teoria saussuriana, pois redefine os limites da análise linguística ao excluir a referência externa do núcleo explicativo da língua. O signo linguístico não se constitui a partir de uma relação com as coisas do mundo, mas exclusivamente por meio das relações internas que mantém com os demais signos no interior do sistema linguístico. É nesse quadro que Henriques (2022) ressalta a importância da arbitrariedade no arcabouço teórico de Saussure, destacando o fato de ela ser apresentada como o “primeiro princípio” (Henriques, 2022, p. 248) e de desempenhar papel decisivo na “negação da língua como nomenclatura” (Henriques, 2022, p. 248).

Segundo a autora, essa negação é explicitada já no início do capítulo “A natureza do signo linguístico”, quando Saussure problematiza a concepção de língua como uma simples lista de nomes, fundada na ideia de que haveria conceitos previamente constituídos e independentes das palavras. Tal concepção, observa o linguista, “[...] supõe ideias

completamente feitas, preexistentes às palavras. [...]” (Saussure, [1916] 2012, pp. 105–106). Ao problematizar essa perspectiva, Saussure afirma a língua como um sistema organizado de valores, no qual o signo se define por sua posição relacional e não por uma correspondência direta com entidades extralinguísticas. Tratar a língua como nomenclatura implica, assim, desconsiderar sua natureza estrutural e relacional, apagando o vínculo interno que constitui o próprio signo linguístico.

A autora prossegue delimitando que a arbitrariedade é indispensável para a compreensão de sua articulação com outros conceitos centrais da teoria saussuriana, em especial o de valor. Com base no *Curso de Linguística Geral*, Henriques (2022) observa que, caso o vínculo entre significante e significado não fosse arbitrário, “[...] a noção de valor perderia algo de seu caráter, pois conteria um elemento imposto de fora. [...]” (Saussure, [1916] 2012, p. 160). Isso porque, como afirma Saussure, “[...] os valores continuam a ser inteiramente relativos” e “o vínculo entre a ideia e o som é radicalmente arbitrário. [...]” (Saussure, [1916] 2012, p. 160). Para Henriques (2022), o emprego dos advérbios “inteiramente” e “radicalmente” não é fortuito, mas indica o alcance do posicionamento saussuriano: o valor só pode ser concebido se os elementos do sistema se definirem exclusivamente por relações diferenciais, o que pressupõe que nada de externo seja imposto ao signo.

Henriques (2022) demonstra, então, que a força do princípio da arbitrariedade reside em suas consequências teóricas: ele redefine o estatuto da referência, exige a distinção rigorosa entre valor e significação, e impede que a língua seja reduzida a “uma lista de etiquetas”. Nesse sentido, a pesquisadora conclui que “[...] o arbitrário mobiliza e ao mesmo tempo parece sustentar a teoria saussuriana sobre a língua. [...]” (Henriques, 2022, p. 257), razão pela qual o debate permanece atual e continua a suscitar novas questões para a Linguística Geral.

Entre as leituras contemporâneas do princípio da arbitrariedade, Valdir Flores (2021), ao tratar da relativa invisibilização de Saussure nos Estudos da Tradução, sustenta que a diversidade linguística ocupa um lugar decisivo na formulação da linguística geral saussuriana. Para o autor, considerar a diferença entre as línguas não é um dado acessório, mas uma operação analítica fundamental, uma vez que “[...] operar com a diferença entre as línguas implica um fazer, uma análise, sobre a língua. [...]” (Flores, 2021, p. 44). Quando essa perspectiva é deslocada para o campo da tradução, a relação entre arbitrariedade e diversidade assume um estatuto epistemológico central: ao recusar qualquer vínculo natural entre a palavra e a “coisa”, o princípio da arbitrariedade constitui a própria condição de possibilidade do traduzir.

Nesse enquadramento, traduzir não se reduz a buscar equivalências imediatas entre formas, mas implica confrontar sistemas de signos cujas relações internas são historicamente e

linguisticamente construídas. O tradutor, ao lidar com essa não correspondência estrutural, vivencia de modo concreto a arbitrariedade constitutiva do signo. Assim, cada proposta tradutória pode ser compreendida como uma reorganização de relações arbitrárias em um novo sistema, e não como simples transferência de unidades previamente dadas.

A arbitrariedade, portanto, deixa de ser pensada apenas como uma propriedade interna do signo isolado e passa a designar o modo como os sistemas linguísticos se abrem à pluralidade das línguas. Conforme argumenta Flores (2021), a diversidade linguística não representa, para Saussure, um obstáculo teórico, mas um verdadeiro operador conceitual. A tradução surge, nesse sentido, como o gesto que torna visível tanto a arbitrariedade da língua quanto o caráter relacional do valor: ela funciona como um espaço privilegiado de comprovação empírica do princípio saussuriano segundo o qual o signo só adquire sentido por sua posição diferencial no sistema, e não por uma relação direta com o real.

Essa interpretação apresentada por Flores (2021) pode ser aproximada dos trabalhos de Quijano & Montoya (2008), que, a partir da análise dos manuscritos da tradução do *Agamemnon*, possibilitam examinar de que maneira a prática tradutória de Saussure envolve a questão da arbitrariedade. A comparação entre “[...] as formas do grego antigo e do francês do século XIX. [...]” (Quijano & Montoya, 2008, pp. 130–132 – tradução nossa)²⁸ revela um trabalho atento às diferenças organizacional entre os sistemas, tornando explícito o caráter linguisticamente construído da relação entre significante e significado. Nessa perspectiva, o traduzir aparece, para Saussure, como um exercício reflexivo da arbitrariedade, por meio do qual se observa o modo como o sentido se reconfigura ao passar de uma língua a outra.

Desse modo, a articulação entre a arbitrariedade e a tradução permite conceber o ato tradutório como uma imersão no funcionamento interno da língua. O esforço em estabelecer equivalências ratifica a concepção saussuriana de que a organização linguística opera por meio de delimitações recíprocas e negativas. Assim, a tradução, como demonstrada anteriormente por Flores (2021), não elimina o arbitrário: ao contrário, o reinscreve. E, conforme Quijano & Montoya (2008), é nesse espaço de oscilação entre signos que Saussure coloca em evidência, de forma prática, o princípio que orienta sua linguística geral.

Entre os princípios formulados por Saussure, aquele que se destacou de modo mais significativo para os objetivos deste estudo foi o da arbitrariedade do signo. No *Curso de Linguística Geral* ([1916] 2012), temos que:

O laço que une o significante ao significado é arbitrário. [...] Assim, a ideia de ‘mar’ não está ligada por relação alguma, interior à sequência de sons *m-a-r*

²⁸ Original: “[...] Les formes du grec ancien et du français du XIX^e siècle. [...]”

que lhe serve de significante; pode ser representada igualmente bem por outra sequência, não importa qual; como prova, temos as diferenças entre as línguas e a própria existência de línguas diferentes: o significado da palavra francesa *bouef* (“boi”) tem por significante *b-ô-f* de um lado da fronteira franco-germânica, e *o-k-s* (*Ochs*) do outro. (Saussure, [1916] 2012, p. 108)

Sobre o princípio exposto acima, Tullio de Mauro, em sua edição crítica do *CLG*, datada em de 1985, traz a seguinte delimitação de que “[...] o elo que une significante e significado é arbitrário, uma vez que entendemos signo o resultado total da associação de um significado a um significante, podemos apenas dizer que: o signo linguístico é arbitrário²⁹. [...]” (De Mauro, 1967, p.100 – tradução nossa). Tal delimitação reforça a ideia de que a arbitrariedade não constitui um aspecto periférico, mas o fundamento base a partir do qual todo o sistema linguístico se organiza. Compreender o signo como uma unidade arbitrária implica reconhecer que o valor não reside nem na materialidade sonora nem no conceito isoladamente, mas nas diferenças que a língua estabelece internamente.

Ao dizer isso, podemos pensar que uma palavra como *eyes* (“olhos”, em inglês) não possui ligação interna alguma ao som que ela emite /ai/ + /z/ e que lhe serve de significante. E esta afirmação pode ser confirmada ainda pela diferença entre as línguas; no *CLG*, Saussure utiliza-se de exemplos do francês e do alemão, mas podemos transpor para uma localização geográfica mais próxima de nós: de um lado, no português brasileiro, temos a palavra “boi” que tem como significante *b-ô-i*, mas se atravessarmos as fronteiras brasileiras e nos depararmos com nossos vizinhos, falantes de espanhol, teremos *buey*, cujo significante será /bweɨ/.

Não obstante do que fora exposto anteriormente acerca da arbitrariedade e da diferença entre as línguas, fica inequívoco a ausência de motivação no laço que une significado e significante. Cada língua é constituída de elementos que podem ser conhecidos e reconhecidos de formas distintas e se dá por meio da arbitrariedade. O signo é arbitrário em seu centro, o que tira dele o foco da discussão sobre palavras/coisas e da noção de convencionalidade. Normand (2009) evidencia ainda mais:

O termo arbitrário só é importante, porque define um sistema linguístico por um ‘é assim!’ que deve calar qualquer consideração filosófica acerca da linguagem, o ‘porquê’ de sua existência e de suas modalidades, e só dar lugar à descrição do funcionamento de tal ou tal língua (o ‘como isso se dá’). (Normand, 2009b, p. 64)

²⁹ Original: “[...] Le lien qui unit le signifiant et le signifié est arbitraire ; dès lors que l’on entend par signe le résultat total de l’association d’un signifié à un signifiant, on peut simplement affirmer que : le signe linguistique est arbitraire [...]”.

Analizando a afirmação de Normand (2009a) e a máxima que “o signo linguístico é arbitrário”, estamos sustentando a afirmação presente no *CLG* de que a língua tem sua própria ordem, ou seja, não está ligada a nenhum objeto físico. E com isso podemos concluir que o princípio da arbitrariedade sofre uma mudança para a relação interna do signo linguístico. Essa relação está entre o significante e o significado, sem o envolvimento de elementos externos ao signo.

Ao nos pautarmos, ainda, em De Mauro (1967), nas notas de sua edição crítica do *CLG*, o autor italiano argumenta que a noção de arbitrário utilizada por Saussure se dá devido “ao adjetivo que exprimia bem a inexistência de razões naturais, lógicas etc., na determinação das articulações da substância acústica e semântica”. E ainda complementa:

[...] Parece, no entanto, mais provável que Saussure, com o exemplo de *sœur* e de *bœuf*, e com a retomada da concepção convencionalista do arbitrário, tenha querido apenas dar uma ideia, em uma primeira aproximação, do arbitrário “radical” do signo, da mesma maneira que, para dar uma ideia da dualidade fundamental do signo, ele recordava aos seus alunos a concepção da língua como nomenclatura. (De Mauro, 1967, p.443 – tradução nossa)³⁰

Ao referirmo-nos sobre o que é “arbitrariedade”, é de supra importância abordar uma distinção feita por Saussure presente no *CLG*: o arbitrário do signo (absoluto) e o arbitrário da língua (relativo). No capítulo VI do *Curso*, em “Mecanismo da língua”, a seguinte máxima nos é apresentada: “[...] o princípio fundamental da arbitrariedade do signo não impede distinguir, em cada língua, o que é radicalmente arbitrário, vale dizer, imotivado, daquilo que é só o é relativamente. [...]” (Saussure, [1916] 2012, p. 180).

Para tornar mais evidente essa discussão, podemos considerar diferentes graus de arbitrariedade. A maior parte dos signos apresenta arbitrariedade absoluta, isto é, não mantém qualquer relação natural com aquilo que designa (como ocorre em “mesa” ou “rio”). Há, contudo, signos cuja arbitrariedade é relativa, pois a forma do significante guarda alguma correspondência perceptível com o que representa — como no caso das onomatopeias e de certas derivações morfológicas. Em “*piu-piu*”, por exemplo, a configuração sonora evoca o canto de um passarinho, ainda que essa relação permaneça subordinada ao princípio geral da arbitrariedade.

À luz dos elementos apresentados até este momento, emerge uma questão central para a reflexão sobre os Estudos da Tradução: sendo arbitrária a relação entre significante e

³⁰ Original: “[...] Il semble cependant plus probable que Saussure, avec l'exemple de *sœur* et de *bœuf*, et avec le rappel de la conception conventionnaliste de l'arbitraire, ait seulement voulu donner une idée, en première approximation, de l'arbitraire <<radical>> du signe, de la même façon que, pour donner une idée de la dualité fondamentale du signe, il rappelait à ses élèves la conception de langue comme nomenclature.”

significado, quais são as implicações desse princípio para a atividade tradutória? Ora, o ato tradutório ultrapassa a simples equivalência entre signos, pois se fundamenta nas relações diferenciais que cada unidade mantém no interior de um sistema — para empregar, com rigor, a terminologia saussuriana. Por isso, a tradução é uma forma de interpretação, e não apenas substituições de termos. Isso auxilia na compreensão das línguas pois, de acordo com Saussure:

Não existe língua em que nada seja motivado; quanto a conceber uma em que tudo o fosse, isso seria impossível por definição. Entre os dois limites extremos – mínimo de organização e mínimo de arbitrariedade –, encontram-se todas as variedades possíveis. (Saussure, [1916] 2012, p. 182)

A partir desta afirmação, Saussure introduz, pelo *Curso de Linguística Geral*, uma nova interrogativa que abarca fundamentalmente os Estudo da Tradução:

[...] os diversos idiomas encerram sempre elementos das duas ordens – radicalmente arbitrários e relativamente motivados –, mas em proporções as mais variáveis, e isso constitui um caráter importante, que pode entrar em linha de conta na sua classificação. (Saussure, [1916] 2012, p. 182)

Em outras palavras, a maior ou a menor motivação do sistema é um fundamento de classificação das línguas. As que possuem características mais imotivadas (ou seja, mais arbitrárias absolutas) seriam de origem mais pendente à lexicologia; as que possuem mais aspectos motivados (mais arbitrárias relativas) seriam mais gramaticais. Essa distinção, ainda que passível de atenuação, impõe uma visão importante acerca da observação das línguas, em virtude da ponderação radical das possibilidades de tratamento de equivalência entre as línguas: “[...] ver-se-ia, por exemplo, que o inglês concede um lugar muito mais considerável ao imotivado que o alemão; mas o tipo do ultralexicológico é o chinês, ao passo que o indo-europeu e o sânscrito são espécimes do ultragramatical. [...]” (Saussure, [1916] 2012, p. 182)

Ainda no *CLG* sobre esta máxima, encontramos:

Assim, o francês se caracteriza, em relação ao latim, entre outras coisas, por um enorme acréscimo do arbitrário: enquanto em latim *inimīcos* lembra *in-* e *amīcus* e se motiva por eles, em francês *ennemi* não se motiva por nada; ingressou no arbitrário absoluto, que é, aliás, a condição essencial do signo linguístico [...]. (Saussure, [1916] 2012, p. 182)

Ora, a partir deste trecho, Saussure aponta que as línguas evoluem no sentido da constituição da motivação interna de seus signos, tornando-os cada vez mais arbitrários. Tal processo é natural e, na verdade, uma condição fundamental da linguagem. Ao afirmar que “a arbitrariedade é a condição essencial do signo linguístico”, o estudioso quer dizer-nos que o que torna a linguagem possível é justamente o fato de as palavras não terem ligação natural com as coisas. Isso dá flexibilidade e diversidade às línguas humanas.

Com base no percurso desenvolvido até aqui, a noção de valor linguístico emerge como um desdobramento necessário da arbitrariedade do signo e do funcionamento relacional da língua propostos por Saussure. Se a relação entre significante e significado não se funda em vínculos naturais, mas na organização interna do sistema, o que permite examinar como os signos adquirem sentido e relevância no interior desse conjunto articulado. É nesse ponto que a teoria do valor se apresenta como eixo explicativo central, ao deslocar a análise da língua para o plano das relações diferenciais entre as unidades, mostrando que o valor não reside nem na forma nem no conceito isoladamente, mas na posição que cada signo ocupa em relação aos demais. O valor, portanto, não é um acréscimo secundário à arbitrariedade, mas a consequência direta de um sistema constituído por diferenças, no qual cada unidade se define negativamente. O subcapítulo seguinte dedica-se a examinar essa noção, articulando seus fundamentos teóricos em Saussure às implicações para a compreensão da língua enquanto sistema de valores e, posteriormente, para a reflexão tradutória.

2.2 – A teoria do valor

Para que possamos compreender a teoria do valor, é necessário retomar, ainda que brevemente, os fundamentos do sistema linguístico que sustentam essa noção em Saussure. Iniciaremos pela língua como um sistema de signo. Cada signo é formado por duas faces inseparáveis: o significante – imagem acústica (a sequência de sons, como a palavra falada “árvore”); e significado – o conceito mental associado ao significante (a ideia de “árvore” e não o ser real em si). A partir disto, chegamos à ideia do valor linguístico. O valor de um signo não está apenas preso em si mesmo, mas nas relações diferenciais que ela mantém com outros signos, dentro do sistema linguístico. O signo não adquire valor de forma isolada, mas por contraste com os outros signos.

O valor possui, também, componentes, dois eixos fundamentais, onde o valor se constrói: o valor paradigmático (associativo), o eixo das relações de substituição, ou seja, um signo adquire valor por oposição a outros que poderiam ocupar seu lugar. Por exemplo, “gato”, “cachorro”, “rato”: o valor de “gato” depende de não ser os outros. E, logo, o valor sintagmático (combinatório), o eixo das relações combinatórias, isto é, um signo adquire valor pelo modo como se relaciona com outros na cadeia linguística (em “o gato mia”, por exemplo, cada palavra tem valor por sua posição e função na frase): “toda palavra tem um valor por causa da presença simultânea de outras palavras no sistema”. (CLG, [1916] 2012, p. 161).

A noção saussuriana começa a ser delineada nas notas preparatórias dos cursos que, anos mais tarde, dariam origem ao *Curso de Linguística Geral*. Embora o valor linguístico tenha recebido um tratamento mais sistemático no terceiro curso (1910-1911), Silveira (2007) assinala que, já nas elaborações anteriores, Saussure orientava sua reflexão para a constituição de unidades de natureza sistêmica, ao propor “[...] considerar as unidades linguísticas como puras entidades opositivas e relacionais na sua co-funcionalidade sistêmica e não como átomos isolados [...]” (Silveira, 2007, p. 47). Nessa perspectiva, os manuscritos iniciais registram uma abordagem que privilegia a consideração das relações entre os elementos linguísticos, em vez de sua apreensão como unidades autônomas.

Uma das teorias, talvez, mais estudadas, propostas por Ferdinand de Saussure seja a TdV. Tal proposição sugere que o valor de uma palavra não é fixo e não está preso em si mesma, mas que ele depende de um sistema para poder ser delimitado. Na segunda parte do CLG, no capítulo IV, após o linguista tecer uma analogia, utilizando valores monetários, ele leva-nos ao âmbito linguístico:

Do mesmo modo, uma palavra pode ser trocada por algo dessemelhante: uma ideia; além disso, pode ser comparada com algo da mesma natureza: outra

palavra. Seu valor não estará então fixado, enquanto nos limitarmos a comprovar que pode ser “trocada” por este ou aquele conceito, isto é, que tem esta ou aquela significação; falta ainda compará-la com os valores semelhantes, com as palavras que se lhe podem opor. Seu conteúdo só é verdadeiramente determinado pelo curso que existe fora dela. (Saussure, [1916] 2012, p. 162)

A última frase acima sugere uma explicação para o processo tradutório e para a escolha, por vezes, de uma palavra em detrimento de outra: é necessário considerar o âmbito em que o termo se insere para que ele adquira um determinado valor. Sobre esse aspecto, Silveira (2009) sobre a relação que o valor possui em relação ao sistema no qual ele está inserido:

A alteridade de qualquer elemento da língua só poderia estar no próprio sistema da língua e assim, se ele for encontrado no social, ou no cultural, ou no ideológico, cabe perguntar se essas “instâncias”, ao se constituírem enquanto discurso, têm alguma possibilidade de não serem produzidas como uma linguagem e assim, também estarem sujeitas a um mesmo funcionamento estrutural. As propriedades na língua estão súbditas às relações e estas se dão com outros termos do sistema. O valor na língua não depende de uma exterioridade que não seja a própria língua e a significação depende da sua relação que confere à negatividade o papel regulador de qualquer positividade na língua. (Silveira, 2009, p. 48)

Na passagem acima, a autora analisa a teoria saussuriana do valor, enfatizando que a alteridade de cada elemento linguístico – isto é, aquilo que o distingue – só pode ser encontrada no interior do próprio sistema da língua. Mesmo quando fatores sociais, culturais ou ideológicos intervêm na produção do discurso, eles o fazem sob a forma de linguagem e, portanto, permanecem submetidos ao mesmo funcionamento organizacional que regula as relações internas do sistema. Assim, as propriedades dos signos não decorrem de qualidades positivas, mas das diferenças estabelecidas entre si, de modo que o valor não depende de qualquer exterioridade, mas da rede diferencial que o constitui. A significação, por sua vez, é regida pelo princípio de negatividade: um signo só possui sentido porque não é os outros signos que com ele compõem o sistema.

Sofia (2009) traz o conceito de “valor” para Saussure, enquanto este se preparava para sua última aula de seu terceiro curso; que podemos analisar como é a validade do signo: ele vale, pelo fato de estar dentro de um sistema de signos similares e porque pode ser trocado/substituído por outros (por exemplo, “cão” para “cachorro”), tal como uma moeda em um sistema econômico. Tal trecho está presente nos *Escritos de Linguística Geral (ELG)*:

Valor é eminentemente sinônimo, em cada instante, de termo situado entre termos semelhantes, assim como é eminentemente sinônimo, em cada

instante, de coisa passível de troca.³¹[] (Sausure, 2002, p. 335, *apud*. Sofia, 2009, p. 32 – tradução nossa)

A leitura apresentada por Sofia (2009) contribui para a compreensão da noção de valor em Saussure, tal como ela se formula nos *Escritos de Linguística Geral*. A analogia econômica mobilizada pelo linguista não deve ser entendida como uma equiparação entre língua e economia, mas como um recurso explicativo voltado a descrever o caráter relacional do signo no interior do sistema linguístico. Nessa perspectiva, um signo não se define por uma propriedade intrínseca, mas pela posição que ocupa entre outros signos semelhantes e pelas possibilidades de substituição que se estabelecem entre eles em determinados encadeamentos.

De modo análogo ao funcionamento da moeda, cujo valor depende de sua relação com outras unidades e com aquilo que pode ser trocado, o signo linguístico adquire valor em função das relações diferenciais que mantém no sistema da língua. A alternância entre formas como “cão” e “cachorro” ilustra esse funcionamento, na medida em que se trata de uma substitutibilidade condicionada pelas relações internas do sistema, e não de uma equivalência plena. Nesses termos, a definição de valor presente nos *Escritos de Linguística Geral* aponta para uma concepção do signo como unidade relacional, cuja validade se estabelece tanto por sua posição entre termos semelhantes quanto por sua possibilidade de troca no interior do sistema linguístico.

É importante ressaltar a diferença entre “valor” e “significação”. Sobre esta diferenciação, Marques (2013) faz a afirmação de que “[...] é principalmente no que se trata do valor, sob seu aspecto conceitual que, em meio a uma variação terminológica, a noção de significação vai sendo elaborada [...]” (Marques, 2013, p. 5). Em outras palavras, Saussure começa a esboçar sua ideia de significação, ao analisar como as palavras ganham valor conceitual dentro da língua. O linguista indica, portanto, que os conceitos linguísticos ou significados não existem de modo autônomo, mas se constituem por diferenciação no sistema. Durante todo esse processo de concepção, ele ainda está ajustando suas noções (valor, significado), até chegar a uma noção mais precisa de significação.

Temos, portanto, um conceito estável para essa diferença entre valor e significado: o valor não é sinônimo de significado. O significado é o conteúdo conceitual de um signo. Como observado no *CLG* ([1916] 2012), o valor, por sua vez, é o efeito que resulta da posição diferencial de um signo em relação a outros: “[...] o valor de uma palavra é, ao mesmo tempo,

³¹ Original: “Valeur est éminemment synonyme à chaque instant de terme situé dans un système de termes similaires, de même qu’il est éminemment synonyme à chaque instant de chose échangeable []. »

o que ele evoca (significado) e o que a distingue das outras palavras (valor). [...]” (Saussure, [1916] 2012, p. 159).

Segundo Joseph ([2012] 2023, pp. 715-720), no segundo curso ministrado por Saussure (1908-1909), ambos os termos são introduzidos e com distinções categóricas: “[...] o valor não é significação. O valor é dado por outros dados; <ele é dado – além da significação – pela relação entre um todo e uma dada ideia> pela situação recíproca das partes na língua e assim por diante. [...]” (Saussure, *apud.* Riedlinger, 1997, p.38). Notamos, então, que valor e significação têm diferença. E nota-se que o valor, por sua vez, é dado não somente pela significação; sua definição vai além, as relações entre as partes da língua são essenciais para que o valor se estabeleça.

No manuscrito *Notas para o Terceiro Curso*, é possível identificar as noções envolvidas e o processo de elaboração da teoria do valor, o que permite acompanhar a trajetória de sua construção conceitual. Nesse material, além da noção de valor, encontram-se anotações relativas à nomenclatura, à necessidade de alterações dos signos e à dualidade da Linguística, bem como à própria delimitação do campo linguístico da Estática e a Linguística Histórica, e o Arbitrário absoluto e relativo; duas páginas compõem um capítulo denominado “Valor Linguístico”. No manuscrito, em meio a rasuras e incisos, podemos ver o caminhar da delimitação da teoria do valor que ainda seria ministrada. O estudo conduzido por Coelho (2013) indica que a teoria do valor ocupa posição central nas *Notas*, nas quais se observa a delimitação do valor em relação a outras noções, como significação ou referência. A autora pontua que, apesar de apenas três folhas do manuscrito *Ms. fr. 3951/23* tratarem especificamente do valor, “[...] os princípios que a fundamentam sejam mencionados ao longo de grande parte do conjunto de manuscritos. [...]” (Coelho, 2013, p. 34). Essa constatação contribui para a compreensão de que o valor não se configura como um tópico isolado, mas como um eixo que atravessa a arquitetura teórica saussuriana, tal como ela se delineia no gesto manuscrito.

Coelho (2013) enfatiza ainda que a teoria do valor é recorrente nas diversas fontes do terceiro curso – manuscritos, cadernos de alunos e o próprio *CLG* – chegando a afirmar, apoiada em Silveira (2009), que o valor constitui a “viga mestra das elaborações saussurianas” (Coelho, 2013, p. 35). Tal caracterização evidencia a função organizacional do conceito: compreender a língua como sistema significa compreender o funcionamento do valor.

Nas folhas específicas dedicadas ao tema, Saussure destaca que o valor é indissociável das relações diferencial que organizam o sistema linguístico. Coelho (2013) transcreve o trecho

³²manuscrito em que o linguista formula essa noção por meio de uma dupla determinação indissociável: “[...] aquilo que é inseparável de todo o valor, faz parte de uma série de grandezas justapostas que formam um sistema. [...]” (Coelho, 2013, p. 38). E, na formulação complementar: “[...] o que faz o valor, não é a) ser inseparável de uma série de grandezas vinculadas que formam um sistema, nem b) ter []. Mas as duas coisas ao mesmo tempo, e inseparavelmente ligadas. [...]” (Coelho, 2013, p.38).

A leitura de Coelho (2013) permite compreender como a noção de valor atravessa diferentes camadas do pensamento saussuriano e se mantém ativa nas diversas formas de registro associadas ao terceiro curso. A recorrência do tema em manuscritos, cadernos de alunos e no *CLG* sugere que o valor não se limita a uma formulação pontual, mas integra de modo contínuo a reflexão de Saussure sobre a língua. Ao retomar a expressão ‘viga mestra’, Coelho, conforme Silveira (2009), não propõe uma hierarquização rígida entre conceitos, mas indica que o valor opera como um princípio que permite articular outros elementos da teoria, em especial a definição da língua como sistema. Nesse quadro, compreender a língua como sistema implica considerar que seus elementos não se definem por propriedades isoladas, mas pelas relações que mantêm entre si. O valor emerge, assim, como uma noção que permite compreender esse funcionamento relacional, na medida em que remete simultaneamente à posição de cada unidade em uma rede de diferenças e à interdependência entre essas unidades.

Os trechos manuscritos transcritos por Coelho (2013) contribuem para a compreensão dessa concepção ao apontarem para a inseparabilidade entre valor e sistema. Quando Saussure afirma que aquilo que é inseparável de todo valor “[...] faz parte de uma série de grandezas justapostas que formam um sistema. [...]” (Saussure, [1916] 2012, p.132), ele indica que o valor só pode ser pensado a partir da coexistência de termos comparáveis. Não se trata, portanto, de uma característica atribuída a um elemento isolado, mas de um efeito produzido pela presença simultânea de outras grandezas no mesmo conjunto.

A formulação complementar inscreve-se nessa linha ao colocar em questão a possibilidade de decompor o valor em determinações independentes. Nem a inserção em uma série sistêmica, nem a possibilidade de troca ou oposição, consideradas separadamente, seriam suficientes para definir o valor. É a articulação simultânea dessas dimensões, entendidas como indissociáveis, que permite compreender como uma unidade linguística adquire consistência no sistema. Desse modo, os manuscritos indicam uma reflexão que busca precisar o caráter

³² Neste trabalho não lidaremos com o manuscrito trabalhado por Coelho (2013), apenas com trechos presentes no corpo do texto da autora.

relacional do valor, evitando definições unilaterais e ressaltando a dependência mútua entre os elementos que compõem a língua.

Essa formulação manuscrita aponta dois princípios fundamentais: i) o valor é inseparável do sistema: uma unidade vale apenas porque participa de uma rede de interdependências; ii) o valor resulta da articulação simultânea de múltiplas relações: não é um atributo interno ao signo, mas um efeito das posições diferenciais que ele ocupa no conjunto.

Coelho observa que esse trecho específico das *Notas* permite identificar aspectos centrais da reflexão do autor, pois nele Saussure aparece tentado formular uma definição bipartida do valor – definição que permanece incompleta na segunda parte (o item “b”), justamente porque “[...] a falta não é de uma palavra faltosa no meio de uma sentença, mas sim da falta de toda a sentença, mas sim da falta de toda a sentença que varia após o verbo *d’avoir*. [...]” (Coelho, 2013, p. 38). O caráter inacabado do manuscrito, nesse caso, não enfraquece a noção: ao contrário, reforça sua dimensão processual e a complexidade que Saussure reconhecia do conceito.

Ademais, as *Notas* tornam evidente que o valor não se confunde nem com a significação nem com o referente. Na transcrição apresentada pela pesquisadora, Saussure afirma que, após determinar um primeiro aspecto do valor, “[...] falta ainda compará-la a valores semelhantes. [...]” (Coelho, 2013, p. 40), o que demonstra que a determinação de um valor só se completa no interior de um sistema de diferenças. Ou seja, não basta notar a relação entre signo e conceito: é necessário colocá-lo em relação com outros signos da mesma natureza – somente deste modo seu valor se estabiliza.

A autora segue com a observação de que a reflexão do suíço sobre o valor, tal como aparece no manuscrito de 1910-1911, mostra que a noção não surge como um dado absolutamente definido, mas como uma categoria em permanente elaboração. Coelho (2013) afirma que o objetivo da leitura das *Notas* é justamente “[...] não só ressaltar o conteúdo final que se pode retirar do que foi escrito por Saussure, mas também dar atenção às rasuras, aos brancos e às reorganizações. [...]” (Coelho, 2013, p. 36). Desse modo, o valor aparece como um pensamento em ato, em que Saussure experimenta definições, testa distinções e refina progressivamente sua concepção de língua como sistema.

Ao voltarmos nossa atenção ao *CLG* mais uma vez, no capítulo sobre o “valor”, constatamos que Saussure utiliza o famoso exemplo de *mouton*. No português e no francês, utilizamos apenas uma palavra para designar a carne e o animal: “carneiro” e *mouton*, simultaneamente. Porém, no inglês, existem duas palavras, uma para o animal e outra para a carne: *sheep* e *mutton*. “[...] a diferença de valor entre *sheep* e *mouton* ou ‘carneiro’ se deve a

que o primeiro tem a seu lado um segundo termo, o que não ocorre na palavra francesa ou portuguesa. [...]” (Saussure, [1916] 2012, p. 163). Pensemos também na analogia que Saussure traz com o valor econômico “Uma palavra pode ser comparada a uma moeda: seu valor depende do sistema econômico a que pertence”³³. Assim como a moeda tem valor apenas dentro de um sistema monetário específico (por exemplo, um dólar tem um certo valor nos Estados Unidos, mas não necessariamente valerá o mesmo em outro país). Analogamente, o valor de uma palavra só se manifesta em função do sistema linguístico ao qual pertence, conforme argumenta Meschonnic (2010).³⁴

A teoria do valor aprofunda o princípio da arbitrariedade, mostrando que o sentido de um signo não reside nele mesmo, mas nas relações diferenciais que mantém com os demais signos do sistema. O valor linguístico é, então, relacional e funcional: um signo só adquire significado em contraste com outros. Essa concepção torna-se central para compreender a tradução. Como observa Flores (2021), o valor não é universal; ele depende de um sistema linguístico que o engendra. Traduzir, a partir dessa perspectiva, é reconstruir redes de valor entre línguas autônomas, cada uma delas dotadas de regras próprias de diferença e oposição. Traduzir deixa de ser um processo de correspondência e torna-se uma operação de valor – ou, de acordo com o autor, “[...] uma reconfiguração de sistemas de diferenças. [...]” (Flores, 2021, p. 16). A TdV fornece, assim, o fundamento epistemológico que sustenta o ato tradutório como prática interpretativa e criadora.

Esse vínculo entre valor e tradução encontra eco empírico na leitura de Quijano & Montoya (2008). Em suas análises de *Agamemnon*, as autoras mostram que Saussure, ao traduzir, pratica aquilo que mais tarde teorizaria: a construção do valor pela diferença. Cada hesitação e variante presentes nos manuscritos documenta o esforço de reconstruir o valor de um signo grego antigo dentro do sistema francês do século XIX, sem reduzi-lo à equivalência literal. A tradução aparece, assim, como um exercício do valor em ato – uma forma de pensar a língua enquanto sistema de relações.

Dessa forma, o valor linguístico, ao lado da arbitrariedade, constitui a base de uma teoria da tradução em Saussure. Traduzir é deslocar valores e não apenas significados; é operar a diferença e reinscrever o sentido em outro sistema. Essa ideia, já presente implicitamente nos manuscritos analisados por Quijano & Montoya (2008) e que serão analisados nesta dissertação

³³ Ver CLG, [1916] 2012, pp. 132-135.

³⁴ Ver Meschonnic, 2010, p. 35.

no Capítulo 3 a seguir, é explicitada teoricamente no trabalho de Flores (2021), que transforma a tradução em metáfora epistemológica da própria linguagem.

Portanto, o diálogo entre os autores acima citados nos permite compreender que a teoria do valor não é apenas uma ferramenta de análise da língua, mas uma chave para pensar a tradução como espaço de atualização da diferença. No ato tradutório, a teoria se realiza: o valor é observado – como podemos verificar em Quijano & Montoya (2008), e pensado – conforme Flores (2021).

Assim, a partir da articulação entre arbitrariedade e valor, a tradução surge como um fenômeno que põe em movimento os princípios mais evidenciados na linguística geral saussuriana. Cada signo traduzido testemunha a variabilidade de seus valores, e cada tradução, em última instância, é uma prova de que a língua só existe na diferença.

Ao refletirmos sobre a teoria do valor e sua relação com os Estudos da Tradução, é fundamental considerar que os termos de uma língua se constituem internamente, por meio de relações diferenciais no sistema linguístico. Por essa razão, não há, no ato tradutório, possibilidade de correspondência plena ou integral entre unidades linguísticas de línguas distintas. Por exemplo, a sintaxe de uma língua *X* pode concentrar um peso semântico maior ou menor nos verbos do que comparada à sintaxe de uma outra língua *Y*; e isso pode ser explicitado por nomenclaturas próprias de uma cultura. Pensemos em frutos e plantas brasileiras que não possuem correspondência noutras línguas: a “pimenta-de-cheiro” não possui tradução, por exemplo; da mesma forma que diferentes vocábulos acerca de “neve”, nas línguas dos povos do extremo norte global, são uma lacuna para o português. Tais associações não são transponíveis de uma língua para a outra; hipoteticamente, para que sejam, os valores linguísticos constituídos dentro de um idioma necessitariam ser reconstruídos – isto é, construídos novamente e de uma nova maneira, em outro idioma.

De Campos Silva e Seidel (2016), em seu texto acerca da noção de valor e/na tradução, afirmam que “o valor não contém, mas transborda”³⁵, ou seja, não há noção de valor sem relação, isto é, naquilo que ultrapassa os limites do signo isolado. A rede que compõe o valor de um signo é mais do que o contraste entre um significante e um significado. Traduzir, então, demanda uma recriação das relações entre os signos no interior e por meio da língua, que é um sistema, necessitando haver uma transposição, em busca de uma correspondência de termos: é preciso rearranjar articulações, combinações e, mesmo se houverem, as ausências dos signos e de seus valores no sistema linguístico. A composição das articulações na/da língua é o centro e

³⁵ Ver De Campos Silva e Seidel, 2016, p. 88.

fundamento de uma concepção de tradução, como um processo de reconstrução de valores no interior de uma língua.

Ora, o valor não possui uma relação direta com o mundo, mas sim em seu papel dentro do sistema e isso faz com que as palavras sejam definidas por suas diferenças e semelhanças com outras palavras. O valor é, portanto, relacional e pode ser entendido pela troca ou comparação com outros termos no sistema linguístico. Pensemos no caso do jogo de xadrez, analogia presente também no *Curso de Linguística Geral*: cada peça do jogo tem sua própria maneira de se mover dentro do jogo. As peças, em si mesmas, não possuem valor algum, mas dependem de todo um sistema, o jogo, para constituírem seu valor.

Quando tratamos de Saussure e seu envolvimento direto nos Estudos da Tradução, o linguista é, constantemente, apagado ou, erroneamente, ligado a uma ideia de rigidez estruturalista. Flores (2021) argumenta que a Teoria do Valor, que coloca o sentido no centro, é possível fazer-se uma teorização que possa figurar entre as teorias da tradução e sustenta seu argumento da seguinte maneira:

Assim, a teoria do valor criada por Ferdinand de Saussure é importante para a tradução em função do que acarretam seus princípios, e a primeira e mais importante de suas consequências – que tem forte incidência na tradução – é que o valor não é universal, consequentemente não o é, também, o sentido. A língua (*langue*), longe de parecer uma generalização universalmente, apenas tem existência nas línguas que, por sua vez, existem apenas na fala (*parole*) do sujeito falante, portanto em uma língua. (Flores, 2021, p. 91)

Ao associarmos a TdV ao sentido, deparamo-nos com Normand (2009) e o que a autora traz sobre Saussure no prisma, além do que as leituras equivocadas trazem. Para a autora “o cerne da teoria saussuriana é a língua como ligação de forma e de sentido a ser captada em diferenças”, o que pode, segundo Normand, “sair de uma interpretação estruturalista de Saussure, para ver no CLG uma teoria linguística de significação”. Em sua obra intitulada *Saussure*, a autora endossa ainda mais o fato de que o sentido é primordial para a teoria saussuriana: “[...] o sentido [...] é onipresente nos seus desenvolvimentos [de Saussure], pois é por essa primeira propriedade que são definidas as unidades linguísticas: elas só são reais quando significativas para os locutores. [...]” (Normand, 2009b, p. 157).

A leitura proposta por Normand permite delinear alguns pontos relevantes para a compreensão da obra saussuriana. Entre eles, pode-se mencionar a redefinição da noção de significação no âmbito da teoria linguística, uma vez que, em Saussure, a reflexão semântica não se constrói a partir da dissociação entre forma e sentido. Nessa perspectiva, a significação

é pensada de maneira articulada aos diferentes níveis da descrição linguística, sem que se estabeleçam compartimentalizações rígidas entre eles.

A análise de Normand elenca pontos centrais para o entendimento da obra saussuriana. A ruptura que a visão de Saussure proporciona no prisma da compreensão do que é significação em uma teoria linguística é um primeiro ponto; dado que a teorização semântica do linguista não desassocia forma e sentido. E, em segundo lugar, enjeita-a à separação dos níveis da análise linguística. Flores (2021) complementa esta leitura com: “[...] é uma teoria de conjunto em que léxico, sintaxe e morfologia estão embricados. Finalmente, o destaque para o fato de que o sentido é real apenas quando locutores estão implicados. [...]” (Flores, 2021, p. 38).

Encerrando as reflexões do Capítulo 2, observamos que a arbitrariedade do signo e a teoria do valor, conforme desenvolvidas por Ferdinand de Saussure, constituem fundamentos essenciais para compreendermos os limites e possibilidades da tradução. A relação não motivada entre significante e significado, aliada à noção de valor como resultado das relações diferenciais entre os signos, indica que o sentido de um signo é sempre relacional, definido por sua posição diferencial no interior da língua. Nesse sentido, a tradução não pode ser concebida como mera transposição de unidades isoladas, mas como um processo que opera com sistemas heterogêneos de valor, nos quais o sentido emerge da articulação entre elementos internos e relações diferenciais. Essa concepção permite perceber o caráter interpretativo e não universal do processo tradutório, ao colocar em relevo os desafios teóricos associados à diversidade linguística. A partir dessas premissas, o Capítulo 3 debruçar-se-á sobre a análise do manuscrito *Agamemnon*, traduzido por Saussure, procurando identificar, nas práticas tradutórias do linguista, indícios precoces da teoria do valor. Essa análise permitirá avaliar de que maneira a atividade de tradução contribuiu para a formulação de seus conceitos fundamentais, estabelecendo, assim, um diálogo entre teoria e prática no pensamento saussuriano.

Capítulo 3 – O manuscrito *Agamemnon* como prática de tradução e observação do valor linguístico

“É realmente impossível ignorar as eclipses de sentido que as rasuras do manuscrito escancaram”.
Eliane Silveira, 2007, p. 111

Neste terceiro e último capítulo, analisamos o manuscrito *Agamemnon*, apresentando, em figura, o documento original, bem como a transcrição do francês e a tradução para o português realizadas por nós. O exame do manuscrito inclui a consideração das notas redigidas por Saussure, que serão colocadas em relação com os referenciais teóricos mobilizados ao longo do trabalho, em especial as noções de valor e de arbitrariedade.

O corpus de análise deste trabalho é o manuscrito que contém a tradução pedagógica³⁶ do *Agamemnon*. Para a investigação, tomamos como base o documento original, conservado na *Bibliothèque Publique de Genève* sob a inscrição *Archives de Saussure (AdS 381/3)*, tal como disponibilizado no site da Biblioteca de Genebra. As análises serão construídas a partir de discussões sobre valor e arbitrariedade presentes do *Curso de Linguística Geral* (2012), além de retomarmos De Mauro (1967), traremos Quijano & Montoya (2008), autoras que apresentam um estudo destas duas noções saussurianas, Flores (2021), que abrange as noções de valor e arbitrariedade na Tradução; bem como a outros estudiosos da fortuna saussuriana, como Godel (1957), Engler ([1968] 1989), Silveira (2007; 2022), Testenoire (2013,2019), entre outros, que analisam como Saussure elabora suas fontes manuscritas.

3.1. – O manuscrito *Agamemnon* como espaço de elaboração: critérios de transcrição e leitura

Os trechos selecionados para análise serão apresentados com as imagens do original, acompanhadas de uma transcrição em francês, elaborada por nós e apresentada em nota de rodapé, bem como de sua tradução para o português brasileiro (PTBR). Essa metodologia, muito difundida nas pesquisas brasileiras, tem sua origem nos trabalhos de Silveira (2007) que foi aperfeiçoada ao longo do seu trabalho³⁷ e encontra um modelo mais acabado no trabalho de 2022, no qual se percebe a motivação para a apresentação do *fac simile*:

³⁶ No campo da didática das línguas, a tradução pedagógica é frequentemente caracterizada como prática reflexiva, voltada à comparação entre sistemas linguísticos. Jean Delisle (1980), ao tratar da formação de tradutores, formula esse papel de modo explícito: “A tradução, quando utilizada com fins pedagógicos, torna-se um meio privilegiado de tomada de consciência dos mecanismos linguísticos e discursivos, em vez de um simples exercício de transposição.” (p. 32 – tradução nossa)

³⁷ Ver Silveira (2007).

A leitura do manuscrito em si pode colaborar com a compreensão dos conceitos na medida em que o processo de elaboração é bastante lento, detalhado e, às vezes, repetitivo, com pequenos deslocamentos, ao contrário da grande maioria das definições, que são muito mais concisas e categóricas, às vezes ocultando meandros do funcionamento do conceito. O processo de leitura do manuscrito favorece a formação do linguista porque ele pode acompanhar o movimento de elaboração de outro linguista ao trazer a posição teórica do seu tempo, ao contrapor e propor alternativas, muitas vezes com exemplos práticos. (Silveira, 2007, p.69)

Além disso, a maneira como lidamos com a língua francesa e a portuguesa na de apresentação dos dados é igualmente baseada na proposta metodológica de Silveira (2022):

Também acrescentamos, logo abaixo do *fac-símile*, a transcrição traduzida – e bastante aproximada – do próprio manuscrito. O *fac-símile* é mostrado porque julgamos que esse procedimento atende à expectativa do leitor de Saussure de se encontrar com a sua própria escrita e porque sabemos que o contato com a especificidade da escrita de Saussure, na sua materialidade, ao elaborar os conceitos de linguística, pode, por um lado, colaborar com a compreensão dos mesmos e, por outro, favorecer a sua formação como linguista. Acreditamos, ainda, que irá facilitar a compreensão do leitor que não domina a língua francesa e possibilitar ao que a domina a possibilidade de contrasta-la com o próprio manuscrito, inclusive, permitindo decifrar particularidades do manuscrito, o que não nos foi possível no momento da transcrição e tradução. (Silveira, 2022, p.70)

Os trechos selecionados para a reflexão reúnem diferentes propostas tradutórias para um mesmo segmento textual, como se poderá observar, o que sustenta a hipótese de que se delineia, ainda que de modo inicial, um princípio da Teoria do Valor em Saussure. Tal perspectiva encontra apoio nas análises de Quijano & Montoya (2008) e de Flores (2021), que chamam atenção para o modo como o autor considera a adequação entre formas tradutórias e determinadas situações de uso.

Senso assim, a metodologia de transcrição adotada neste capítulo parte do reconhecimento de que o manuscrito saussuriano se apresenta como um espaço de elaboração intelectual em andamento, no qual a escrita registra avanços, retomadas e correções. A transcrição, nesse quadro, não busca reconstruir um texto definitivo, mas oferece um acesso a um estado concreto da escrita, preservando rasuras, inserções e reformulações, que contribuem para a compreensão do processo de reflexão. Essa orientação aproxima-se da posição de Godel, segundo a qual, nos manuscritos de Saussure, “[...] não se trata de estabelecer um texto definitivo, mas de dar conta da realidade manuscrita em toda sua complexidade. [...]”³⁸ (Godel,

³⁸ Original: “[...] il ne s’agit pas d’établir un texte définitif, mais de rendre compte de la réalité manuscrite dans toute sa complexité. [...]”

1957, p. 12 – tradução nossa). Do mesmo modo, Engler observa que tais marcas não podem ser tratadas como acidentes gráficos, pois “[...] as rasuras, os incisos e os deslocamentos fazem parte integrante do pensamento em vias de se construir. [...]” (Saussure, [2002] 2004, p. XL). Nessa perspectiva, a transcrição procura manter uma distinção entre o registro do documento e sua interpretação analítica, em consonância com a advertência de De Mauro de que “[...] os manuscritos de Saussure testemunham uma elaboração progressiva e não um sistema já acabado. [...]”³⁹ (De Mauro, 1967, p. 87 – tradução nossa). Assim concebida, a transcrição assume a função de mediação entre o leitor e o manuscrito, tornando visível a escrita em processo sem projetar sobre ela uma organização teórica estabilizada.

Dito isso, adotamos dois procedimentos de transcrição amplamente utilizados em estudos filológicos, em crítica genética e na edição de manuscritos, definidos em função de objetivos analíticos distintos. Em um primeiro momento, logo abaixo das figuras, recorre-se à transcrição — e tradução — diplomática, entendida como aquela que “[...] procura respeitar, de modo tão fiel quanto possível, a disposição gráfica do manuscrito, preservando rasuras, acréscimos, sobreposições e outras particularidades gráficas. [...]” (Silveira, 2015, pp. 121–122), uma vez que esse tipo de transcrição “[...] permite acompanhar o processo de escrita, evidenciando hesitações, reformulações e diferentes camadas de inscrição textual [...]” e “[...] não regulariza nem normaliza o texto, mas conserva as marcas do gesto de escrita tal como se apresentam no manuscrito. [...]” (Silveira, 2015, p. 122). Esse procedimento, recorrente em trabalhos voltados à observação do processo de escrita e da materialidade textual — como nos estudos de Grésillon (1994) e nos trabalhos sobre manuscritos saussurianos analisados por Godel (1957) e Testenoire (2008) —, permite acompanhar hesitações, reformulações e diferentes camadas de inscrição textual, uma vez que não regulariza nem normaliza o texto, mas conserva as marcas do gesto de escrita tal como se apresentam no documento.

No que tange aos procedimentos metodológicos adotados para a apresentação dos trechos transcritos do manuscrito, optamos por estabelecer uma distinção visual entre os diferentes tipos de anotações, de modo a preservar a legibilidade e a integridade das camadas discursivas presentes no documento. Assim, as notas marginais, observações metalinguísticas e comentários destinados aos alunos aparecerão em fonte padrão (Times New Roman), enquanto os trechos do texto traduzidos por Saussure serão apresentados em fonte em fonte distinta, em *itálico* e em *azul-escuro*, permitindo identificar a separação entre o texto-base e sua

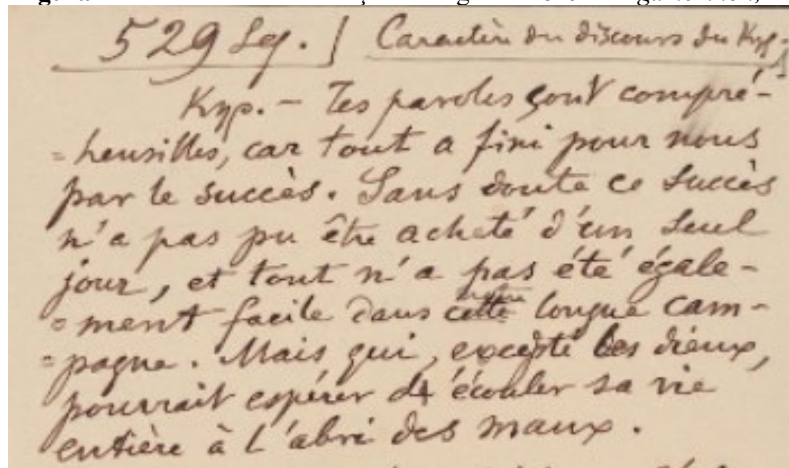
³⁹ Original: “[...] les manuscrits de Saussure témoignent d’une élaboration progressive et non d’un système déjà achevé. [...]”

tradução e as intervenções reflexivas do linguista, mesmo que em alguns momentos esse limite não seja muito claro.

3.2. – Tradução, reformulação e valor linguístico no manuscrito *Agamemnon*

O trecho do manuscrito de Saussure que apresentamos abaixo apresenta uma escrita marcada por incisos, rasuras e notas interlineares, o que permite situá-las no interior de um processo de elaboração reflexiva característico das notas saussurianas presentes em manuscritos. A disposição do texto, marcada pela ausência de segmentação rígidas e pela progressão de encadeamentos explicativos, pode ser entendida como indicativa de um trabalho voltado para a tradução, orientado menos para a fixação definitiva de formulações e mais para a indicação gradual de relações conceituais e lexicais. A presença concomitante do francês e do grego, bem como a introdução de termos comentados e reformulados no próprio curso da escrita, indica uma prática de análise que se apoia na comparação entre línguas como procedimento metodológico. Nesse sentido, a imagem abaixo que apresenta o processo de trabalho de Saussure, permite compreender um modo de investigação no qual a observação linguística se desenvolve a partir do manuscrito como espaço de ensaio, em que a elaboração é continuamente retomada e reajustada em função das relações que os termos mantêm entre si no conjunto da língua. Acompanhemos:

Figura 1 – Comentário de tradução do segmento 529 de *Agamemnon*, f.?



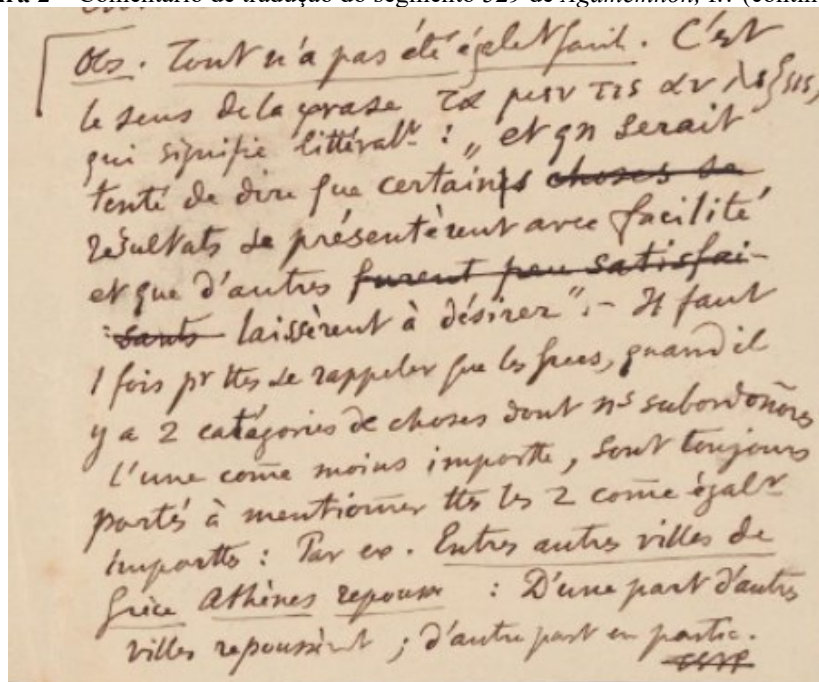
Fonte: Arch. de Saussure, 381/3

529 seg. Caráter do discurso do **Arauto**

Arauto – As palavras são compre-
-ensíveis, pois tudo terminou para nós
com êxito. Sem dúvida, esse êxito
não pôde ser adquirido em um único dia, e nem tudo foi igual-
-mente fácil ^{nessa} ^{nostra} longa campa-
-nha linguística. Mas quem, exceto os deuses,
poderia esperar atravessar toda a sua vida a

o abrigo dos males (grifo nosso)⁴⁰

Figura 2 – Comentário de tradução do segmento 529 de Agamemnon, f.? (continuação)



Fonte: Arch. de Saussure, 381/3

Obs. Nem tudo foi igualmente fácil. Este é o sentido da expressão "as questões relativas ao empréstimo", que significa literalmente: "e seríamos levados a dizer que cert^{as} ~~as coisas se~~ resultados que apresentaram com facilidade, enquanto outras ~~foram pouco satis-~~ ~~fatórias~~, deixando a desejar". Convém lembrar, mais uma vez, que os gregos, quando há 2 categorias de coisas, das quais subordinamos uma como menos importante, tendem sempre mencionar ambas como igualmente importantes. Por exemplo: entre outras cidades da Grécia, Atenas repele: de um lado, outras cidades são repelidas; de outro, em parte.

TSVP⁴¹

⁴⁰ 529 seg. Caractère du discours du κηρ κηρ. – Les paroles sont compréhensibles, car tout a fini pour nous par le succès. Sans doute ce succès n'a pas pu être acheté d'un seul jour, et tout n'a pas été également facile dans cette notre langue campagne. Mais qui, excepté les dieux, pourrait espérer de'écouler sa vie entière à l'abri des maux.

⁴¹ Obs. Tout n'a pas été également facile. C'est le sens de la phrase τὰ περὶ τῆς δάνασσεως, qui signifie littéralement : "et on serait tenté de dire que certain^{es} ~~choses se~~ résultats de présentés avec facilité et que d'autres fussent ~~peu satisfaisants~~ ~~laissent~~ à désirer", - il faut 1 fois prtes de rapeler que les grecs, quand il y a 2 catégories de choses dont ns subordonons l'une comme moins importante, sont toujours portés à mentionner ttes les 2 comme également importantes: Par ex. Entre autres villes de Grèce Athènes repousse : D'une part d'autres Villes repoussent; d'autre part en partie. TSVP

O trecho inicial, na Figura 1, redigido em francês, organiza-se como uma sequência argumentativa marcada por reformulações sucessivas, rasuras e acréscimos interlineares, configuração que permitem apreender a escrita como lugar de elaboração em curso. Esse modo de inscrição encontra correspondência em outros manuscritos saussurianos, nos quais a reflexão não se apresenta como formulação estabilizada, mas como construção progressiva, atravessada por retomadas e deslocamentos. Nessa perspectiva, a escrita não funciona como simples registro posterior de conceitos já definidos, mas como espaço em que a elaboração teórica se efetiva. Como observa Silveira (2022), trata-se de acompanhar Saussure “[...] no movimento de elaboração teórica em que ele se coloca. [...]” (p. 19), uma vez que o manuscrito pode ser tomado como um lugar em que a teoria se constrói na própria linguagem, e não como exposição sistemática acabada.

A leitura ampliada desse manuscrito, com atenção aos detalhes, nos permite reconhecer o modo como a reflexão nele esboçada se inscreve em uma problemática propriedade linguística, centrada na articulação entre valor e leitura interpretativa.

A menção inicial, logo no título da página, “*caractère du discours*” - Figura 1- orienta a leitura para além do nível da palavra isolada. A organização linguística surge como o espaço em que as unidades adquirem pertinência umas em relação às outras, e não como simples soma de significações prévias. Quando há observação, na segunda linha, que “*les paroles sont comprises*”, mas imediatamente associa essa compreensão a um processo que culmina no sucesso: “*car tout a fini pour nous par le succès*” (terceira linha) sem que esse sucesso seja uniforme ou imediato, delineia-se uma concepção segundo a qual o sentido não se apresenta como dado, mas como resultado de uma trajetória interna. A compreensão aparece, assim, como efeito de relações estabilizadas, e não como propriedade intrínseca das formas.

Logo na primeira linha do manuscrito, observa-se a introdução do termo grego - *Κῆρυξ* / *Κῆρ* (Arauto) – inserido no interior de uma explicação que busca circunscrever um determinado valor semântico. A presença desse termo não parece cumprir apenas uma função ilustrativa ou erudita, mas atuar como apoio para uma reflexão sobre a maneira pela qual certas palavras concentram funções sociais específicas. Em Saussure, esse procedimento é recorrente: o recurso ao grego antigo não se limita à investigação etimológica, mas se inscreve em uma observação das relações internas entre as formas. Como formulado no CLG, “[...] o valor de um termo resulta unicamente da presença simultânea de outros termos. [...]” (Saussure, [1916] 2012, p. 133).

No caso de *Κῆρ* / *κῆρυξ*, o manuscrito parece explorar o estatuto intermediário do arauto enquanto figura de transmissão, situada entre instâncias distintas de autoridade e de enunciação.

Essa posição relacional encontra ressonância nas observações saussurianas acerca do funcionamento das unidades linguísticas, uma vez que, ao tratar das funções ligadas ao dizer, Saussure assinala que “[...] a palavra não existe por si mesma, mas pela função que desempenha na troca social. [...]” (Saussure, [2002] 2004, p.37). Assim, o arauto não se define pelo conteúdo que transmite, mas pela posição que ocupa no processo de transmissão.

A análise manuscrita sugere ainda uma distinção implícita entre o termo grego e suas possíveis traduções ou equivalentes em línguas modernas. Esse distanciamento remete à incomensurabilidade entre as línguas, amiúde destacada por Saussure. A impossibilidade de uma correspondência terminológica precisa decorre da constatação de que as delimitações de valor, singulares a cada idioma, não se recobrem por completo. Nessa perspectiva, *Κηρ* não se deixa reduzir a formas como “mensageiro” ou “porta-voz” sem que se perca parte do conjunto de relações institucionais e rituais que sustentam seu valor no grego antigo.

O manuscrito parece ainda articular essa reflexão a uma consideração mais ampla sobre desigualdade e distribuição dos termos, perceptível nas passagens em que se afirma que “*tout n’a pas été également facile*” (sexta linha), e que certas coisas “*se présentent avec facilité*”, na quinta linha da Figura 2, enquanto outras “*laissent à désirer*” (sétima linha, Figura 2). Tal formulação pode ser relacionada à Teoria do Valor, segundo a qual as unidades não se organizam de modo homogêneo no conjunto das relações. Como observa Saussure, “[...] na língua, só existem diferenças sem termos positivos. [...]” (Saussure, [1916] 2012, p. 136), de modo que a facilidade ou a dificuldade associada a uma forma decorre de sua posição diferencial, e não de uma propriedade intrínseca.

A articulação entre francês e grego antigo nesta folha aponta um traço recorrente da escrita saussuriana: a circulação entre línguas como procedimento de leitura e de análise. Nesse sentido, Testenoire (2019) observa que, nos manuscritos, a passagem de uma língua a outra não responde a uma lógica de tradução substitutiva, mas a um gesto analítico no qual “[...] as línguas são mantidas em co-presença a fim de tornar visíveis as lacunas e as relações que fundamentam o sentido. [...]” (Testenoire, 2019, p. 121 – tradução nossa)⁴². Essa circulação não tem função ilustrativa, mas acompanha o exame das relações que organizam o funcionamento do texto.

Nesse âmbito, o termo *Κηρ* (Arauto) pode ser considerado um ponto de condensação do trabalho manuscrito, na medida em que sua presença desencadeia comentários, reformulações e retomadas que não se limitam à identificação referencial da figura, mas à função que ela ocupa

⁴² Original: “[...] les langues sont maintenues en co-présence afin de rendre visibles les écarts et les relations qui fondent le sens. [...]”

no encadeamento do texto. Tal prática corresponde ao que Silveira (2007) descreve como um gesto de escrita no qual o sentido não é pressuposto, mas se constrói “[...] no próprio processo de reformulação e reinscrição, visível nas retomadas e explicitações manuscritas. [...]” (Silveira, 2007, p. 72). Assim, a circulação entre o grego e o francês não visa estabilizar o significado do termo, mas permitir observar como seu valor se define pelas relações que estabelece no interior do texto.

Essa leitura encontra respaldo quando o texto sugere, na Figura 2, primeira linha, que “*tout n’a pas été également facile*”. A sequência que se segue indica que a expressão, se tomada de maneira literal, pode induzir a uma leitura simplificadora. A indicação desse risco remete a um ponto recorrente da reflexão: a distância entre o encadeamento formal da formulação e o valor que dela se depreende. Essa possível discrepância indica que a língua não assegura, por si só, uma correspondência imediata entre forma e interpretação. O valor resulta das relações estabelecidas entre as unidades e das posições que assumem umas em relação às outras.

A distinção proposta entre diferentes *catégories de choses* (nona linha, Figura 2) contribui para o aprofundamento da reflexão. O manuscrito assinala que certos elementos, ainda que avaliados como secundários, são frequentemente mobilizados como se detivessem o mesmo estatuto que outros. Tal observação não se limita a um problema de estilo ou de retórica; ela toca o cerne da teoria do valor. Ao tratar como equivalentes elementos que não desempenham a mesma função na rede de oposições, a formulação produz um efeito de nivelamento que obscurece as diferenças constitutivas do funcionamento linguístico. A advertência contida no manuscrito aponta, portanto, para a necessidade de respeitar as assimetrias que organizam a língua.

O exemplo das cidades gregas é particularmente elucidativo nesse ponto. A nomeação singular de Atenas, em contraste com a referência genérica a “*d’autres villes*” (décima terceira linha, Figura 2), não é neutra. Mesmo quando a formulação parece equilibrada, o simples fato de isolar um nome próprio reconfigura a distribuição dos valores. Atenas passa a funcionar como polo de referência, enquanto as demais cidades se agrupam em uma categoria residual. O manuscrito sugere que essa diferença não pode ser apagada sem prejuízo para a análise que precede a tradução, pois ela interfere diretamente no modo como a formulação se organiza e se deixa interpretar.

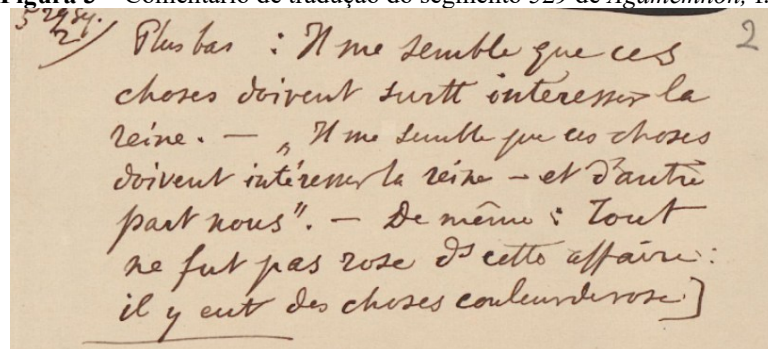
Esse procedimento analítico dialoga de maneira estreita com a concepção saussuriana segundo a qual a língua se define por valores puramente diferenciais. Não é a substância das palavras que importa, mas as relações que elas mantêm entre si. Ao criticar a menção de elementos desiguais como se fossem equivalentes, o manuscrito reafirma que o valor não

admite ser pensado em termos absolutos ou quantitativos, mas apenas de modo relacional. A igualdade formal não implica igualdade de valor, assim como a diferença de forma não se reduz a uma diferença de significação isolada.

Outro aspecto relevante reside na atenção dispensada às formulações que “*laissent à désirer*” (sétima linha, Figura 2). Essa expressão indica que certos resultados discursivos permanecem aquém do que se poderia esperar, não por insuficiência lexical, mas por inadequação na articulação das unidades. A língua, tal como se deixa entrever no manuscrito, impõe limites à expressão plena, e esses limites decorrem de seu funcionamento interno. O dizer se constrói sempre sob a pressão de escolhas que privilegiam determinadas relações em detrimento de outras, o que implica perdas, deslocamentos e reajustes contínuos.

Em seu conjunto, o manuscrito pode ser lido como um exercício de atenção às relações que organizam as formas linguísticas. A escrita, atravessada por observações marginais e reformulações, evidencia uma recusa de afirmações fechadas e uma preferência por análises que se mantêm abertas à retificação. Essa postura é coerente com uma concepção de língua na qual os sentidos resultam de relações provisoriamente estabilizadas, e não de propriedades intrínsecas das formas, no qual os valores se mantêm apenas por oposição recíproca. A densidade desse documento reside justamente na capacidade de tornar visível, em um espaço reduzido, uma série de problemas centrais da linguística saussuriana: a primazia das relações, a não equivalência entre forma e valor e a exigência de uma leitura atenta às assimetrias internas da organização linguística. No trecho que destacamos a seguir isso fica mais evidente.

Figura 3 – Comentário de tradução do segmento 529 de *Agamemnon*, f. 2

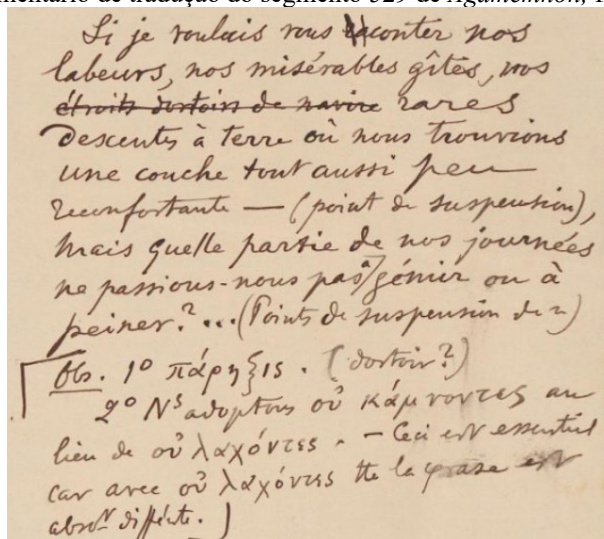


Fonte: Arch. de Saussure, 381/3

529 seg. Mais adiante: Parece-me que essas coisas devem sobretudo interessar a rainha. – “Parece-me que essas coisas devem interessar a rainha – e, por outro, lado, a nós”. – Do mesmo modo: nem tudo foi tranquilo nesse episódio:

houve aspectos rosados.⁴³

Figura 4 – Comentário de tradução do segmento 529 de *Agamemnon*, f. 2 (continuação)



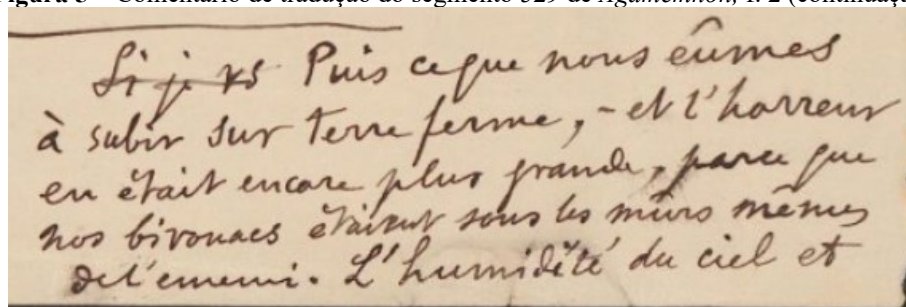
Fonte: Arch. de Saussure, 381/3

Se eu quisesse ~~con~~relatar-vos os nossos
 Labores, os nossos miseráveis abrigos, as nossas
~~Parcas provisões, longe de qualquer conforto,~~ as raras
 Descidas a terra onde encontrávamos
 um leito igualmente pouco reconfortante (ponto de suspensão),
 mas que parte de nossos dias
 não passávamos^a gemer ou a
 labutar... (ponto de suspensão)
 [Obs. 1^o “Exceto” (deve-se empregar?)
 2^o Adaptamos “não é uma lagosta”
 em lugar de “não [são] hortaliças”. — Isso é essencial,
 pois com “não [são] hortaliças” toda a frase adquire
 um sentido absolutamente diferente.]⁴⁴

⁴³ 529 seg. 2) Plus bas: Il me semble que ces choses doivent surtout intéresser la reine. — “Il me semble que ces choses doivent intéresser la reine — et d’autre part nous”. — De même: tout ne fut pas rose dans cette affaire: il y eut des choses couler de rose]

⁴⁴ Si je voulais vous raconter nos labeurs, nos misérables gîtes, ~~nos étroits dorts de navire~~ rares descentes à terre où nous trouvions une couche tout aussi peu reconfortante — (point de suspension), mais quelle partie de nos journées ne passions-nous pas à gémir ou à peiner? ... (Points de suspension sans []) Obs. 1^o πάρηξις (dostoir?) 2^o nous adoptons οὐ κάμνοντες au lieu de οὐ λαχόντες — Ceci est essentiel car avec οὐ λαχόντες toute la phrase est absolument différent.]

Figura 5 – Comentário de tradução do segmento 529 de *Agamemnon*, f. 2 (continuação)



Fonte: *Arch. de Saussure*, 381/3

~~Se eu vos~~ Depois, o que tivemos de suportar
Em terra firme – e o horror
Era ainda maior, porque
Os nossos acampamentos estavam sob os próprios muros
Do inimigo. A umidade do céu e⁴⁵

Este *fac-simile* parece apresentar uma continuidade com as preocupações já observadas nas Figuras 1 e 2, buscando aprofundar a reflexão sobre a articulação interna das formas linguísticas e sobre os efeitos produzidos por variações aparentemente mínimas na formulação. A escrita avança por comparações sucessivas entre formulações próximas, cuja diferença não reside no conteúdo referencial, mas na distribuição das unidades e na posição que ocupam na cadeia verbal.

Logo no início, na Figura 3, a alternância entre “*Il me semble que ces choses doivent surtout intéresser la reine*” e “*Il me semble que ces choses doivent intéresser la reine – et d’autres pas nous*”, na segunda e terceira linha, respectivamente, introduz um jogo de reformulação que não visa esclarecer um fato, mas testar o valor relativo das construções. A modificação do encadeamento não acrescenta um elemento novo, mas redistribui as relações internas da formulação, produzindo efeitos distintos de hierarquização. O manuscrito sugere, assim, que a diferença entre as formulações não pode ser avaliada unicamente em termos de conteúdo informativo, mas em função do lugar que cada segmento ocupa e das oposições que se instauram.

Essa preocupação reaparece quando o texto afirma que, nas linhas cinco e seis, respectivamente, “*tout ne fut pas rose dans cette affaire*”, seguido da observação de que “*il y eut des choses couleur de rose*”. A justaposição dessas expressões mostra que uma avaliação global e uma avaliação diferenciada não possuem o mesmo valor, ainda que possam parecer semanticamente próximas. A primeira tende a homogeneizar a apreciação, enquanto a segunda

⁴⁵ Si je puis ce que nous eumes à subir sur terre ferme, -et l'horreur en était encore plus grande, parce que nos bivouacs étaient sous les murs mêmes de l'ennemi. L'humidité du ciel e

introduz uma distinção interna, repartindo os elementos segundo graus diversos. O manuscrito parece indicar que essa passagem de uma forma a outra não é indiferente, pois altera a maneira como o conjunto é apreendido.

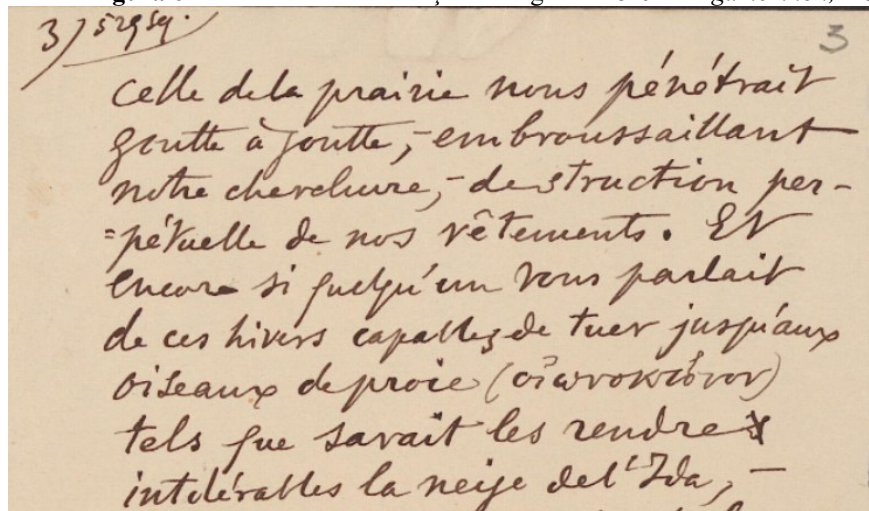
Na Figura 4, a frase sobre “*nos labeurs*”, “*nos misérables gîtes*” e a “*descente à terre*”, nas linhas um e dois, intensifica essa reflexão por meio de um encadeamento progressivo de imagens. O acúmulo de segmentos não funciona como simples ampliação expressiva, mas como um procedimento de gradação que modifica o valor do todo. Cada elemento acrescentado não se soma mecanicamente ao anterior, ele desloca o equilíbrio da sequência e redefine retrospectivamente as unidades já introduzidas. A menção explícita aos “*points de suspension*”, na sexta e nona linha da Figura 4, reforça essa leitura, pois evidencia que a interrupção e a suspensão participam ativamente da significação, instaurando expectativas e zonas de indeterminação.

Destaca-se que a observação anotada em forma quase técnica sobre a presença ou ausência de certos termos gregos, como *ἄζόνητες*. Ao afirmar que “*avec ἄζόνητες la phrase a un sens absolument différent*”, décima terceira linha da Figura 4, o manuscrito formula de modo quase paradigmático uma tese central da linguística saussuriana: a introdução ou a retirada de uma unidade não altera apenas um detalhe local, mas reconfigura o valor do conjunto. A diferença não se situa no plano da referência, mas na rede de oposições que se estabelece entre as formas. Uma única unidade, ao entrar na cadeia, modifica as relações internas e, por consequência, o sentido global.

A última parte da folha, apresentada na Figura 5, ao evocar a submissão “*sur terre ferme*”, segunda linha, e a intensificação do “*honteur*” ou da “*humilité*”, prolonga essa reflexão sob uma forma mais narrativa, sem abandonar a atenção às relações internas. A oposição entre grandeza e humilhação não se apresenta como contraste abstrato, mas como efeito de uma disposição específica das formas. O valor emerge da tensão entre os termos, e não da substância de cada um isoladamente.

No conjunto, esse documento pode ser lido como um exercício de exploração das diferenças internas à língua. A escrita, marcada por reformulações, exemplos e anotações marginais, aponta para uma atenção constante às consequências que pequenas variações formais produzem sobre o valor de cada termo. Em vez de buscar uma correspondência estável entre formas e significações, o manuscrito sugere uma concepção segundo a qual o sentido resulta sempre de relações, de hierarquias e de desequilíbrios observados. A análise, ainda que fragmentária, indica que o valor e a oposição funcionam como princípios de organização no funcionamento linguístico.

Figura 6 – Comentário de tradução do segmento 529 de *Agamemnon*, f. 3



Fonte: Arch. de Saussure, 381/3

3) 259 seg.

A da planície penetrava em nós

Gota a gota, enredando

A nossa cabeleira, - destruição perpétua de nossas vestes. E

ainda, se alguém nos falasse

daqueles invernos capazes de matar até

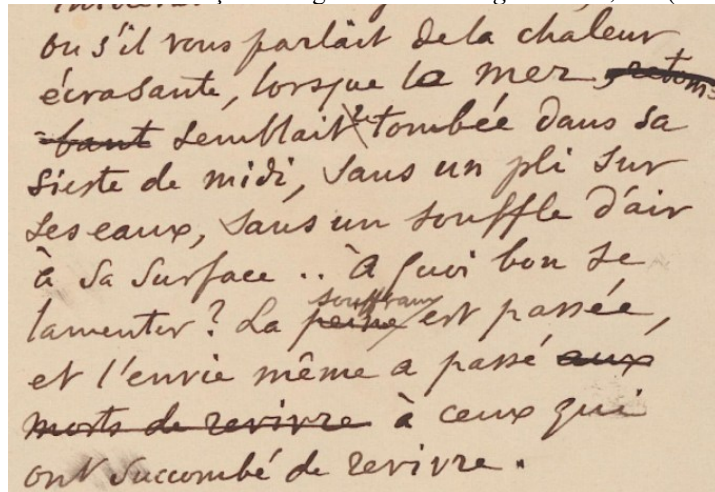
as aves de rapina ("assassino de pássaros"),

tais como a neve do Monte Ida

sabia torna-los intoleráveis —⁴⁶

⁴⁶ 3 529 seg. Celle de la prairie nous pénétrait goutte à goutte, - embroussaillant notre chevelure, - destruction perpétuelle de nos vêtements. Et encore si quelqu'un vous parlait de ces hivers capables de tuer jusqu'aux oiseaux de proie (σκαρποδοίων) tels que savait les rendre intolérables la neige de l'Ida,

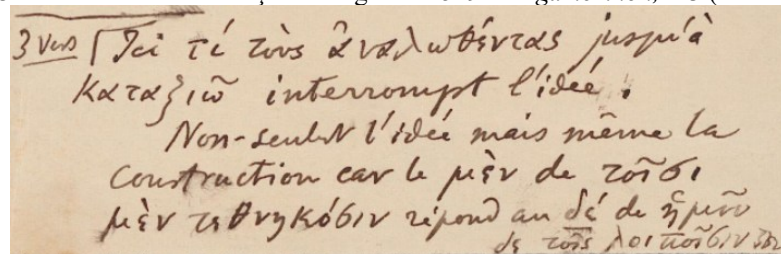
Figura 7 – Comentário de tradução do segmento 529 de *Agamemnon*, f. 3 (continuação)



Fonte: Arch. de Saussure, 381/3

ou se nos falasse do calor
esmagador, quando o mar parecia, ~~e ainda~~
parecia ter caído em sua
sesta de meio-dia, sem uma ruga em
suas águas, sem um sopro de ar
em sua superfície... a que propósito
lamentar-se? A ^{do} ~~pe~~ ^{pena} passou,
e até aos mortos passou desejo de reviver
o desejo de reviver passou
para aqueles que sucumbiam.⁴⁷

Figura 8 – Comentário de tradução do segmento 529 de *Agamemnon*, f. 3 (continuação)



Fonte: Arch. de Saussure, 381/3

3 verso [Aqui [o trecho de] “por que contar os que morreram” até
“considero digno” interrompe a ideia.
não apenas a ideia, mas até mesmo a
construção, pois o “homem” de “para aqueles homens que
morreram, por um lado” responde ao “de” de “para nós, os
restantes por outro lado”⁴⁸

⁴⁷ -ou s'il vous parlait de la chaleur écrasante, lorsque la mer, ~~retombant~~ semblait ^{le} tombée dans sa sieste de midi, sans un pli sur les eaux, sans un souffle d'air à sa surface... à quoi bon se lamentar? La ^{souffrant} ~~peine~~ est passée, et l'envie même a passé aux ~~morts de revivre~~ à ceux qui ont succombé de revivre.

⁴⁸ 3 vers [Ici τί τοὺς ἀναλωθέντας jusqu'à καταζῶ interrupt l'idée. Non-seulement l'idée mais même la Construction car le μὲν de τοῖσι μὲν ἐθνηκόσιν répond au δὲ de ἡμῶν de τοῖς λοιποῖς.]

O trecho inicial, na Figura 6, descreve uma cena da natureza - a umidade, o frio, a neve, o calor esmagador – por meio de uma sequência imagética, que se encadeia por coordenação e retomadas anafóricas. A escrita parece oscilar entre descrição sensorial e reflexão, o que pode ser relacionado à atenção de Saussure ao funcionamento do sentido no poema. Ainda que se trate de um texto literário ou parafrástico, o manuscrito sugere uma observação implícita sobre a maneira como o significado se constrói progressivamente no encadeamento das formas. Tal perspectiva encontra eco na concepção saussuriana segundo a qual “[...] O sentido de uma palavra é essencialmente função das palavras que a rodeiam. [...]” (Saussure, [2002] 2004, p. 39).

Em diversos pontos, a escrita apresenta hesitações e reformulações que parecem priorizar o rigor do efeito produzido, mais do que a simples acumulação de imagens. Essa atenção ao ajuste das formas pode ser relacionada à noção de valor linguístico, entendida não como propriedade intrínseca, mas como resultado de relações. Como formulado no CLG, a validação de qualquer entidade linguística decorre apenas da presença simultânea daquilo que a cerca, confirmando a sua natureza puramente relacional. Mesmo em um texto de caráter narrativo ou descritivo, o manuscrito parece operar segundo esse princípio relacional, no qual cada forma adquire pertinência pelo lugar que ocupa na sequência.

A parte final da folha, representada na Figura 8, 3 *vers*, primeira linha, introduz um comentário metalinguístico, com referência a versos gregos e à interrupção da ideia por determinado termo. Essa passagem sugere um deslocamento do plano descritivo para uma reflexão sobre a construção do sentido e sobre a organização da formulação. Tal movimento é compatível com a observação de Engler de que “[...] Não existe em Saussure uma separação nítida entre a análise linguística e a atenção dedicada às formas do discurso. [...]”⁴⁹ (Engler, [1968] 1989, p. XXXI – tradução nossa).

A coexistência, na mesma folha, de francês corrente, referências literárias e anotações em grego pode ser compreendida como um uso articulado de diferentes línguas enquanto instrumento de análise. Esse procedimento encontra respaldo na leitura proposta por Rudolf Engler, para quem “[...] o trabalho de Saussure apoia-se constantemente no vaivém entre várias línguas, não como uma justaposição erudita, mas como um método que permite fazer aparecer as relações que constituem o valor. [...]”⁵⁰ (Engler, [1968] 1989, p. 112 – tradução nossa). Nessa

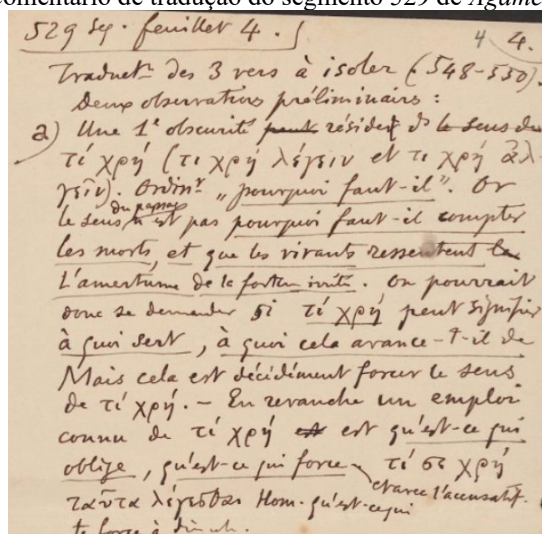
⁴⁹ Original: “[...] il n’existe pas chez Saussure de séparation nette entre l’analyse linguistique et l’attention portée aux formes du discours. [...]”

⁵⁰ Original: “[...] “le travail de Saussure s’appuie constamment sur le va-et-vient entre plusieurs langues, non comme juxtaposition érudite, mais comme méthode permettant de faire apparaître les relations qui constituent la valeur”

perspectiva, o manuscrito pode ser lido como um espaço em que descrição, tradução implícita e reflexão teórica se entrecruzam, sem delimitações rígidas entre gêneros ou níveis de análise, mas orientados pela exploração das relações internas ao dizer.

Desse modo, a escrita presente nesta folha não se apresenta como texto acabado, mas como lugar de experimentação discursiva, no qual o sentido emerge de ajustes sucessivos e de relações estabelecidas entre formas. Essa característica confirma a observação, recorrente nos estudos saussurianos, de escrita manuscrita funciona como suporte privilegiado para observar o processo pelo qual as ideias linguísticas se constroem, se deslocam e se reformulam ao longo do próprio gesto de escrever.

Figura 9 – Comentário de tradução do segmento 529 de *Agamemnon*, f. 4



Fonte: Arch. de Saussure, 381/3

529 seg. Folha 4.

Tradução dos 3 verbos a isolar (548-550).

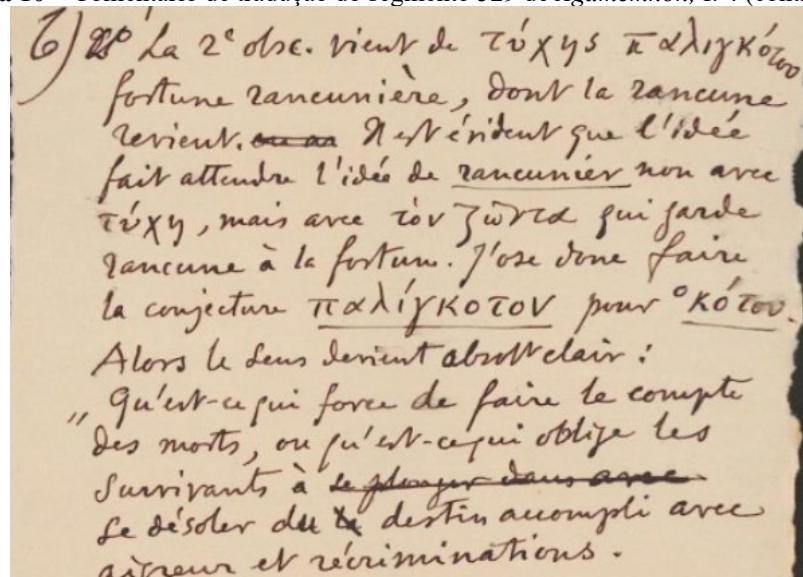
Duas observações preliminares:

- a) Uma 1ª obscuridade ~~pode~~ reside no ~~sentido~~ de “de que adianta” (“por que é preciso dizer” e “por que é preciso sofrer”). Habitualmente: ‘por que é preciso’. Ora, o sentido ^{da passagem} não é ‘por que é preciso contar os mortos’ e ‘que os vivos sintam a amargura da sorte irritante’. Poder-se-ia, portanto, perguntar se “é necessário” pode significar ‘de que adianta’, ‘o que adianta’.

Mas isso é forçar o sentido de “o que adianta”. - Em contrapartida, um emprego conhecido de “do que adianta” é ‘o que obriga’, ‘o que adianta’ com acusativo. “O que te obriga” Homero. ‘o que te força a dizer estas coisas’.⁵¹

⁵¹ 529 seg. feuillet 4. Traduction des 3 vers à isoler (548-550). Deux observations préliminaires: a) Une 1^e obscurité ~~peut~~ résider dans le ~~sens~~ des τί χρή (τί χρή λέγειν et τί χρή ἀλγείν). Ordin^{re} “pourquoi faut-il”. Or le sens ^{du rappas}

Figura 10 – Comentário de tradução do segmento 529 de *Agamemnon*, f. 4 (continuação)



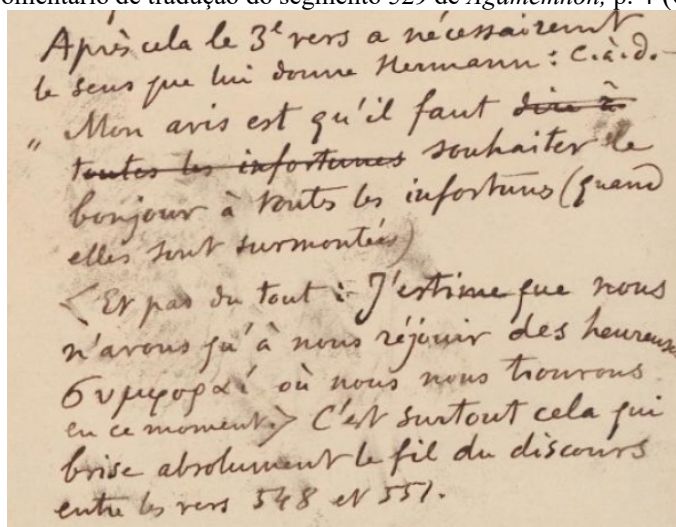
Fonte: Arch. de Saussure, 381/3

- b) A 2ª observação vem de “destino hostil”, destino rancoroso, cujo rancor retorna. É evidente que a ideia deixa à espera a ideia de rancoroso não com “destino”, mas com “aquele que vive”, que guarda rancor do destino. Ouso, portanto, fazer a conjectura “ressentido” para “ressentimento”. Então o sentido torna-se absolutamente claro: ‘o que obriga a fazer a contagem das palavras, ou o que obriga os sobreviventes a ~~mergulhá-lo dentro com~~ se lamentarem ~~pela~~ pelo destino alcançado com amarguras e recriminações.⁵²

n’est pas pourquoi faut-il compte les mots, et que les vivants ressentent ~~la~~ l’amertume de la forte irrite. On pourrait donc se demander si τί χρή peut signifier à quoi sert, à quoi cela avance-t-il de Mais cela est décidément forcer le sens de τί χρή. – En revanche un emploi connu de τί χρή est qu’est-ce qui oblige, qu’est qui force avec l’accusatif τί δε χρή ταῦτα λέγεσθαι Hom. qu’est-ce qui te force à dire quelque chose.

⁵² b) 2e La 2^e obs. vient de τύχης παλγκότου fortune rancunière, dont la rancune revient. ~~en eu~~ Il est evidente que l’idée fait attendre l’idée de rancunier non avec τύχη, mais avec τὸν Ζῶτα qui garde rancune à la fortune. J’ose donc faire la conjecture παλγκότου pour κότου. Alors le sens devient absolument clair: qu’est-ce qui force de fair ele compte “des mots, ou qu’est-ce qui oblige les survivants à ~~le pharynx dans avec~~ se désoler du ~~de la~~ destin accompli avec aifreur et récriminations.

Figura 11 – Comentário de tradução do segmento 529 de *Agamemnon*, p. 4 (continuação)



Fonte: Arch. de Saussure, 381/3

Depois disso, o 3º verso tem necessariamente o sentido que Hermann lhe atribuiu: isto é, ‘Minha opinião é que se deve ~~dizer a~~ ~~todas as desventuras~~ desejar bom dia a todas as desventuras (quando elas são superadas)’ <E de modo algum: estimo que não nos resta senão alegrar-nos com as felizes “circunstâncias” nas quais nos encontramos neste momento.> É sobretudo isso que rompe absolutamente o fio do discurso entre os versos 548 e 551.⁵³

A leitura do trecho acima permite acompanhar um modo de trabalho no qual a reflexão linguística se desenvolve de forma gradual, apoiada em tentativas de reformulação. As notas relativas ao termo grego *τίχη*, a partir da quarta linha da Figura 9, acompanhadas de propostas diversas de tradução para o francês, podem ser lidas como um momento em que o linguista se detém sobre uma questão recorrente em sua prática, ligada à apreensão do valor de uma unidade quando esta é considerada na passagem de uma língua a outra. Esta página não apresenta uma solução estabilizada, mas registra um percurso de análise no qual cada reformulação parece servir como ponto de observação para a seguinte.

Essa maneira de proceder pode ser relacionada à TdV tal como formulada por Saussure. Ao ensaiar diferentes termos de língua francesa, o linguista não parece buscar aquilo que o

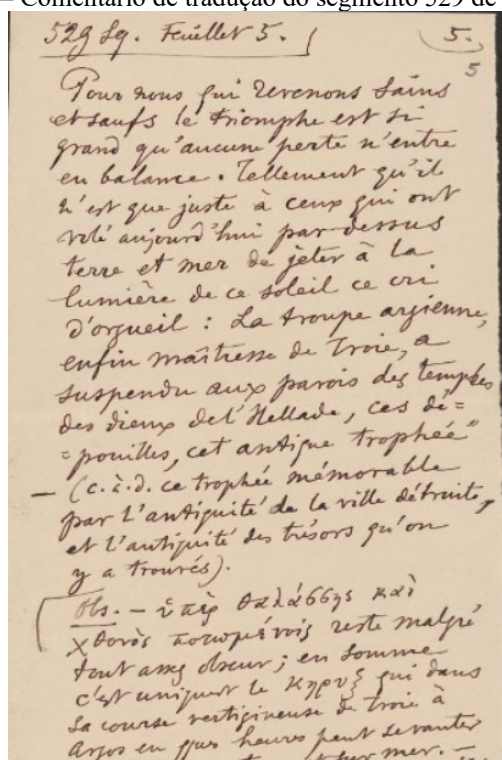
⁵³ Après cela le 3e vers a nécessairement le sens que lui donne Hermann: c'est-à-dire “Mon avis est qu'il faut ~~dire~~ ~~à toutes les infortunes~~ souhaiter le bonjour à tous les infortunés (quand elles sont surmontées) <Et pas du tout: j'estime que nous n'avons qu'à nous réjouir des heureux συμφορά où nous nous trouvons en ce moment.> C'est surtout cela qui brise absolument le fil du discours entre les vers 548 et 551.

termo grego “significa em si”, mas aquilo que se vale em determinadas relações. O movimento de aproximação e afastamento entre *τί χρή* e *fortune*, *hasard* ou outras formulações torna perceptível o princípio segundo o qual “[...] o valor de um termo é inteiramente determinado pelos termos que o cercam. [...]” (Saussure, [1916] 2012, p. 132). A tradução, nesse sentido, não surge como uma simples transposição, mas como um meio de tornar sensível a dependência relacional do valor.

Esta folha também permite observar como o princípio da arbitrariedade se manifesta na prática analítica. A dificuldade em fixar um equivalente francês não parece decorrer de uma insuficiência das línguas envolvidas, mas do fato de que cada signo se define por princípios próprios. Ao colocar em paralelo diferentes signos em francês para um mesmo termo grego, Saussure demonstra, de maneira implícita, o princípio segundo o qual “[...] o laço que une o significante ao significado é arbitrário. [...]” (Saussure, [1916] 2012, p. 81). A arbitrariedade não aparece como um obstáculo a ser superado, mas como um aspecto com o qual o tradutor deve lidar ao confrontar conjuntos de valores distintos.

A alternância entre grego e francês nesta mesma página reforça essa leitura. O francês não substitui o grego, nem o grego é reduzido a um ponto de partida. Ambos permanecem presentes como termos de comparação permanente. No manuscrito *Agamemnon*, o plurilinguismo, como abordamos anteriormente nesta seção, pode ser entendido como uma prática de trabalho, na qual a passagem de uma língua para a outra acompanha e orienta a reflexão sobre o valor.

Figura 12 – Comentário de tradução do segmento 529 de Agamemnon, p. 5



Fonte: Arch. de Saussure, 381/3

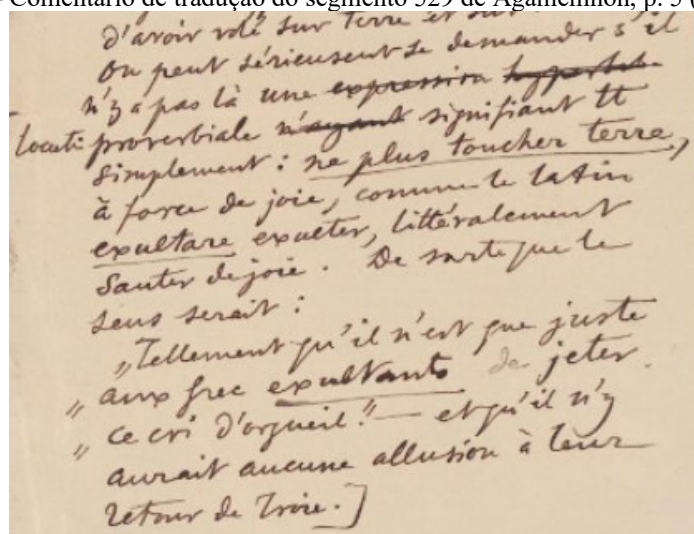
529 seg. Folha 5. / 5.

Para nós, que retornamos sãos
e salvos, o triunfo é tão
grande que não há nenhuma perda
se compara. Tanto que é
justo que aqueles que voaram hoje por
terra e mar lancem este
grito de orgulho à luz
deste sol: a tropa argiva,
nalmente senhora de Troia, pendurou
nas paredes dos templos dos deuses da Hélade estes
despojos, este antigo troféu
- (isto é, este troféu memorável
pela antiguidade da cidade destruída
e pela antiguidade dos tesouros que
ali foram encontrados).

Obs. — “àqueles que voaram sobre
Terra e mar”, no entanto, isso permanece
um tanto obscuro; em resumo,
apenas o Arauto, na
corrida vertiginosa de Troia a
Argos em poucas horas, pode afirmar
ter sobrevoado terra e mar —⁵⁴

⁵⁴ 529 seg. Feuille 5. Pour nous qui revenons sains et saufs le triomphe est si grand qu'aucune perte n'entre en balance. Tellement qu'il n'est que juste à ceux qui ont volé aujourd'hui pas dessus terre et mer de jeter à la lumière de ce soleil ce cri d'orgueil: la troupe argienne, enfin maîtresse de Troie, a suspendu aux parois des

Figura 13— Comentário de tradução do segmento 529 de Agamemnon, p. 5 (continuação)



Fonte: Arch. de Saussure, 381/3

pode-se questionar seriamente se esta não é simplesmente uma expressão hiperverbal expressão proverbial ~~não havendo~~ que significa: não mais tocar o chão, tomado pela alegria, como o latim exultare, exultar, literalmente saltar de alegria. Assim, o significado seria: "Tanto que é justo que os gregos exultantes profiram este grito de orgulho" - e que não haveria nenhuma alusão ao seu retorno de Troia.]⁵⁵

A escrita de Saussure nesta folha identificada como *feuille 5*, conforme Figura 12, compreendido como um espaço de escrita no qual a tradução, o comentário e a reflexão linguística se desenvolvem de maneira articulada, sem orientação para a estabilização de um texto final. Segundo observa Silveira (2007), ao analisar os manuscritos saussurianos, "[...] a escrita não se apresenta como um lugar de conclusão, mas como o espaço em que o pensamento se deixa ver em seu movimento, marcado por retomadas, reformulações e impasses. [...]" (Silveira, 2007, p. 67). Essa característica manifesta-se no *Agamemnon* pela ausência de uma

temples des dieux de l'Hellade, ces dépouilles, cet ainsi que trophée" – (C.à.d. ce trophée mémorable par l'antiquité des trésors qu'on y a trouvés). Obs. – ὑπάρ θαλάσσης καὶ χθονὸς κοτωρένσις reste malgré tout assez obscur; en somme c'est uniquement le κηρυξ qui dans la course vertigineuse de Troie à Argos eu Quelques heures peut lever d'avoir vidé sur terre et sur mer. -

⁵⁵ on peut sérieusement se demander s'il n'y a pas là une expression hyperlati-locuti proverbiale n'ayant signifiant et simplement: ne plus toucher terre, à force de joie, comme le latin exultare exulter, littéralement sauter de joie. De sorte que le sens serait: "Tellement qu'il n'est que juste "aux grecs exultants de jeter "ce cri d'orgueil." – et qu'il n'y aurait aucune allusion à leur retour de Troie.]

tradução contínua e pela presença de notas que acompanham o texto trágico em seu encadeamento, sem pretensão de fechamento ou de estabilização do sentido.

As notas concentram-se em passagem associadas à tomada de Troia, ao retorno dos vencedores e às imagens ligadas à destruição da cidade. Esses elementos surgem articulados aos comentários em francês que acompanham o texto grego, não como explicações exteriores, mas como tentativas de reformulação. As notas não configuram uma tradução contínua, mas uma série de aproximações sucessivas, nas quais certas formulações são retomadas, deslocadas ou deixadas em aberto. Essa maneira de trabalho pode ser relacionada à observação de Louis-Jean Calvet, segundo a qual, nos manuscritos, Saussure “[...] não busca fixar um resultado, mas sim explorar as possibilidades oferecidas pelas línguas que confronta. [...]” (Calvet, 2010, p. 83 – tradução nossa)⁵⁶.

O conteúdo sugere, também, que o linguista se detém sobre o modo como certas unidades do texto grego adquirem valor quando consideradas em relação a outras. As propostas de formular em francês aquilo que o grego apresenta não parecem visar à substituição do termo original, mas à observação das diferenças que emergem entre as línguas. Essa prática encontra respaldo na concepção presente no *CLG* segundo a qual “na língua só há diferenças” (Saussure, [1916] 2012, p. 139). As reformulações registradas podem ser lidas como manifestações desse princípio, aplicado ao exame de passagens trágicas.

A coexistência do grego e do francês, na décima oitava linha, em que o termo original permanece ativo durante todo o percurso de reflexão. O grego não é tratado como um ponto de partida que se abandona após a tradução, mas como uma presença que orienta as reformulações. Claudine Normand observa que, nas fontes manuscritas, Saussure “[...] trabalha no entrelugar das línguas, sem procurar apagar uma em proveito da outra [...]” (Normand, 2009a, p. 57). Essa observação parece pertinente para que a leitura deste *fac-simile*, na qual a passagem de uma língua a outra acompanha o exame do valor das unidades, sem conduzir a uma equivalência previamente estabelecida.

Do ponto de vista da materialidade da escrita, observa-se a presença de suspensões, comentários deixados em aberto e ausência de fechamento interpretativo. Testenoire (2019), ao analisar os manuscritos de Saussure, distingue os *blancs d’attente* (espaços em branco), que correspondem a “[...] zonas onde a escrita não marca uma interrupção do raciocínio, mas a manutenção voluntária de uma reflexão em suspenso. [...]” (Testenoire, 2019, p. 112 – tradução

⁵⁶ Original: “[...] Il ne cherche pas à fixer un résultat, mais plutôt à explorer les possibilités offertes par les langues qu’il confronte. [...]”

nossa)⁵⁷. No *Agamemnon*, a persistência de hipóteses não resolvidas pode ser compreendida à luz dessa noção, como parte constitutiva do gesto manuscrito.

A articulação entre manuscrito e prática pedagógica também se mostra relevante. Giuseppe D'Ottavi observa que os manuscritos e as aulas de Saussure devem ser compreendidos como “[...] o lugar de um saber em circulação, elaborado no ensino e não fora dele. [...]” (D'Ottavi, 2012, p. 94 – tradução nossa)⁵⁸. O manuscrito *Agamemnon*, produzido no contexto de cursos de língua e literatura grega, conserva os traços dessa situação pedagógica: a tradução funciona como instrumento de leitura e de explicitação de problemas linguísticos, e não como finalidade em si mesma.

A fragmentação do corpus e a ausência de ordenação definitiva dos *feuillets* impõem ainda uma cautela filológica. Conforme destaca Sofia (2012), o fato de que “[...] a maior parte dos manuscritos de Saussure chegou até nós em um estado fragmentário e desordenado, o que impede qualquer leitura teleológica do seu conjunto. [...]” (Sofia, 2012, p. 41 – tradução nossa)⁵⁹. No caso do *Agamemnon*, essa observação convida a considerar cada folha como um momento relativamente autônomo de trabalho, sem pressupor uma progressão linear ou um projeto editorial subjacente.

Ademais, a prática tradutória observável no manuscrito pode ser articulada à análise de Quijano & Montoya, para quem a tradução de *Agamemnon* realizada por Saussure constitui “[...] um verdadeiro laboratório onde convergem a teoria linguística, o estilo de escrita e a atividade pedagógica do professor-tradutor. [...]” (Quijano & Montoya, 2008, p. 211 – tradução nossa). As autoras destacam que a tradução não visa apenas a transpor o texto grego, mas a observar os efeitos de condensação e de reformulação produzidos pelas combinações sintagmáticas, perspectiva que encontra correspondência direta nas notas manuscritas.

Desse modo, esta página analisada pode ser compreendida como o registro de um trabalho de leitura e reformulação. As notas não conduzem a uma interpretação fechada de *Agamemnon*, mas acompanham um processo de análise no qual a tradução se integra à reflexão linguística. Essa perspectiva está de acordo com a leitura proposta de Milner, para quem a obra de Saussure, especialmente em seus manuscritos, se caracteriza por “[...] um pensamento que se constrói no exame minucioso das diferenças entre unidades. [...]” (Milner, 2002, p. 41 –

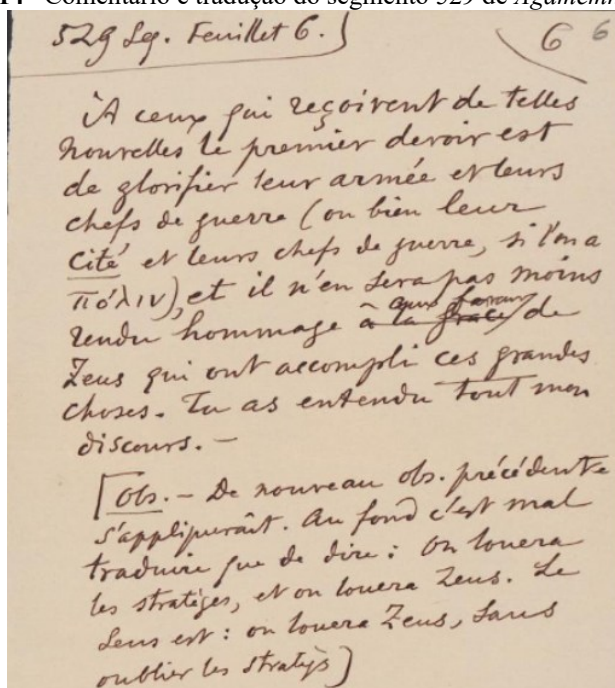
⁵⁷ Original: “[...] des zones où l'écriture ne marque pas une interruption du raisonnement, mais le maintien volontaire d'une réflexion en suspens. [...]”

⁵⁸ Original: “[...] le lieu d'un savoir en circulation, élaboré dans l'enseignement et non en dehors de lui. [...]”

⁵⁹ Original: “[...] la plus grande partie des manuscrits de Saussure nous est parvenue dans un état fragmentaire et désordonné, ce qui interdit toute lecture téléologique de leur ensemble. [...]”

tradução nossa)⁶⁰. A folha analisada pode ser lida à luz dessa observação, como um espaço em que a reflexão se elabora por meio da confrontação contínua entre línguas.

Figura 14– Comentário e tradução do segmento 529 de *Agamemnon*, f. 6



Fonte: Arch. de Saussure, 381/3

529 Seg. Folha 6

Aqueles que recebem tais notícias, o primeiro dever é glorificar seu exército e seus líderes de guerra (ou sua cidade e seus líderes de guerra, se houver Cidade-Estado), e não menos homenagens serão prestadas à ~~grace~~ ^{ao favor} de Zeus, que realizou essas grandes coisas. *Você* entendeu todo o meu discurso.

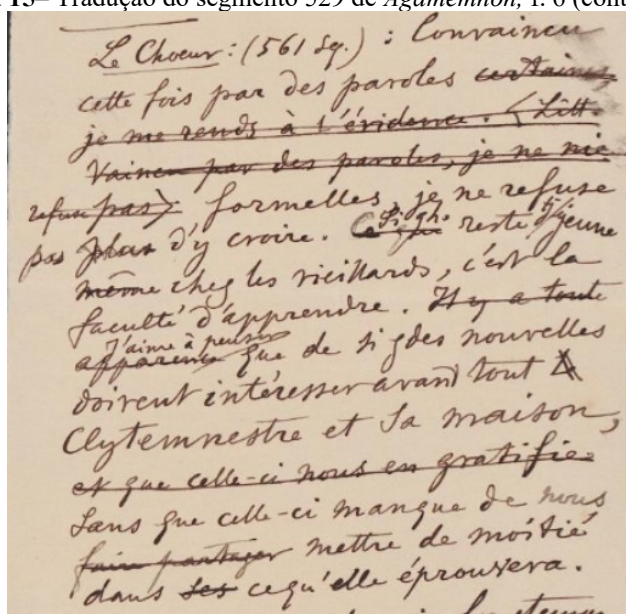
Obs. – A observação anterior se aplica novamente. Essencialmente, é uma tradução ruim dizer: “louvaremos os estrategistas e louvaremos Zeus”. O significado correto é: louvaremos Zeus, sem esquecer os estrategistas]

(grifo nosso)⁶¹

⁶⁰ Original: “[...] Une pensée qui se construit dans l'examen minutieux des différences entre unités. [...]”

⁶¹ 529 seg. Feuille 6. À ceux qui reçoivent de telles nouvelles le premier devoir est de glorifier leur armée et leurs chefs de guerre (ou bien leur cité et leurs chefs de guerre, si l'on a πόλιν), et il n'en sera pas moins rendu hommage à la ~~grace~~ ^{aux} ~~grâce~~ ^{favor} de Zeus qui ont accompli ces grandes choses. Tu as entendu tout mon discours. – [Obs. – De nouveau obs. précédente s'appliquerait au fond c'est mal traduire que de dire: on louera les stratèges, et on louera Zeus. Le sens est: on louera Zeus, sans oublier les stratèges]

Figura 15– Tradução do segmento 529 de Agamemnon, f. 6 (continuação)

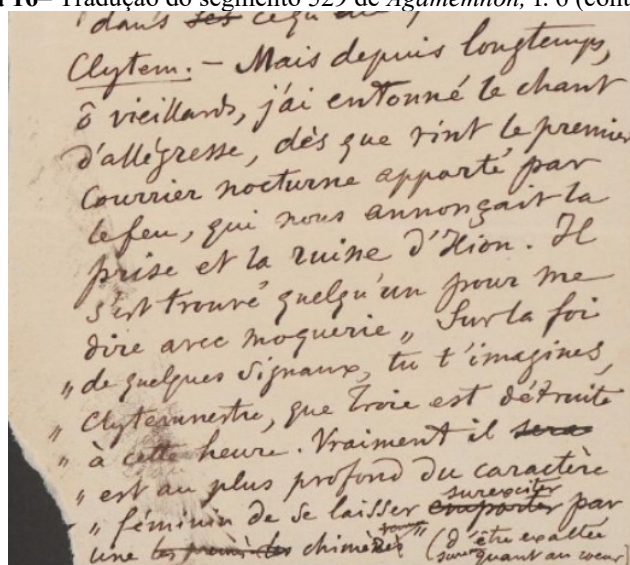


Fonte: Arch. de Saussure, 381/3

O Coro: (561 seg.): Convencido
 Desta vez por palavras certas palavras
 Eu me rendo às evidências. <Literalmente
 Derrotado por palavras, eu não
 Recuso> formais, não me recuso
 mais a acreditar. É que ^{Se a cada hora} permanece jovem
 para as mulheres idosas, é a
 capacidade de aprender. Há toda
 aparência ^{Gosto de pensar} que,
 se as notícias interessam a Clitemnestra e à sua família
 acima de tudo e que ela nos concede isso,
 sem que ela deixe de compartilhar
 o que vivenciará.⁶²

⁶² Le chœur: (561 seg.): Convaincu cette fois par des paroles certaines, je me rends à l'évidence. <Litt. Vaincu par des paroles, je ne me refuse pas> formelles je ne refuse pas plus d'y croire. Ce que ^{Si quelque chose} reste ^{toujour} jeune même chez les vieillares, c'est la faculté d'apprendre. Il y a toute apparence ^{J'aime à penser} que de si [] des nouvelles doivent intéresser avant tout Le Clytemnestre et sa maison, et que celle-ci nous en gratifie sans que celle-ci manque de nous faire partager mettre de moitié dans ses ce qu'elle éprouvera.

Figura 16– Tradução do segmento 529 de Agamemnon, f. 6 (continuação)



Fonte: Arch. de Saussure, 381/3

Clitem. – Mas, há muito tempo,
ô anciãos, tenho cantado a canção
da alegria, assim que chegou o primeiro
mensageiro noturno, trazido pelo
fogo, anunciado a
tomada e a queda de Troia. Alguém
se atreveu a me dizer,
em tom de escárnio “baseada em alguns sinais, imagine,
Clitemnestra, que Troia está destruída
nesta mesma hora. Na verdade, ~~será~~ é
do mais profundo do caráter
feminino de deixar-se levar^{surexciter} por
uma quimeiras (exaltar-se especialmente em assuntos
do desejo)⁶³

A folha acima, identificada como *feuille* 6, representada na Figura 14, pode ser lida como um prolongamento do trabalho anteriormente desenvolvido, mas com um deslocamento perceptível de foco: as notas concentram-se menos na enumeração de alternativas tradutórias isoladas e mais na articulação progressiva entre ocorrências textuais, imagéticas e valores que se encadeiam ao longo da tragédia. Esta página reúne passagens em francês que retomam segmentos do texto grego, acompanhadas por comentários que sugerem ajustes, reservas e retomadas, sem que se observe a intenções de fixar uma versão estabilizada.

⁶³ *Clitem.* – Mais depuis longtemps, ô vieillans, j’ai entonné le chant d’allgresse, dès qe vint le premier courrier nocturne apparté par le feu, qui nous annonçait la prise et la ruine d’Ilion. Il s’est trouvé quelqu’un pour me dire avec moquerie “sur la foi de quelques signaux, tu t’imagines, Clytemnestre, que Troie est détruite à cette heure. Vraiment il ~~sera~~ est au plus profond du caractère féminin de se laisser ~~emporter~~ ^{surexciter} par une ~~les premès les~~ chimènes” (d’être exaltée surtout quand au vœur)

Diferentemente de uma tradução linear, as notas parecem evidenciar que Saussure procede por aproximações sucessivas, retomando certas expressões, suspendendo outras e introduzindo comentários que funcionam como ensaios de formulação. Tal abordagem pode ser relacionada à observação de Normand, segundo a qual, nos manuscritos, o linguista “[...] não avança por demonstração contínua, mas por toques sucessivos, cada um colocando à prova uma possibilidade de formulação. [...]” (Normand, 2009b, p. 61). A folha analisada parece corresponder a esse procedimento, no qual cada formulação em francês funciona como uma hipótese provisória.

Um aspecto que destacamos nesta página é a frase “*tu as entendu mon discours*”, localizada na nona linha da Figura 14, cuja presença produz uma tonalidade enunciativa distinta no conjunto de notas. Diferentemente de outras passagens mais próximas da reformulação tradutória ou do comentário metalinguístico, essa frase remete a uma situação de endereçamento direto, que pode ser interpretada como um vestígio da oralidade do trabalho de Saussure e de sua relação com um destinatário implícito.

Sem recorrer a afirmações categóricas sobre a natureza desse destinatário, é possível observar que a segunda pessoa do singular não é um recurso frequente em traduções literárias propriamente ditas. Sua ocorrência sugere antes um gesto explicativo, no qual o autor retoma um percurso textual já realizado. Tal leitura encontra apoio em estudos de Silveira (2009), que ressaltam o modo como a escrita manuscrita de Saussure funciona como lugar de elaboração progressiva, no qual a reflexão se constrói por meio de retomadas, reformulações e esclarecimentos sucessivos: “[...] a escrita não se limita a registrar um resultado, mas acompanha o próprio movimento da reflexão, deixando visíveis os gestos de explicitação e de endereçamento que orientam o trabalho conceitual. [...]” (Silveira, 2009, p. 63).

A frase “*tu as entendu tout mon discours*” (nona linha, Figura 14) pode, assim, ser interpretada como um ponto de condensação dessa dimensão de endereçamento, na medida em que assinala a retomada de um percurso previamente desenvolvido e situa o leitor no encadeamento da exposição. Ela não introduz um novo argumento, mas retoma algo já dito, pressupõe uma sequência anterior e inscreve o leitor – real ou virtual – como alguém que acompanha um desenvolvimento progressivo. Esse modo de retomada é compatível com a descrição feita por François Rastier, segundo a qual:

[...] O pensamento saussuriano parece problemático porque ele problematiza: ao preferir os problemas às respostas apressadas, ele permanece, portanto, incompreendido pelas diversas correntes dogmáticas. Pertence, sem dúvida, à tradição outrora chamada de zetética. A exposição zetética define-se como

dialógica, pois os *realia* que ela constrói são dualidades que, como tais, escapam ao apodíctico. [...] (Rastier, 2009, p. 15 – tradução nossa)⁶⁴

Nesse sentido, a frase não deve ser isolada como um simples efeito estilístico, mas considerada em relação ao modo de produção do manuscrito. Como lembra Rudolf Engler, ao analisar a escrita saussuriana:

Os manuscritos mostram um pensamento que nunca se desprende completamente da situação de comunicação na qual é elaborado; mesmo quando escreve para si mesmo, Saussure conserva as marcas de uma exposição destinada a ser acompanhada. (Engler, [1968] 1989, p. 74 – tradução nossa)⁶⁵

A presença do “*tu*” pode ser compreendida como uma dessas marcas. Ademais, a formulação “*tout mon discours*” pode ser entendida como a ideia de continuidade e de totalidade discursiva. Não se trata de uma observação pontual, mas de um percurso argumentativo que se contrói no tempo. Essa preocupação com a progressão do dizer é coerente com a atenção que Saussure dedica, em diversos textos, à linearidade do discurso. No CLG, lê-se que “[...] O discurso se desenrola necessariamente no tempo, e é nessa sucessão que as unidades adquirem seu valor. [...]” (Saussure, [1916] 2012, p. 170). Embora essa afirmação se refira à língua, ela fornece um enquadramento teórico que ajuda a compreender a importância atribuída à ideia de ter “ouvido” um discurso completo.

Outrossim, a possível proximidade dessa nota com uma situação pedagógica foi destacada por pesquisadores como Testenoire. O estudioso francês assinala que:

[...] A tradução serve frequentemente de suporte para uma fala explicativa, orientada a um destinatário implícito, o que aproxima estas notas de um exercício de aula, em vez de um trabalho e tradução autônomo. [...]” (Testenoire, 2013, p. 189 – tradução nossa)⁶⁶

A frase apresentada e analisada na Figura 11 pode ser situada nesse horizonte, não como uma prova de endereçamento real a alunos, mas como o indício de um modo de enunciação que pressupõe um ouvinte. Assim, o destaque dado a “*tu as entendu tout mon discours*” permite compreender esta passagem como um espaço de reflexão tradutória no qual a escrita conserva marcas de explicação e comentário, organizada em sequência e dirigida a um outro. Essa

⁶⁴ Original: “[...] La pensée saussurienne semble problématique parce qu’elle problématise : en préférant les problèmes aux réponses hâtives, elle reste donc incomprise des divers courants dogmatiques. Elle appartient sans doute à la tradition dite jadis zététique. L’exposé zététique se définit comme dialogique, car les *realia* qu’il construit sont des dualités qui, comme telles, échappent à l’apodictique. [...]”

⁶⁵ Original: “Les manuscrits montrent une pensée qui ne se détache jamais complètement de la situation de communication dans laquelle elle est élaborée ; même lorsqu’il écrit pour lui-même, Saussure conserve les marques d’une exposition destinée à être accompagnée”.

⁶⁶ Original: “[...] La traduction sert souvent de support à une parole explicative, orientée vers un destinataire implicite, ce qui rapproche ces notes d’un exercice de cours, plutôt que d’un travail de traduction autonome. [...]”

observação contribui para compreender a natureza híbrida do manuscrito, no qual leitura, tradução e exposição se articulam sem se separar rigidamente.

Ao longo da folha, a presença do grego, embora menos ostensiva do que em outras páginas, continua a orientar a reflexão. O texto original não desaparece por trás das reformulações francesas; ao contrário, ele parece sustentar o exame das diferenças que surgem quando se tenta dizer de outro modo aquilo que o grego apresenta. Essa permanência do termo original pode ser relacionada à concepção segundo a qual a língua não oferece unidades dotadas de um conteúdo fixo.

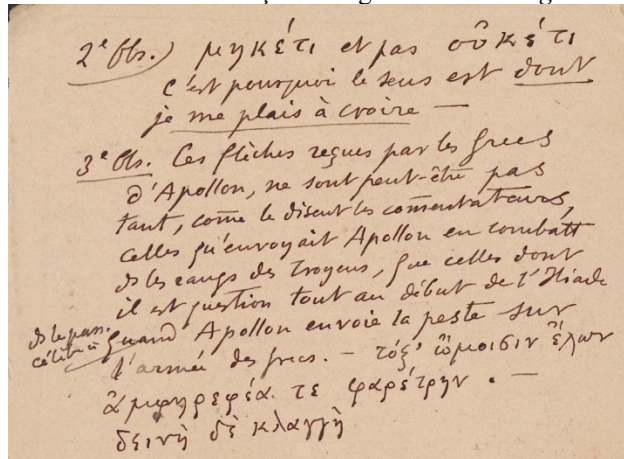
No plano metodológico, esta página também pode ser lida à luz da reflexão de Engler sobre os manuscritos saussurianos. O pesquisador observa que esses documentos mostram “[...] Um trabalho no qual se vê as noções se formarem a partir do exame paciente dos fatos linguísticos, sem separação entre a observação e a formulação. [...]”⁶⁷ (Engler, [1968] 1989, p. XXVII – tradução nossa).

Além disso, o modo como Saussure retoma certas imagens do texto trágico — ligadas à decisão humana, à ação e às suas consequências — sugere que o interesse não recai apenas sobre a unidade, mas sobre conjuntos de formulações que se respondem ao longo da tragédia. Essa atenção ao encadeamento pode ser relacionada à ideia de que o valor de uma unidade se define também por sua posição relativa em uma série. Embora essa formulação não seja desenvolvida de modo explícito no *Cours*, ela aparece em diversos apontamentos manuscritos, nos quais Saussure reitera que uma unidade linguística só adquire existência por meio dos laços diferenciais que trava com as demais.

Dessa forma, a folha 6 pode ser compreendida como um espaço em que leitura do texto trágico, reflexão linguística e prática tradutória se entrelaçam. A página não oferece conclusões nem soluções fixas, mas registra um movimento de elaboração no qual a tradução funciona como meio de observar as diferenças de valor entre línguas e entre formulações possíveis. Nesse sentido, Silveira (2007) assinala que, nos manuscritos de Saussure, “[...] a escrita não registra resultados estabilizados, mas o próprio percurso de elaboração conceitual, com suas retomadas, suspensões e reformulações [...]” (Silveira, 2007, p. 71).

⁶⁷ Original: “[...] La traduction sert souvent de support à une parole explicative, orientée vers un destinataire implicite, ce qui rapproche ces notes d'un exercice de cours, plutôt que d'un travail de traduction autonome. [...]”

Figura 17– Comentário de tradução do segmento 529 de *Agamemnon*, f.?



Fonte: Arch. de Saussure, 381/3

2^a Obs. Miketi e não Uketi,
é por isso que é o significado o qual
eu gosto de pensar -

3^a Obs. Essas flechas recebidas pelos gregos
de Apolo talvez não sejam
tanto, como dizem os comentaristas,
aqueles enviados por Apolo lutando
nos acampamentos dos troianos, mas aquelas
mencionadas logo no início da Iliada
na famosa passagem quando Apolo envia a peste para o
exército grego. --- arco como aqueles
que duvidaram da aljava. —
ele não chorou⁶⁸

No excerto analisado do manuscrito de tradução de *Agamemnon*, de Ésquilo, observa-se uma escolha inicial por parte de Saussure, que recai sobre o termo *Uketi*, cuja adequação à tradução do original grego mostra-se desafiadora, sob o ponto de vista da estética e da poética do texto. A manutenção da expressividade e da densidade simbólica da tragédia antiga requer, nesse caso, mais do que uma equivalência lexical: exige uma leitura atenta do texto, de suas implicações rítmicas e dos valores linguísticos mobilizados na construção da formulação. Saussure, considerando essas camadas de sentido, propõe alternativas tradutórias que se aproximam mais dos efeitos buscados pelo texto original, ao mesmo tempo em que evidencia para seus alunos quais elementos devem ser levados em consideração na operação tradutória.

Essa orientação torna-se evidente na seção do manuscrito intitulada *2^{ème} Observation*, na qual Saussure retoma a escolha inicial e explicita, de forma didática, qual seria a expressão

⁶⁸ 2^e Obs.: μηκέτι et pas οὐκέτι c'est pourquoi le sens est dont je me plais à croire - 3^e Obs.: Ces flèches reçues par les Grecs d'Apollon, ne sont peut-être pas tant, comme le disent les commentateurs, celles qu'envoyait Apollon en combattant dans les camps des Troyens, que celles dont il est question tout au début de l'Iliade dans le passage célèbre quand Apollon envoie la peste sur l'armée des Grecs.

--- τόξ' ὅμοισιν ἔχων ἀμφοτερέα τε φάρετρήν. —

grega mais indicada para o que fora proposto. Essa escolha não se dá com base em critérios extralinguísticos ou subjetivos, mas a partir da análise das relações internas da língua, como preconiza a Teoria do Valor (TdV). Nesse sentido, o valor do signo não está fixado por sua relação referencial com o mundo, mas pela oposição e pela diferença que estabelece com outros signos no interior da língua. É esse princípio que orienta a avaliação saussuriana sobre as escolhas tradutórias possíveis: traduzir não é encontrar uma equivalência isolada, mas reconstruir um valor em outra língua, levando em conta sua inserção na cadeia sintagmática e paradigmática da língua de chegada.

Além disso, no manuscrito do *Agamemnon*, a aplicação desse raciocínio no âmbito da tradução poética não é formulada de modo geral, mas pode ser observada em procedimentos concretos de escrita. As notas indicam que Saussure se detém em passagens nas quais a formulação em francês é retomada para acompanhar o encadeamento do período trágico e a disposição dos termos na construção. Esse funcionamento corresponde ao que Silveira descreve ao afirmar que, nos manuscritos, “[...] a escrita acompanha o próprio processo de elaboração, registrando reformulações sucessivas sem a exigência de um resultado estabilizado. [...]” (Silveira, 2007, p. 69).

Essa atenção manifesta-se na presença de comentários marginais, na retomada de uma mesma sequência, sob formulações distintas, e na manutenção de alternativas que não são imediatamente eliminadas. Tais procedimentos podem ser relacionados ao que Testenoire indica como zonas de trabalho em que a escrita “[...] conserva traços de hesitação e de espera, sem que isso signifique interrupção de raciocínio. [...]” (Testenoire, 2019, p. 118 – tradução nossa)⁶⁹. No manuscrito, essas suspensões permitem observar o tempo de análise, no qual diferentes possibilidades permanecem em coexistência.

Em vez de fixar uma equivalência única, Saussure registra observações que apontam dificuldades ligadas à disposição dos termos na formulação e à articulação semântica da passagem. As anotações indicam que a escolha tradutória é considerada em função das relações estabelecidas no interior do segmento analisado. Esse modo de proceder corresponde à observação de Normand, segundo a qual, nos manuscritos, Saussure “[...] procura tornar perceptíveis distinções que não se deixam apreender de imediato, retomando-as sob diferentes formulações. [...]” (Normand, 2009b, p. 63).

⁶⁹ Original: “[...] elle conserve des traces d'hésitation et d'attente, sans que cela ne signifie une interruption du raisonnement. [...]”

O manuscrito registra, assim, um trabalho de reformulação progressiva, no qual as propostas em francês são reavaliadas à medida que o texto grego é retomado em sua sequência. Esse funcionamento aproxima-se do que D'Ottavi descreve como um saber em elaboração no contexto do ensino, no qual “[...] o texto é lido e relido como lugar de problematização, e não como objeto a ser simplesmente traduzido. [...]” (D'Ottavi, 2012, p. 97 – tradução nossa)⁷⁰. A tradução aparece, nesse sentido, como instrumento de leitura e de análise.

Esse modo de proceder indica que aspectos recorrentes do texto trágico — como a repetição de imagens e a progressão das formulações — são considerados no próprio curso da reformulação. As anotações não introduzem esses elementos como comentários exteriores, mas os integram ao processo de escrita. Tal característica pode ser relacionada à observação de Sofia, para quem os manuscritos saussurianos “[...] não oferecem uma sequência linear de desenvolvimento, mas uma série de momentos relativamente autônomos de trabalho. [...]” (Sofia, 2012, p. 44 – tradução nossa)⁷¹.

Assim, a atenção às especificidades do texto trágico não se apresenta como princípio formulado de maneira geral, mas se constrói no exame pontual das passagens. Isso se observa no fato de que Saussure mantém o termo grego em coexistência com as formulações em francês, recorre a comentários explicativos e conserva, em certos casos, mais de uma possibilidade de tradução. Esse procedimento encontra ressonância na análise de Quijano & Montoya, segundo a qual a tradução do *Agamemnon* por Saussure “[...] funciona como um espaço de experimentação em que as escolhas são testadas e comparadas, sem a exigência de fixação imediata. [...]” (Quijano & Montoya, 2008, p. 213 – tradução nossa)⁷².

Nessa perspectiva, o manuscrito do *Agamemnon* pode ser descrito como um espaço de trabalho no qual a reflexão linguística e a prática tradutória se articulam no próprio ato da escrita. As exigências do trabalho de tradução aparecem inscritas nos comentários, nas reformulações e nas suspensões que se distribuem pela página, permitindo observar como os valores das formulações são considerados em relação às demais unidades do texto e ao encadeamento em que se inserem.

A passagem a seguir foi selecionada por permitir observar um momento em que Saussure registra mais de uma possibilidade de tradução para um mesmo segmento,

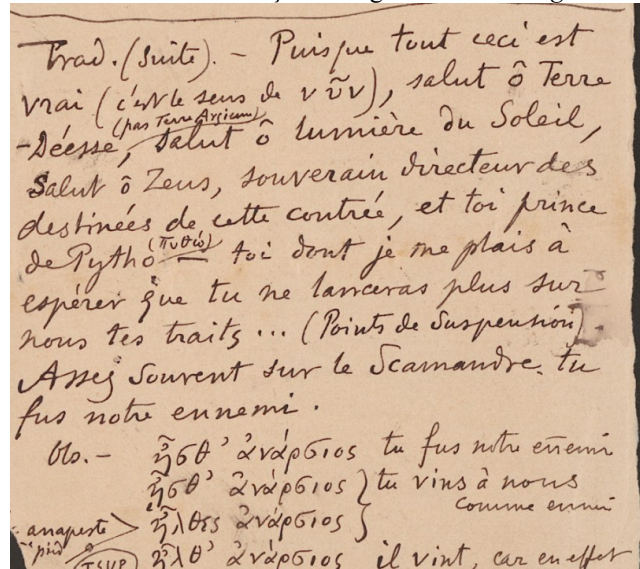
⁷⁰Original: “[...] ”le texte est lu et relu comme un lieu de problématisation, et non comme un objet à être simplement traduit. [...]”

⁷¹ Original: “[...] ne proposent pas une séquence linéaire de développement, mais une série de moments relativement autonomes de travail. [...]”

⁷² Original: “[...] il fonctionne comme un espace d'expérimentation où les choix sont testés et comparés, sans exigence de fixation immédiate. [...]”

acompanhando cada proposta com observações que indicam sua articulação com o encadeamento do texto e com as demais formulações em curso.

Figura 18– Comentário de tradução do segmento 529 de *Agamemnon*, f.?



Fonte: Arch de Saussure, 381/3

Trad. (continuação) - *Visto que tudo isso é verdade (este é o sentido de “agora”), saudação ó Terra*
 - *Deusa* ^{não Terra Argiana}, *saudação ó luz do Sol,*
saudação ó Zeus, soberano diretor dos
destinos desta região, e tu, príncipe de Pytho^{Pito} – tu a quem me
agradas
esperar que não lançarás mais
sobre nós teus dardos... (Pontos de suspensão)
Basta, sobre o Scamandro
fostes nosso inimigo.

Obs. - anapeste [] pé	ἦσθ' ἀνάρσιος	tu foste nosso inimigo
	ἦλθες ἀνάρσιος	tu vieste a nós
	ἦσθ' ἀνάρσιος	como inimigo
	ἦσθ' ἀνάρσιος ⁷³	<u>ele</u> veio, pois de fato

TSVP⁷⁴

⁷³ Optou-se por não traduzir essas formas gregas na transcrição, pois elas funcionam, no manuscrito, como variantes de trabalho colocadas em relação umas com as outras. A tradução nesse estágio implicaria fixar valores que o próprio manuscrito mantém em aberto. A transcrição visa preservar a materialidade e a disposição das formas, deixando a interpretação e a tradução para um momento analítico posterior.

⁷⁴ Trad. (Suite). – Puis que tout ceci est vrai (c'est le sens de vñv), salut ô Terre Déesse (pas Terre Argienne), salut ô lumière du Soleil, Salut ô Zeus, souverain directeur des destinées de cette contrée, et toi prince de Pytho (πυθώ) – toi dont je me plais à espérer que tu ne lanceras plus sur nous tes traits... (Point de suspension). Assez solvante sur le Scamandre tu fus notre ennemi. Obs - ἦσθ' ἀνάρσιος tu fus notre ennemi; ^{anapeste pied} ἦλθες ἀνάρσιος/ἦσθ' ἀνάρσιος tu vins à nous comme ennemi; ἦσθ' ἀνάρσιος il vint, car en effet TSVP

Na análise desta folha do manuscrito, observa-se novamente como as escolhas terminológicas de Saussure estão condicionadas pelo funcionamento da língua. O linguista apresenta noções que vão além da correspondência meramente lexical, abordando aspectos das relações diferenciais que sustentam o valor dos signos. A seção anotada como “*obs.*”, na décima primeira linha, indica diferentes possibilidades tradutórias e, ao apresentá-las, sugere nuances semânticas e estilísticas que podem ser relevantes para a preservação do sentido na língua de chegada.

Esse procedimento sugere uma compreensão da língua, por parte de Saussure, não como um repositório de nomes prontos para objetos ou ideias, mas como um conjunto dinâmico de relações. A escolha entre termos, aparentemente equivalentes, envolve efeitos sobre o sentido produzido. Para leitores menos atentos, tais distinções podem passar despercebidas, mas elas se relacionam com a operação da teoria do valor, que “[...] o valor de qualquer termo está determinado por aquilo que o rodeia; nem sequer da palavra ‘sol’ se pode fixar imediatamente o valor, sem levar em conta o que lhe existe em redor. [...]” (Saussure, [1916] 2012, p. 163). Ou seja, o valor não é uma propriedade intrínseca do signo, mas algo que emerge da rede de oposições na qual ele se insere.

A passagem anterior⁷⁵ também é elucidativa nesse ponto: “[...] o valor constitui, sem dúvida, um elemento de significação e é difícilimo saber como essa se distingue dele [...]”⁷⁶. Tal afirmação mostra que o valor não apenas complementa a significação, mas é constitutivo dela. O sentido não pode ser isolado em um signo individual; ele depende do campo de possibilidades que o cerca e das diferenças que o configuram. Isso é particularmente sensível no processo de tradução, no qual cada termo escolhido carrega, além de seu conteúdo semântico, um valor posicional na língua de chegada.

No manuscrito, Saussure sugere que a escolha de um termo se orienta pelo significado do original e pelas relações que esse termo mantém no interior da língua de chegada. Essa orientação é coerente com a TdV, pois revela que a tradução não pode ser pensada como um espelhamento direto entre signos, mas como uma reconstrução de valores no interior de outra língua. Em outras palavras, traduzir é rearticular o sentido, a partir de novas posições diferenciais, de novas oposições internas da língua.

Assim, a folha do manuscrito em questão pode ser compreendida como um espaço de articulação entre reflexão linguística e prática tradutória, no qual procedimentos de análise e de

⁷⁵ “o valor de qualquer termo está determinado por aquilo que o rodeia; nem sequer da palavra ‘sol’ se pode fixar imediatamente o valor, sem levar em conta o que lhe existe em redor” (Saussure, [1916] 2012, p. 163).

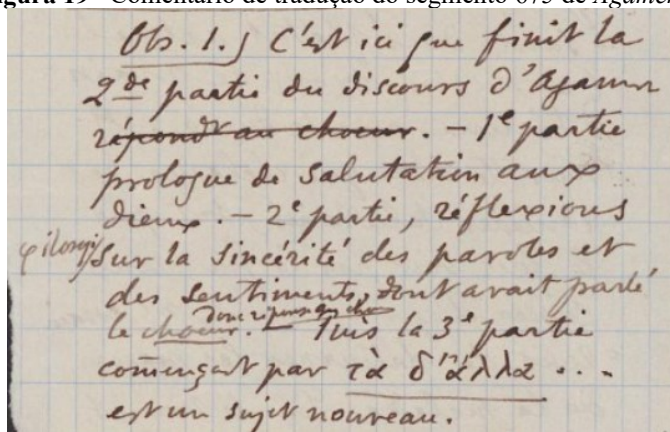
⁷⁶ CLG, [1916] 2012, p. 133.

reformulação se desenvolvem de modo indissociável. Conforme propõe Flores (2021), em seu livro *Saussure e a tradução*, a teoria do valor encontra na tradução um campo privilegiado de observação, na medida em que o sentido não se apresenta como conteúdo estável a ser transferido, mas como resultado de reconfigurações sucessivas entre formas. Nessa perspectiva, o trabalho de Saussure não se limita a considerações gramaticais ou estilísticas, mas inscreve-se em um horizonte epistemológico mais amplo, que conduz a uma problematização das próprias condições de significação e, por extensão, do ato de traduzir.

Na transcrição publicada por Quijano & Montoya nos *Cahiers Ferdinand de Saussure*, n.º 61 (2008), observa-se um esforço de Saussure para orientar pedagogicamente seus alunos por meio de anotações marginais e observações metalinguísticas que sugerem termos de tradução e explicitam os critérios dessas escolhas. A seção marcada como *obs.* (observações) no manuscrito é exemplo disso: nela, Saussure não apenas propõe variantes, mas sublinha as diferenças de valor entre os termos discutidos, revelando uma abordagem inteiramente coerente com sua Teoria do Valor (TdV).

Esse procedimento pedagógico não tem o objetivo de ensinar "palavras correspondentes" entre grego e francês, mas de fazer compreender como a significação se dá na e pela língua — ou seja, como o valor de um termo só se define por oposição aos demais, no interior da língua. Trata-se, portanto, de uma lição de tradução estabelecida na abordagem que valoriza as relações internas da língua, rompendo com a ideia tradicional de tradução como equivalência direta entre palavras.

Figura 19– Comentário de tradução do segmento 675 de *Agamemnon*, f. 22

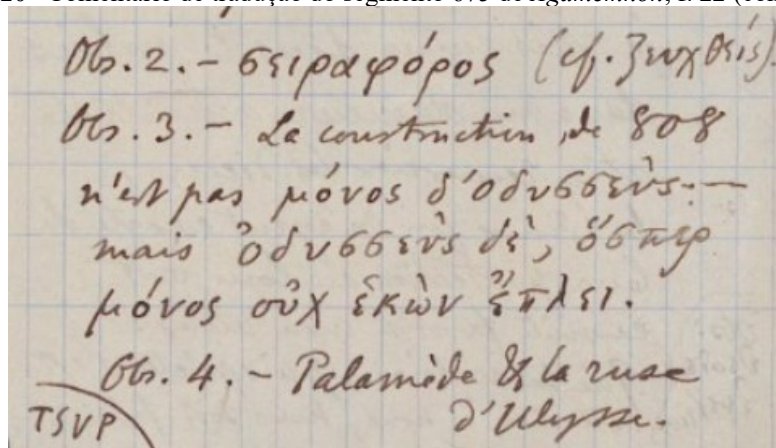


Fonte: Arch. de Saussure, 381/3

Obs. 1. É aqui que termina a segunda parte do discurso de Agamenon, ~~resposta ao coro~~. – 1ª parte: prólogo de saudação aos deuses. – 2ª parte, reflexões filosóficas sobre a sinceridade das palavras e

dos sentimentos, das quais havia falado o coro. Logo, repensa que – Além disso, a 3ª parte começava com “além do mais” ... é um novo assunto.⁷⁷

Figura 20– Comentário de tradução do segmento 675 de *Agamemnon*, f. 22 (continuação)



Fonte: Arch. de Saussure, 381/3

Obs. 2. – “cocheiro” (cf. “arreio”).

Obs. 3. – A construção de 808 não é “apenas Odisseu” – mas “Odisseu, por sua vez”, “aquele que, só, partiu sem querer”.

Obs. 4. - Palamedes e a astúcia de Ulisses.

Vire a página, por favor⁷⁸

Nesta passagem do manuscrito, observa-se com clareza o modo como Saussure procede à delimitação das unidades significativas a partir da organização interna do texto. A segmentação proposta não decorre de um recorte formal arbitrário, mas da identificação de mudanças no encadeamento temático e argumentativo da sequência. Nesse sentido, é possível estabelecer uma aproximação pontual com a noção de “unidade de tradução”, tal como formulada por Delisle & Lee-Jahnke (1999), entendida como um segmento que, em razão de sua função no conjunto textual, exige ser tratado de modo global no processo tradutório.

Obs. 1. É aqui que termina a segunda parte do discurso de Agamemnon, resposta ao coro. – Primeira parte: prólogo de saudação aos deuses. - Segunda parte: reflexões (filosóficas) sobre a sinceridade das palavras e dos sentimentos, das quais havia falado o coro. [Logo, repensa que] - A terceira parte começava por τὰ δ' ἄλλα... é um novo assunto. (Saussure, *Agamemnon*, apud. Quijano & Montoya, 2008, p. 187)

⁷⁷ Obs. 1. C'est ici que finit la 2^{de} partie du discours d'Agamemnon ~~repondre au chœur~~. 1^e partie prologue de salutation aux dieux. 2^e partie, réflexions philosophiques sur la sincérité des paroles et des sentiments, dont avait parlé de le chœur. ^{donc repense que} Puis que la 3^e partir commençait par τὰ δ' ἄλλα... est un sujet nouveau.

⁷⁸ Obs. 2. σεираφόρος (cf. ζευχίς). Obs. 3. – La construction de 808 n'est pas μόνος δ'Ὀδυσσεύς – mais Ὀδυσσεύς, ὅς περ μόνος οὐχ ἐκὼν ἐπλσι. Obs. 4. – Palamède & la ruse d'Ulysse. TVSP.

A observação registrada por Saussure — ao distinguir as diferentes partes do discurso de *Agamemnon* e ao indicar o ponto preciso em que se encerra um tema e se inicia outro (“τὰ δ’ ἄλλα...”) — explicita esse modo de proceder. Ao marcar a passagem para um novo assunto, Saussure evidencia que a delimitação da unidade se orienta pela reorganização das relações que sustentam a progressão do texto, e não pela simples soma de formas linguísticas isoladas.

Na primeira observação associada a essa figura, percebe-se, assim, que os signos não são tratados de maneira independente, mas apreendidos em função do valor que assumem na sequência em que se inserem. Essa dinâmica vai ao encontro da TdV exposta no *CLG*, evidenciando que a língua opera a partir de relações diferenciais, refutando a existência de unidades dotadas de qualquer positividade prévia. Nesse sentido, a unidade significativa — seja fonológica, lexical ou sintática — não possui valor em si, mas apenas em contraste com outras unidades da língua.

Quando Saussure assinala, nas margens do manuscrito, determinados segmentos que merecem atenção durante o processo tradutório, ele sugere, de maneira implícita, uma concepção relacional e funcional da linguagem, na qual o valor de cada elemento se define em relação aos demais na língua. Esses trechos destacados por ele não são necessariamente palavras isoladas, mas expressões, sintagmas ou organizacionais que, no âmbito da tragédia grega, assumem funções específicas. Tais unidades — que articulam conteúdo semântico, ritmo e efeito dramático — configuram-se como verdadeiras unidades de tradução, pois são irreduzíveis a simples equivalências lexicais.

Dessa forma, a leitura do manuscrito permite inferir que Saussure compreendia a tradução como um processo de reconstrução das relações de sentido entre os signos, e não como mera substituição lexical. Ao delimitar unidades que merecem tratamento específico, ele antecipa uma noção cara aos Estudos da Tradução contemporâneos: a de que a unidade tradutória não coincide, necessariamente, com a palavra, mas pode abranger segmentos maiores, desde que organizados em torno de relações internas que contribuem para sua coerência. Essa visão está em consonância com o princípio saussuriano de que o sentido é um produto das relações diferenciais entre os signos, e não uma propriedade intrínseca a qualquer unidade linguística isolada.

Além do exemplo analisado na Figura 20, outras passagens do manuscrito revelam a maneira como Saussure compreende e apresenta o funcionamento das unidades de tradução. Em diversos pontos, especialmente na seção anotada como *2^{ème} Observation*, o linguista sublinha que certas expressões gregas — ainda que superficiais ou de aparência simples — não

podem ser traduzidas de forma isolada, pois seu valor depende do campo discursivo e estilístico no qual estão inseridas.

Essa concepção está de acordo com a definição de unidade de tradução⁷⁹ apresentada por Delisle & Lee-Jahnke (1999), que consideram essa unidade como uma organização textual que deve ser preservada em bloco, por reunir elementos semânticos e funcionais que se anulam, se fragmentados. Saussure aplica esse princípio ao indicar, nos manuscritos, que o valor de determinados trechos se define em relação ao conjunto do texto. Assim, cabe ao tradutor reconhecer quando uma expressão funciona como uma unidade autônoma no nível do discurso, e não apenas da morfologia ou da sintaxe.

Em determinado trecho do manuscrito, Saussure discute o uso do termo grego *ἐξέβαλες* (*exebales*)⁸⁰, cuja tradução literal poderia ser “lançaste para fora” ou “expulsaste”. No entanto, ao refletir sobre sua tradução, ele leva em conta o conteúdo semântico do verbo e os efeitos dramáticos produzidos pelo ritmo, pela construção do verso e pela culpa trágica do personagem. Ele chega a anotar que a tradução mais fiel ao efeito do termo grego talvez não esteja em um único verbo francês, mas em uma circunlocução poética, como *tu l’as rejeté loin de toi*⁸¹, que, embora mais longa, preserva o efeito de violência e exclusão do original.

Esse gesto demonstra reconhecimento, por parte de Saussure, da dimensão funcional e estilística do signo. Em lugar de buscar um “equivalente” direto, ele tenta reconstruir o valor da construção grega em outra língua. E isso só é possível, porque ele reconhece que aquele verbo, em sua materialidade sonora e poética, constitui uma unidade de tradução — algo que, se fosse reduzido a um substituto lexical, perderia o sentido no novo sistema linguístico. Como adverte o linguista, por se tratar de uma dimensão essencialmente diferencial, o valor refuta estabilidades absolutas, configurando-se não como uma substância a priori, mas como efeito contínuo das delimitações recíprocas.

A análise dessas unidades de tradução indica como o linguista, mesmo antes da formalização dos Estudos da Tradução como disciplina autônoma, parecia operar com conceitos que viriam a ser fundamentais no campo. Ao compreender a tradução como um processo configurado por relações internas da língua — e não como uma simples transferência de conteúdo —, ele antecipa perspectivas que seriam retomadas por teóricos como Vinay & Darbelnet (1977), Eugene Nida (1964) e Jean-René Ladmiral (1989).

⁷⁹ "Um único elemento no texto de origem ou um grupo de elementos ligados por características semânticas ou formais e que os tradutores interpretam como uma única entidade em associação com o seu conhecimento situacional." (Delisle & Lee-Jahnke, 1999, p. 194 – tradução nossa).

⁸⁰ Exemplos, casos, exemplares.

⁸¹ Tu o rejeitaste para longe de ti.

Quijano e Montoya, em seu texto sobre o Saussure tradutor, expõe nesta passagem que “[...] Saussure destaca a seus alunos uma dessas unidades [de tradução] [...]” (Quijano & Montoya, 2008, p. 187 – tradução nossa)⁸². Com relação a essa ideia, as autoras também lançam mão de outra noção dos Estudos da Tradução: a “desverbalização”, desenvolvida por Lederer & Selestkovitch (1984), a qual não foi citada no primeiro capítulo desta pesquisa; mas relembremos, brevemente, seu conceito: “uma etapa do processo de tradução que, entre a compreensão do texto de partida e sua expressão em outra língua, opera uma ‘liberação’ [*affranchissement*] dos signos linguísticos, o que é necessário para a síntese do sentido”. (Flores, 2021, p. 146). A “desverbalização” é completada por uma “reverbalização”.

As autoras argumentam ainda que a prática da “desverbalização-reverbalização”⁸³ pode ser vista na tradução pedagógica elaborada por Saussure a partir de duas técnicas que o linguista utiliza: a tradução idiomática e a tradução literal. A partir do momento em que contrapõe estas duas modalidades, o linguista suíço apresenta, para seus alunos, o que Quijano & Montoya intitulam “[...] arbitrário do signo em ato. [...]”⁸⁴ (Quijano & Montoya, 2008, p. 190 – tradução nossa). Em um último ponto, as autoras argumentam que é possível ver, no conceito de “desverbalização-reverbalização a partir do fazer tradutório de Saussure, que é evidenciado no manuscrito, uma fundação inicial para alegar que o linguista aplica com a dinâmica de *langue-parole*”.

À luz das análises desenvolvidas ao longo deste capítulo, o manuscrito *Agamemnon* pode ser compreendido como um espaço privilegiado de observação do trabalho saussuriano em processo, no qual tradução, comentário e reflexão linguística se articulam sem se dissociarem rigidamente. As folhas examinadas permitem acompanhar como a escrita registra um movimento contínuo de formulação, marcado por retomadas, ajustes e suspensões, no qual as escolhas tradutórias não visam à fixação de equivalências estáveis, mas à exploração das relações que conferem valor às unidades consideradas. Nesse percurso, a presença simultânea do grego e do francês, as reformulações sucessivas, as rasuras e as observações marginais não constituem elementos acessórios, mas integram o próprio gesto analítico, tornando visível uma concepção de língua fundada na diferença, na relação e na não coincidência entre línguas. A

⁸² Original: “[...] Saussure explique à ses élèves l’une de ces unités [...]”

⁸³ “Desverbalização–reverbalização” é um par de operações cognitivas que marcam a transição do sentido extraído do original para a forma linguística adequada no texto/fala traduzidos — não uma mera substituição lexical, mas um processo de reconstrução do sentido com base em compreensão profunda e contextualizada. Essa abordagem desloca o foco da tradução como simples transferência de sinais linguísticos para tradução como transmissão de sentido. - Seleskovitch & Lederer (1984)

⁸⁴ Original: “[...] Arbitraire du signe en acte. [...]”

tradução passa a operar como espaço de investigação linguística, evidenciando tanto a arbitrariedade quanto o funcionamento relacional do valor. O manuscrito evidencia, assim, que a reflexão saussuriana se constrói no contato direto com a materialidade da escrita e com as dificuldades concretas colocadas pelo confronto entre línguas. Desse modo, o *Agamemnon* não oferece conclusões estabilizadas, mas permite situar a elaboração teórica em seu próprio movimento, reafirmando o interesse metodológico e epistemológico das fontes manuscritas para a compreensão da linguística geral e para a reflexão sobre a tradução enquanto prática de análise das relações de valor.

As análises desenvolvidas neste capítulo permitem compreender o manuscrito *Agamemnon* não como um conjunto de registros fac-similares tomados isoladamente, mas como um espaço de trabalho no qual se tornam observáveis procedimentos de leitura, comparação e reformulação que participam da elaboração da reflexão saussuriana sobre a língua. Ao situar esse manuscrito no interior desse conjunto de práticas, o capítulo mostra que a tradução aí realizada não constitui um exercício circunstancial, mas um momento em que se deixam entrever, em funcionamento, noções centrais como valor, diferença e articulação entre forma e significação, em consonância com os objetivos gerais da pesquisa.

Ao acompanhar de perto o gesto de escrita, as reformulações tradutórias e as observações que atravessam o documento, torna-se possível compreender como noções centrais da linguística geral — em particular o valor e a arbitrariedade — se deixam apreender não como princípios abstratos previamente formulados, mas como resultados de um trabalho progressivo de análise das relações entre unidades. Esse percurso conduz à passagem para as conclusões gerais do trabalho, nas quais se buscará retomar, de maneira articulada, as implicações teóricas e metodológicas dessa leitura dos manuscritos, bem como refletir sobre o alcance da prática tradutória saussuriana para a compreensão do funcionamento da língua e para o campo dos Estudos da Tradução.

Considerações finais

No início deste trabalho, propusemo-nos a examinar a tradução no interior da reflexão linguística de Ferdinand de Saussure, especificamente a partir do manuscrito que reúne sua tradução pedagógica do *Agamemnon*, no qual o gesto tradutório se apresenta indissociável de anotações, reformulações e comentários que acompanham o texto grego. Partimos da hipótese de que a tradução não constitui uma atividade secundária nem exclusivamente pedagógica, pode ser observada como um espaço no qual se tornam visíveis procedimentos analíticos da reflexão saussuriana sobre o funcionamento da língua.

Com esse objetivo, no Capítulo 1, *Saussure, a tradução e a língua grega*, dedicamo-nos a examinar a presença da língua grega no percurso intelectual de Saussure, tal como ela é reconstruída pela literatura especializada. A análise permitiu observar que o grego não comparece apenas como objeto de descrição filológica, mas como domínio de trabalho a partir do qual Saussure observa diferenças, delimita unidades e formula hipóteses sobre o funcionamento da língua. Nesse quadro, a tradução de *Agamemnon* foi situada em continuidade com esse modo de observação, não como resultado de um quadro conceitual previamente estabilizado, mas como prática integrada a um conjunto de procedimentos recorrentes no trabalho do linguista.

No Capítulo 2, *A arbitrariedade do signo e a teoria do valor*, a reflexão desenvolvida a partir da relação de Saussure com o grego e de sua prática tradutória é retomada e aprofundada por meio do exame das noções de arbitrariedade do signo e de valor linguístico. As questões colocadas pelo confronto com a língua grega e pelo trabalho de tradução, discutidas no capítulo anterior, tornam necessário explicitar os instrumentos conceituais que permitem compreender o funcionamento da língua tal como ele se deixa entrever nessas práticas. Assim, o capítulo recorre ao *Curso de Linguística Geral*, a conjuntos de manuscritos e a leituras da fortuna crítica, não para instaurar um novo ponto de partida teórico, mas para dar continuidade a uma reflexão já em curso.

O exame dessas noções permitiu mostrar que elas se articulam em uma concepção relacional da língua, segundo a qual as unidades não possuem valor por si mesmas, mas em função das relações que mantêm entre si. A partir desse enquadramento, foi possível discutir de que modo a ausência de correspondência direta entre formas de línguas distintas coloca problemas específicos para a tradução, evidenciando deslocamentos de valor decorrentes da reorganização das relações internas de cada língua.

No Capítulo 3, *O manuscrito Agamemnon como prática como prática de tradução e a observação do valor linguístico*, analisamos o manuscrito que contém a tradução pedagógica

de *Agamemnon* de Ésquilo. A leitura do *fac-símile*, acompanhada de sua transcrição e tradução, permitiu considerar o manuscrito como espaço de elaboração, no qual rasuras, reformulações e notas indicam um trabalho em andamento. A análise mostrou que, nesse documento, a prática tradutória não se orienta pela busca de equivalências estáveis, mas por ajustes sucessivos entre formas, comentários e reformulações, o que torna observáveis deslocamentos de valor e confirma a pertinência das noções discutidas nos capítulos anteriores.

A partir do percurso desenvolvido, foi possível observar que a tradução, tal como praticada por Saussure no manuscrito de *Agamemnon*, não pode ser dissociada de sua reflexão linguística mais ampla. Ao confrontar línguas distintas, a prática tradutória coloca em evidência a arbitrariedade constitutiva do signo e a dependência do valor em relação às configurações internas de cada língua. Nesse sentido, a tradução se apresenta como um lugar a partir do qual é possível observar, em funcionamento, princípios que atravessam a reflexão saussuriana sobre a linguagem.

Desse modo, este trabalho procurou contribuir para uma leitura da tradução em Saussure que a considere como prática integrada ao seu modo de observação linguística. Ao examinar a tradução do *Agamemnon* em articulação com a língua grega e com as noções de arbitrariedade e de valor, buscou-se mostrar que a tradução pode ser tomada como um espaço no qual se tornam visíveis as relações que sustentam o funcionamento da língua, sem que isso implique atribuir a essa prática um estatuto secundário ou ilustrativo no conjunto da reflexão saussuriana.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BENJAMIN, Walter. A tarefa do tradutor. In: **BENJAMIN, Walter. Escritos sobre mito e linguagem (1915-1921)**. Organização, apresentação e notas de Jeanne Marie Gagnebin. Tradução de Susana Kampff Lages e Ernani Chaves. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2013. pp. 101-119.
- CALVET, Louis-Jean. Le jeu du signe: de Saussure à la sociolinguistique. Paris: Hachette, 2010.
- COELHO, Micaela. As notas preparatórias para o terceiro curso de Saussure. In.: **Crátulo**, Patos de Minas, v. 3, n. 2, 2013. Disponível em: <https://revistas.unipam.edu.br/index.php/cratulo/article/view/3944>. Acesso em: 20 maio 2025.
- DE CAMPOS SILVA, Charles; SEIDEL, Verônica. Noção de valor e/na tradução: um problema de linguística geral? *Prolíngua*, João Pessoa, v. 11, n. 2, 2016.
- DE MAURO, Tullio. Notes bibliographiques et critiques sur F. de Saussure. In: SAUSSURE, Ferdinand de. **Cours de linguistique générale**. Édition critique préparée par Tullio De Mauro. Paris: Payot, 1967.
- DELISLE, Jean; LEE-JAHNKE, Hannelore; CORMIER, Monique (org.). **Terminologie de la traduction**. Amsterdã; Filadelfia: John Benjamins, 1999.
- D'OTTAVI, Giuseppe. Genèse d'un écrit saussurien : de la « théosophie » à une approche de la subjectivité. In.: **Genesis**. v. 35, 2012. Acesso em: 12 de janeiro de 2026. Disponível em: <http://journals.openedition.org/genesis/1065>
- ENGLER, Rudolf. Théorie et critique d'un principe saussurien: l'arbitraire du signe. In.: **Cahiers Ferdinand de Saussure**, Genebra: Droz, v. 19, 1962.
- _____. **Cours de linguistique générale: édition critique**. Genebra: Droz, 1968.
- _____. **Saussure: cours, écrits, sources**. Paris: Seuil, 1989.
- FLORES, Valdir do Nascimento. **Saussure e a tradução**. Brasília: Editora UnB, 2021. DOI: <https://doi.org/10.7476/9786558460558>
- GODEL, Robert. **Saussure: les sources manuscrites du Cours de linguistique générale**. Genebra: Droz, 1957.
- HENRIQUES, Stefania. O princípio da arbitrariedade e a referência em Ferdinand de Saussure. In.: **Revista Escrita**, Belford Roxo, v. 3, n. 1B, p. 189–202, 2012. Disponível em: <https://revista.uniabeu.edu.br/index.php/RE/article/view/288>. Acesso em: 23 abr. 2025.
- _____. **Saussure: manuscritos e aulas**. Uberlândia: EDUFU, 2022. Disponível em:

<https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/36554/5/SaussureManuscritosAulas.pdf>.

Acesso em: 12 jun. 2025.

JOSEPH, John. **Saussure**. Tradução de Bruno Turra. Campinas: Editora UNICAMP, 2023.

LO PIPARO, Franco. Saussure et les Grecs. In. : **Cahiers Ferdinand de Saussure**, n. 60, p. 139-162, 2007. Acesso em: 12 de janeiro de 2026. Disponível em: https://www.cercleferdinanddesaussure.org/CFS/Volume_60_2007.pdf

MARQUES, Allana. Significação: a elaboração de uma noção saussuriana no CLG. In: **Anais do SILEL**. Uberlândia: EDUFU, v. 3, n. 1, 2013. Disponível em: https://www.ileel.ufu.br/anaisdosilel/wp-content/uploads/2014/04/silel2013_1831.pdf. Acesso em: 23 maio 2025.

MESCHONNIC, Henri. **Poética do traduzir**. Tradução de Jerusa Pires Ferreira; Suely Fenerich. São Paulo: Perspectiva, 2010.

MILNER, Jean-Claude. Saussure – retour à Saussure. In: MILNER, Jean-Claude. **Le périple structural: figures et paradigme**. Paris: Seuil, 2002.

MORPUGO DAVIES, Anna (org.). **The Cambridge companion to Saussure**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004. DOI: <https://doi.org/10.1017/S2753906700000802>

NORMAND, Claudine. **Convite à linguística**. Organização de Valdir do Nascimento Flores e Leci Borges Barbisan. Tradução de Cristina de Campos Velho Birck et. al. São Paulo: Contexto, 2009a.

_____. **Saussure**. Traduzido por Ana Maria de Alencar e Marcelo Diniz. São Paulo: Estação Liberdade, 2009b.

OUSTINOFF, Michaël. **Tradução: história, teorias e métodos**. São Paulo: Parábola, 2011.

QUIJANO, Claudia. Los ecos de la ausencia. In.: **Literatura: teoría, historia, crítica**, Bogotá, v. 2, p. 117–146, 2017. Disponível em: <https://revistas.unal.edu.co/index.php/lthc/article/view/63682>. Acesso em: 24 nov. 2024.

QUIJANO, Claudia; MONTROYA, Natalia. Ferdinand de Saussure, traducteur. In. : **Cahiers Ferdinand de Saussure**, Genebra, n. 61, p. 175–198, 2008.

RASTIER, François. Saussure et les textes: de la philologie des textes saussuriens à la théorie saussurienne des textes. In.: **Texto! Textes et cultures**, v. 14, n. 3, 2009. Disponível em: https://www.revue-texto.net/docannexe/file/2420/texto_saussure_et_les_textes_rastier.pdf/.

Acesso em: 13 outubro de 2025.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. Org. Charles Bally e Albert Sechehaye; com a colaboração de Albert Riedlinger. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 28. ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

_____. *Ἀγαμέμνων*. In.: **Mémoires de La Société de Linguistique de Paris**, Paris, v. 4, p. 403, 1881. Disponível em: <https://archive.org/details/mmoiresling04soci/page/n9/mode/2up>. Acesso em: 02 de maio de 2025.

_____. **Deuxième Cours de Linguistique Générale (1908-1909)**. D'après les cahiers d'Albert Riedlinger et Charles Patois/ Saussure's second course of lectures on general linguistics (1910-1911): from the notebooks of Albert Riedlinger and Charles Patois. French text edited by Eisuke Komatsu e English text edited by George Wolf. Pergamon Press, 1997.

_____. **Eschyle, Agamemnon**. Manuscrito. Bibliothèque de Genève, AdS 381/3, [1896?]. Disponível em: <https://archives.bge-geneve.ch>. Acesso em: 24 março 2024.

_____. Eschyle, Agamemnon. Transcrição por Natalia Restrepo Montoya e Claudia Mejía Quijano. In.: **Cahiers Ferdinand de Saussure**, Genebra, n. 61, 2008.

_____. **Escritos de linguística geral**. Organização e edição de Simon Bouquet e Rudolf Engler. Tradução de Carlos Alberto Vogt e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 2004.

_____. Le troisième cours de linguistique générale (1910-1911): *d'après les cahiers d'Émile Constantin*. Edição e apresentação de Daniele Gambarara. In.: **Cahiers Ferdinand de Saussure**, Genebra, v. 58, p. 29-42, 2005. Disponível em: https://www.cercleferdinanddesaussure.org/CFS/Volume_58_2006.pdf. Acesso em: 12 de maio de 2025. DOI: <https://doi.org/10.4324/9780203340073-8>

_____. Essai pour réduire les mots du grec, du latin & de l'allemand à un petit nombre de racines. In.: **Cahiers Ferdinand de Saussure**, Genebra, v. 32, p. 77-101, 1978. https://www.cercleferdinanddesaussure.org/CFS/Volume_32_1978.pdf. Acesso em: 17 de setembro de 2025.

SELESKOVITCH, Danica; LEDERER, Marianne. **Interpréter pour traduire**. Paris: Didier Érudition, 1984.

SILVEIRA, Eliane. **As marcas do movimento de Saussure na fundação da linguística**. Campinas: Mercado de Letras, 2007.

_____. A teoria do valor no Curso de Linguística Geral. *Letras & Letras*, Uberlândia, v. 25, n. 1, p. 39–54, 2009. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/letraseletras/article/view/25469>. Acesso em: 7 maio 2024.

_____. Entre a compreensão e a rasura, três leituras de um manuscrito de Ferdinand de Saussure. In: PINHEIRO, Clemilton Lopes; OLIVEIRA, Eduardo Calil de; LIMA, Maria Hozanete Alves de (org.). **Diálogos: Saussure e os estudos linguísticos contemporâneos**. Natal: EDUFRN, 2015. v. 1, p. 113-120. DOI: <https://doi.org/10.2307/j.ctv21ptt3g.22>

_____. A invenção do linguista: Saussure entre os manuscritos e o Curso de Linguística Geral. In.: **Estudos Linguísticos**, v. 51, n. 1, 2022, p. 415–427. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/3349/2091>. Acesso em: 12 de janeiro de 2026. DOI: <https://doi.org/10.21165/el.v51i1.3349>

_____. **A aventura de Saussure**. 1. ed. Campinas, SP: Editora da Abralin, 2022. 178 p. (Altos Estudos em Linguística). Disponível em: <https://editora.abralin.org/wp-content/uploads/2022/12/A-Aventura-de-Saussure.pdf>. Acesso em: 04 de junho de 2024.

SOFIA, Estanislao. Sur le concept de valeur pure. In.: **Letras & Letras**, Uberlândia, v. 25, n. 1, p. 77–108, 2009. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/letraseletras/article/view/25468>. Acesso em: 12 fev. 2025. DOI : <https://doi.org/10.1525/curh.2009.108.715.77>

_____. Quelques problèmes philologiques posés par l'œuvre de Ferdinand de Saussure. In. : **Langages**, v. 185, n. 1, p. 35-50, 2012. DOI : <https://doi.org/10.3917/lang.185.0035>

STAROBINSKI, Jean. Saussure entre linguistique et anthropologie. In. : **Critique**, Paris, v. 106, p. 195–213, 1957.

_____. **Les mots sous les mots**. Paris: Gallimard, 1971.

TESTENOIRE, Pierre-Yves. **Ferdinand de Saussure, la traduction et la linguistique**. Paris: Kimé, 2008.

_____. Des Anagrammes chez Homère ? De Saussure aux commentateurs anciens. In.: **Lalies [Langues et littérature : actes des sessions de linguistique et de littérature]**, 2016, 30, p. 215-231. Disponível em: <https://shs.hal.science/halshs-01300202v1/document>. Acesso em: 25 de agosto de 2025. DOI: <https://doi.org/10.13110/antipodes.30.1.0231>

_____. Blancs d'attente vs blancs d'interruption : propositions pour une description des blancs de l'écriture manuscrite. In.: **Linguistique de l'écrit**, 2019, 1, p.7 (1-

152). Disponível em: <https://hal.science/hal-02402160v1>. Acesso em: 25 de agosto de 2025.
DOI: <https://doi.org/10.19079/lde.2019.1.7>

_____. Saussure e a poética comparada. Tradução de Clemilton Lopes Pinheiro e Eulália Vera Lúcia Fraga Leurquin. In.: **Eutomia**, Recife, v. 16, n. 1, p. 275–303, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/EUTOMIA/article/view/1938/pdf>. Acesso em: 14 de setembro de 2025.

VIEIRA, Trajano. Poeta oracular. In.: **Phaos: Revista de Estudos Clássicos**, Campinas, n. 6, 2012. Disponível em: <https://econtents.sbu.unicamp.br/inpec/index.php/phaos/article/view/9533>. Acesso em: 12 de abril de 2026.

VINAY, Jean-Paul; DARBELNET, Jean. **Stylistique comparée du français et de l'anglais**. Paris: Didier, 1977.